



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

MARIA DAS GRAÇAS FERNANDES TORRES

REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO
DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR

GOIÂNIA

2017

MARIA DAS GRAÇAS FERNANDES TORRES

**REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO
DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Lila Maria Spadoni Lemes

GOIÂNIA

2017

T693r

Torres, Maria das Graças Fernandes

Redes sociais como mediação pedagógica[manuscrito]
um estudo de caso das representações sociais no ensino
superior/ Maria das Graças Fernandes Torres.-- 2017.

148 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Educação, Goiânia, 2017

Inclui referências f. 126-132

1. Redes de relações sociais - Educação. 2. Redes
sociais on-line. 3. Ensino superior - Efeito das inovações
tecnológicas. 4. Didática. I.Lemes, Lila Maria Spadoni.
II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III.

Título.

CDU: 37:316.472.4(043)

**REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO
DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 26 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Lila Maria Spadoni Lemes / PUC Goiás (Presidente)



Profa. Dra. Paula Franassinetti de Moraes Dantas Vieira / IFG



Profa. Dra. Béatriz Aparecida Zanatta / PUC Goiás

Profa. Dra. Cláudia Valente Cavalcante / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Margareth Regina Gomes Verissimo de Faria / UniEvangélica (Suplente)

Aos meus pais, pela educação e pelo amor incondicional que me trouxeram até aqui. Ao meu esposo Rogério, pelo incentivo e paciência nesse longo e árduo caminho, sendo sempre o norte da minha vida. Às minhas filhas, Sofia e Laura, por entenderem que o tempo que deixei de compartilhar com elas era em prol de um sonho que eu tinha que viver sozinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pelo dom de compartilhar conhecimentos.

À minha família, pelo apoio e suporte necessários nesta árdua caminhada.

Ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pela oportunidade e pelo carinho recebido por todos os professores e funcionários da instituição.

Aos colegas do Mestrado, que dividiram tantas angústias e ansiedades nestes últimos três anos e pelo suporte dos amigos Fabrício Cardoso, Júlio César e Gisele Lourenço, tranquilizando-me durante a banca de qualificação e defesa deste trabalho.

Aos professores, alunos e egressos do curso de Design de Moda da Universidade Salgado de Oliveira, Campus Goiânia, por dedicarem um precioso tempo à coleta de dados desta pesquisa.

Às professoras que participaram da banca de qualificação, Dra. Beatriz Aparecida Zanatta e Dra. Paula Franssinetti de Moraes Dantas Vieira, pelas valiosas sugestões e orientações que muito contribuíram para o enriquecimento deste trabalho e por estarem presentes durante a conclusão do mesmo.

E agradeço, principalmente, pela oportunidade de ter sido orientada pela Profa. Dra. Lila Maria Spadoni Lemes, que acreditou tanto neste projeto e me devolveu a vontade de concluí-lo. A você, minha eterna gratidão!

“Um dos resultados mais apaixonantes da profissão de educar é que, junto com novos conhecimentos, provoca-se nos alunos a aparição de novas formas de pensar e de atuar que geram novos recursos intelectuais”

Gilmara Lupion Moreno

RESUMO

Torres, Graça. **REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2017.

Esta dissertação tem por objetivo verificar como acontece o uso das redes sociais, enquanto ferramenta ou instrumento que pode ser utilizado pelo professor em seu papel de mediação, no processo de ensino e de aprendizagem. Ela tem como fundamentação teórica as obras de Vygotsky e Moscovici, além de recorrer a outros autores que contribuem para a temática como Araújo (2012), Gabriel (2010), Moran (2013), Peixoto (2019^a, 2011, 2016) e Sancho (2012). Considera-se este um campo fértil para a pesquisa e, por esse motivo, propomos, por meio deste projeto, estudar o uso dessas redes sociais na Educação levando em consideração a mediação que pode acontecer com as intervenções intencionais dos professores. Trata-se de um estudo de caso (GODOY, 1995) que utiliza métodos qualitativos e quantitativos. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2016 em uma IES privada em Goiânia, no curso de moda, que utiliza as redes sociais em um trabalho avaliativo interdisciplinar no qual o aluno precisa criar um conceito e uma coleção de roupas que podem ser postados e avaliados por meio do *facebook*. Os dados foram coletados mediante a participação de sete professores envolvidos em um grupo focal que concordaram em discutir o trabalho interdisciplinar na modalidade presencial e virtual. Além disso, contou também com a participação de 192 alunos e egressos que responderam *on line*, a um questionário composto de 26 questões abertas e fechadas. As questões versavam sobre a experiência dos alunos ao apresentar os trabalhos acadêmicos virtualmente, seu envolvimento com as redes sociais e as habilidades e competências adquiridas com a atividade, além de verificarem acerca da participação do professor como mediador no processo de ensino e aprendizagem. O estudo de caso possibilitou analisar as teorias do senso comum (MOSCOVICI, 2011) construídas coletivamente a partir de uma experiência vivida por um grupo social que, neste caso, caracterizou-se pela participação de todos os envolvidos no trabalho interdisciplinar que culminava em uma postagem na rede social *facebook*. A análise dos dados aponta para alguns conflitos entre a compreensão dos alunos e dos professores sobre o valor pedagógico do uso das redes sociais. Eles são discutidos buscando clarear as principais conclusões e respondendo ao problema e aos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: educação, *facebook*, redes sociais, TIC, didática, representações sociais.

ABSTRACT

Torres, Graça. **SOCIAL NETWORKS AS MEDIATION OF THE TEACHING PROCESS LEARNING.** 149 p. Dissertation (Master in Education). Stricto Sensu Post-Graduate Program in Education, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

The objective of this study is the analysis the use of social networks as a tool or instrument used by the teacher in his/her role of mediation in the teaching and learning process. Its theoretical foundation relies on the works of Vygostky and Moscovici, in addition to using other authors who contribute to the theme as Araújo (2012), Gabriel (2010), Moran (2013), Sancho (2012) and Peixoto (2019a, 2011, 2016). This is considered a fertile research field and, for this reason, we propose, through this project, to study the use of these social networks in Education taking into account the mediation that can happen with the intentional interventions of the teachers. It is a case study (GODOY, 1995) that relies on qualitative and quantitative methods. The data were collected in the first semester of 2016 in a private higher education institution in Goiânia, in the fashion design course, that uses social networks in an interdisciplinary evaluative work in which the student needs to devise a concept and a collection of clothes that can be posted and evaluated through *facebook*. Seven teachers involved in a focus group agreed to discuss this interdisciplinary work virtually and also involving a face to face interaction. In addition, 192 participants (among students and former ones) answered an online questionnaire composed of 26 open and closed questions. The questions dealt about the students' experience in presenting the academic papers virtually, their involvement with social networks and the skills and competences acquired from the activity, as well as verifying the participation of the teacher as a mediator in the teaching and learning process. The case study made it possible to analyze the common-sense theories (MOSCOVICI, 2011) collectively constructed from an experience lived by a social group that, in this case, was characterized by the participation of the ones involved with the interdisciplinary work that culminated in a post in the social network *facebook*. The analysis of the data indicates some conflicts between the students' and teachers' understanding of the pedagogical value of the use of social networks. They are discussed seeking to clarify the main conclusions and also to answer the problem and the objectives of the research.

Keywords: education, facebook, social networks, ICT, didactics, social representations.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Redes sem escala | 24 |
| Figura 2 – Analogia entre experiência com as redes sociais, mediação, conversações ordinárias e representação social..... | 52 |
| Figura 3 – Print de uma publicação de trabalho acadêmico apresentado na Semana de Moda | 57 |
| Figura 4 – Print de uma publicação de trabalho acadêmico apresentado na Semana de Moda | 65 |
| Figura 5 – Ilustração da intensidade do relacionamento de coeficientes de correlação positivos e negativos | 69 |
| Figura 6 – Comparação entre as variáveis que descrevem a experiência realizada | 99 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Participantes da pesquisa | 63 |
| Gráfico 2 – Sexo..... | 63 |
| Gráfico 3 – Uso de redes sociais..... | 84 |
| Gráfico 4 – Local de acesso à internet..... | 85 |
| Gráfico 5 – Número e/ou porcentagem de alunos que apresentaram trabalhos na semana de moda..... | 87 |
| Gráfico 6 – Experiência na apresentação do trabalho..... | 90 |
| Gráfico 7 – Divulgação colabora com o processo de ensino e aprendizagem? | 94 |
| Gráfico 8 – Benefícios das postagens | 95 |
| Gráfico 9 – Comparação entre as variáveis que descrevem a experiência realizada | 99 |
| Gráfico 10 – Avaliação do professor que solicita postar trabalhos | 100 |
| Gráfico 11 – Preparação para postar trabalhos | 101 |
| Gráfico 12 – Importância do professor na preparação do trabalho | 106 |
| Gráfico 13 – Importância do professor na apresentação do trabalho..... | 107 |
| Gráfico 14 – Avaliação do professor sobre postagens de trabalhos..... | 110 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Trabalhos encontrados no Banco da CAPES entre 2011 e 2015 referentes a Redes Sociais, <i>Facebook</i> e Processo de ensino e de aprendizagem... | 33 |
| Quadro 2 – Análise dos trabalhos encontrados no Banco de Tese da CAPES entre 2011 e 2015 referentes a Redes Sociais, <i>facebook</i> e Processo de ensino e de aprendizagem..... | 36 |
| Quadro 3 – Descrição dos participantes do grupo focal | 60 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 – Estatística descritiva sobre a média de uso, minutos e frequência de postagens na internet..... | 84 |
| Tabela 2 – Correlações de Spearman com $p < ,05000$ | 86 |
| Tabela 3 – Tipo de apresentação do trabalho na semana de moda por situação acadêmica dos alunos..... | 89 |
| Tabela 4 – Correlação bivariada entre apresentação do trabalho virtual ou presencial | 92 |
| Tabela 5 – Correlação bivariada entre tipo de apresentação do trabalho virtual e/ou presencial..... | 93 |
| Tabela 6 – Média das avaliações dos alunos numa escala de 01 a 04 quanto a experiência, a importância de apresentar e a importância do professor na preparação e apresentação do trabalho na Semana de moda..... | 97 |
| Tabela 7 – Variáveis médias da avaliação do professor que solicita postagens em redes sociais, preparação, importância, divulgação, contribuição e benefícios | 101 |
| Tabela 8 – Correlações de Spearman entre as variáveis sobre a avaliação dos alunos sobre a postagem do trabalho e os hábitos pessoais relativos à mídia social. | 103 |
| Tabela 9 – Contribuição do professor na orientação do trabalho acadêmico..... | 108 |
| Tabela 10 – Correlações bivariadas entre o nível de importância do professor no processo de preparar o trabalho e na apresentação do trabalho | 111 |
| Tabela 11 – Correlações bivariadas entre a experiência de apresentar o trabalho e sua importância na formação profissional do aluno. Correlações de Spearman com $p < ,05000$ | 111 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ABTE | Associação Brasileira de Tecnologia Educacional |
| ACONTEC | Conferência Nacional de Tecnologia em Educação Aplicada |
| ARPA | Advanced Research Projects Agency |
| AVA | Ambiente Virtual de Aprendizagem |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CE/IE | Comissão Especial de Informática na Educação |
| EAD | Ensino a Distância |
| EUA | Estados Unidos da América |
| IES | Instituição de Ensino Superior |
| IP | Internet Protocol |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| NTE | Núcleo de Tecnologia Educacional |
| PUC | Pontifícia Universidade Católica |
| REA | Recursos Educacionais Abertos |
| TCLE | Termos de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TCP/ | Trasmission Control Protocol |
| TIC | Tecnologia da Informação e Comunicação |
| TGI | Trabalho de Grupo Interdisciplinar |
| UNIVERSO | Universidade Salgado de Oliveira |
| WWW | World Wide Web |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO | 21 |
| 1.1 Internet: um caminho sem volta | 21 |
| 1.2 Redes Sociais e Educação no Brasil | 26 |
| 1.3 Redes Sociais: Recursos pedagógicos..... | 27 |
| 2 POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DAS REDES SOCIAIS | 37 |
| 2.1 TIC's e o processo de ensino e aprendizagem | 37 |
| 2.2 Fundamentação teórica | 39 |
| 2.3 A escola Histórico cultural | 40 |
| 2.3.1 Mediação..... | 41 |
| 2.3.2 Aprendizagem Mediada e zona do desenvolvimento proximal..... | 43 |
| 2.3.3 O conceito de atividade | 44 |
| 2.4 Representações sociais de Serge Moscovici..... | 46 |
| 2.4.1 Ancoragem e objetivação | 47 |
| 2.4.2 A experiência e as conversações ordinárias em uma sociedade pensante | 49 |
| 2.4.3 A experiência e as conversações ordinárias e a mediação pedagógica.... | 50 |
| 3 METODOLOGIA | 53 |
| 3.1 O estudo de caso..... | 53 |
| 3.2 Unidade de análise e observação..... | 55 |
| 3.3 Estudos de campo | 57 |
| 3.3.1 Grupo focal..... | 58 |
| 3.3.1.1 Participantes | 58 |
| 3.3.1.2 Instrumento e procedimento | 60 |
| 3.3.1.3 Tratamento dos dados | 61 |
| 3.3.2 Questionário Virtual | 62 |
| 3.3.2.1 Participantes: alunos | 62 |
| 3.3.2.2 Instrumento e procedimento | 66 |
| 3.3.2.3 Tratamento dos dados | 67 |
| 3.3.2.3.1 Correlação entre variáveis | 68 |

| | |
|---|-----|
| 4 PRIMEIRO ESTUDO: O USO DAS REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS PROFESSORES | 70 |
| 4.1 Avaliação Interdisciplinar | 70 |
| 4.2 Semana de Moda presencial e virtual..... | 73 |
| 4.3 Aspectos Pedagógicos..... | 78 |
| 4.4 Redes sociais e mediação pedagógica..... | 79 |
| 5 SEGUNDO ESTUDO. O USO DAS REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS ALUNOS E EGRESSOS | 83 |
| 5.1 Perfil de uso de mídia social pelos participantes da pesquisa | 83 |
| 5.2 Participação no TGI presencial e virtual | 86 |
| 5.3 Avaliação dos alunos sobre o trabalho da Semana de Moda | 89 |
| 5.4 Avaliação dos alunos sobre a apresentação virtual dos trabalhos acadêmicos | 92 |
| 5.3.4 Participação e importância dos professores..... | 105 |
| REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: MEDIAÇÃO OU INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO? | 112 |
| REFERÊNCIAS | 127 |
| APÊNDICE A: RESULTADOS DAS PUBLICAÇÕES NO FACEBOOK DOS ALUNOS DO 6º PERÍODO DO CURSO DE DESIGN DE MODA 2015/1 | 133 |
| APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS NO GOOGLE FORMS..... | 134 |
| APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO COMPLETO APLICADO AOS ALUNOS | 135 |
| APÊNDICE D: DADOS COLETADOS PELO GOOGLE FORMS | 138 |
| APÊNDICE E: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O GRUPO FOCAL DOS PROFESSORES | 139 |
| APÊNDICE F: PRINT DO GRUPO FOCAL PELO GRUPO DO FACEBOOK | 140 |
| APÊNDICE G: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 141 |
| ANEXO A: FOLDER DA SEMANA DE MODA VIRTUAL DE 2015/1 | 142 |
| ANEXO B: TGI | 143 |
| ANEXO C: FICHA DE AVALIAÇÃO DO TGI PARA DO 3º PERÍODO DE DESIGN DE MODA..... | 146 |

INTRODUÇÃO

“Educação e comunicação sempre andaram juntas na reflexão pedagógica”
(LIBÂNEO, 2002, p.54)

A temática *redes sociais*, apesar de parecer recente, em razão das novas tecnologias que a circunscrevem, é historicamente datada de séculos atrás. O fato é que, ao longo da história, o meio e a abrangência dessas redes foram sendo remodelados de acordo com o desenvolvimento de meios de comunicação característicos de cada momento histórico vivido pela sociedade. Assim, a escrita, o telefone, o computador e o celular reconfiguraram o ritualístico das relações humanas, culminando, nos dias de hoje, no aprimoramento da internet e na migração para o digital. E isso tudo com um único fim: a comunicação entre pessoas, independentemente da ferramenta utilizada.

Nesse sentido, encontramos eco nas palavras de Gabriel (2010), quando ele afirma que

[r]edes sociais são estruturas sociais que existem desde a antiguidade e vêm se tornando mais abrangentes e complexas devido à evolução das tecnologias de comunicação e informação. No entanto, é importante ressaltar que redes sociais têm a ver com pessoas, relacionamentos entre pessoas, e não com tecnologias e computadores. Tem a ver com 'como usar tecnologias' em benefício do relacionamento social. A essência das redes sociais é a comunicação, e as tecnologias são elementos catalisadores que facilitam as interações e o compartilhamento comunicacional (GABRIEL 2010, p. 194, grifo do autor).

Na perspectiva do cientista social espanhol Castells (2009), as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. Essa integração na comunicação mundial, ultrapassando inclusive as barreiras da língua, já está presente também nas salas de aula, onde as TIC¹ estão inseridas nas práticas cotidianas de professores e alunos, sendo utilizadas no

¹ Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC são ferramentas e processos eletrônicos destinados a acessar, recuperar, guardar, organizar, manipular, produzir, compartilhar e apresentar informações. Incluem equipamentos e *software* de computação e de telecomunicações dos quais, os centrais são os computadores, *modems*, roteadores, programas operacionais e aplicativos específicos como as multimídias, e sistemas de bases de dados. Também podemos incluir a televisão, leitores de videocassete e leitores de DVD (SUNKEL, 2006).

processo de ensino e de aprendizagem, não apenas como novos instrumentos para velhas práticas docentes, mas como mais uma ferramenta de mediação.

Amparadas na teoria de Lev Vygotsky², entendemos mediação como instrumentos (ferramentas e signos) que cumprem um papel central na constituição dos processos psicológicos superiores, possuindo uma origem tanto histórica quanto social. Ou seja, o conhecimento se origina na vida social, na participação do indivíduo em atividades vividas com outros. Essa interação é feita por meio da linguagem, responsável por estabelecer a mediação entre indivíduo e cultura.

Nesse sentido, a possível interação pedagógica promovida pelas redes sociais constitui-se como um campo fértil para investigações acadêmicas, já que a interação via redes sociais, com a mediação da linguagem virtual, é uma grande ferramenta social de contato, por meio da qual um aluno pode propiciar trocas com outros indivíduos, colegas ou professores, para completar-se e conquistar seu potencial de aprendizagem. Na atualidade, vemos tudo isso nas redes sociais, principalmente em aplicativos popularizados mundialmente, como o *Facebook*³, uma TIC que também está invadindo a comunidade acadêmica.

Sobre a presença das TIC's na sala de aula, Peixoto (2011) afirma que

[u]ma das características das TIC é seu potencial de abarcar diferentes componentes, meios e funções. Como instrumentos de ensino, são agentes duplos, ao mesmo tempo signos visíveis da mediação para o professor e meios de ação para o aprendiz (PEIXOTO, 2011, p. 37).

Assim sendo, já é tempo de usarmos esses aparatos tecnológicos⁴ a favor do processo de ensino e de aprendizagem.

Admitir que a integração entre o ensino e a de aprendizagem é essencial para a construção do conhecimento, faz parte de um processo de ressignificação, tanto da própria aprendizagem quanto do conteúdo que utilizamos para orientar e conduzir nossos alunos no dia a dia escolar. É importante ressaltar que esses componentes, ensino e aprendizagem, formam uma unidade e não podem ser considerados

² Psicólogo e pedagogo russo, Lev Vygotsky (1896-1934) desenvolveu, juntamente com outros psicólogos e pedagogos, como Leontiev, Luria, Galperin e Davídov, a partir dos anos 1920, a Teoria histórico-cultural. Essa teoria, segundo Libâneo (2011), busca compreender o desenvolvimento da mente humana como vinculado à cultura, ou seja, atribui um papel decisivo da cultura na formação das funções psicológicas superiores (e dentro da cultura, o ensino e a aprendizagem).

³ Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004, nos Estados Unidos, por Mark Zuckerberg e um grupo de amigos, operando e de propriedade privada da Facebook Inc.. Atualmente, conta com mais de um bilhão de usuários em todo o mundo. Disponível em: <<http://www.significados.com.br>>. Último acesso: 24 jul. 2015.

⁴ Aparatos Tecnológicos são mecanismos, instrumentos ou itens utilizados como ferramentas tecnológicas, com uso de computadores, tablets, internet, etc.

isolados um do outro. Dessa maneira, as redes sociais contribuem, não como fim desse processo, mas como meio.

Partindo dessa perspectiva, essa dissertação aborda os recursos midiáticos enquanto um recurso didático. A partir da teoria de Vygotsky (1988), pretende-se apontar que os recursos midiáticos podem ser um instrumento que favorece a mediação que o professor promove entre o conhecimento e o sujeito do conhecimento, o aluno. Sob a lente de Vygotsky, Rego (2014) esclarece que a mediação está presente em toda a atividade humana.

São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana (REGO, 2014, p.42).

Nesse sentido, as redes sociais não podem ser ignoradas no processo de mediação na educação, uma vez que são uma forma de linguagem construída historicamente, que se modifica da antiguidade até o presente, alcançando os formatos digitais que conhecemos atualmente.

Não consideramos, entretanto, que os recursos midiáticos possam ser um substituto do professor, ou seja, que esses recursos possam ser, em si mesmos, os próprios mediadores, substituindo os professores como estratégia política de um aligeiramento do ensino. Ao contrário, nosso foco está na discussão acerca dos usos de artefatos tecnoculturais nas práticas pedagógicas, em contextos universitários, no ensino eminentemente presencial, em que várias ferramentas da internet, como emails, pesquisas na rede ou sites de relacionamento, já são utilizadas no cotidiano da sala de aula por professores e alunos. Entendemos, assim, que as redes sociais fazem parte da história sociocultural da humanidade atual. Portanto, fazem parte da vida das pessoas e, por isso, não podem ser ignoradas no ambiente escolar e, muito menos, no ensino superior.

Nos últimos 10 anos de minha vida pessoal, tenho sido uma usuária frequente de todas as mídias sociais que estão ao meu alcance. Mais recentemente, tenho inserido essas redes sociais na minha vida profissional, como jornalista e professora, e percebo que a academia se constitui como um vasto campo a ser explorado por todas as possibilidades que essa ferramenta oferece.

A partir da minha experiência, dei início à investigação que culminou nesta dissertação. Minhas perguntas iniciais versavam sobre o uso das redes sociais pelos

professores. Como os professores e alunos estão utilizando essas redes? Esse uso se dá, no contexto de práticas tradicionais, apenas como uma nova forma de comunicação, como um mero instrumento ou há experiências pedagógicas inovadoras? Como as redes sociais são compreendidas por professores e alunos?

Com essas perguntas, foram estabelecidos os objetivos da presente pesquisa. Assim, este estudo tem por objetivo principal verificar como acontece o uso das redes sociais, enquanto ferramenta ou instrumento que pode ser utilizado pelo professor em seu papel de mediação, no processo de ensino e de aprendizagem. Essa investigação sustenta-se no método de pesquisa estudo de caso, uma vez que foca na experiência vivida por um grupo específico de professores e alunos de uma universidade goiana.

Para alcançarmos a meta estabelecida, foram estabelecidos alguns objetivos específicos, que nortearam o processo de construção desta investigação:

- a. Analisar alguns componentes da experiência vivida por professores e alunos num processo de ensino aprendizagem em que foram utilizadas as redes sociais;
- b. Verificar como professores e alunos avaliam a participação e os resultados alcançados com a experiência de se publicar os trabalhos acadêmicos no *Facebook*;
- c. Relacionar a avaliação dessa experiência de publicação de trabalhos à forma como as redes sociais são utilizadas cotidianamente por alunos e professores;
- d. Avaliar o quanto discentes e docentes consideram que o uso das redes sociais tenha contribuído para o processo de ensino e de aprendizagem.

Propomos, por meio deste trabalho, estudar o uso das redes sociais na Educação, levando em consideração a mediação que pode acontecer com as intervenções intencionais dos professores, que podem atuar como agentes capazes de contribuir para o aprofundamento dos temas discutidos nesses espaços, orientar as discussões e contribuir para a divulgação e o compartilhamento de atividades acadêmicas desenvolvidas em sala de aula.

Como fundamentação teórica, recorreremos aos trabalhos de Vygostky (1998, 2003), que se baseiam na teoria histórico-cultural e nos conceitos de mediação, atividade e Zona de Desenvolvimento Proximal. Como orientação metodológica, foram utilizados os conceitos de objetivação, ancoragem, senso comum e

representação social de Moscovici (2011), encontrados também nos textos de Spadoni (2016).

Conforme apontamos anteriormente, essa pesquisa se configura como um estudo de caso (YIN, 2010; GODOY, 1995), de natureza quali-quantitativa (DUARTE, 2004), uma vez que foca no estudo das ações humanas considerando as dimensões sociais e discursivas constituídas a partir de uma perspectiva dialética e participativa. O estudo de caso, aqui, ateu-se a uma experiência pedagógica em que alunos foram solicitados a publicar seus trabalhos acadêmicos na rede social *Facebook*. Para geração dos dados analisados, foram utilizados dois métodos: um grupo focal com os professores e um questionário com perguntas abertas e fechadas aplicado aos alunos. A análise dos dados foi realizada à luz de pressupostos teóricos citados anteriormente, além de pesquisas realizadas no Brasil e no exterior sobre o uso de redes sociais no processo de ensino e aprendizagem, como Cleider (2013), Minhoto (2011), Ferreira *et al.* (2014), Sancho e Hernandez (2006) e Peixoto e Carvalho (2011) e Peixoto e Araújo (2012).

De modo a apresentarmos o presente estudo da forma mais didática possível, organizamos esta dissertação em cinco capítulos. No primeiro capítulo, encontra-se uma revisão teórica bibliográfica sobre o nosso objeto de estudo e alguns conceitos das palavras-chave da pesquisa. Ainda no primeiro capítulo, faço um breve histórico do surgimento da internet e do uso das redes sociais na educação no Brasil e no mundo.

No segundo capítulo, explicitamos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho. Utilizamos as perspectivas teóricas de Moscovici (2011) e Vygostsky (1998), uma vez que procuramos compreender como alunos e professores lidam com a internet enquanto instrumento de mediação e suas representações sociais. Apresentamos, também, um breve histórico sobre a importância da teoria Histórico cultural e dos construtos teóricos que a embasam, bem como discutimos a mediação no processo de ensino e aprendizagem. Para finalizar, esclarecemos como as duas perspectivas teóricas que sustentam esse trabalho foram articuladas.

No terceiro capítulo, encontra-se a metodologia que foi utilizada na pesquisa. Foi selecionado um caso específico em que professores e alunos vivenciaram a experiência de um trabalho interdisciplinar utilizando a internet como uma ferramenta. Buscamos entender como esses dois grupos (professores e alunos) vivenciaram e compreenderam essa experiência. Moscovici (2011) fala que toda

representação social é relacionada a um grupo específico. Então, propomo-nos a investigar as idéias do senso comum entre professores e alunos.

No quarto capítulo, apresentamos o resultado do grupo focal realizado com os professores. E, no quinto capítulo, estão os resultados quantitativos e qualitativos do questionário aplicado aos alunos. Em ambos os capítulos, trazemos a análise dos dados juntamente com uma discussão sobre os mesmos, sustentando-nos em outros estudos já realizados ou nos pressupostos teóricos mobilizados nesse estudo.

E, na última parte, retornamos às perguntas de pesquisa, abordando as implicações deste estudo para o processo de ensino e aprendizagem, apontando as limitações deste trabalho, bem como apresentando sugestões para pesquisas futuras.

1 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO

“As tecnologias da informação e comunicação estão aí e ficarão por muito tempo, estão transformando o mundo e deve-se considerá-las no terreno da educação”
(SANCHO; HERNANDEZ, 2006, p.15)

Neste capítulo, faremos uma revisão histórica do surgimento da internet e das redes sociais, no Brasil e no mundo, e suas potencialidades para a área educacional. Em seguida, apresentaremos uma revisão bibliográfica, na qual destacaremos alguns trabalhos que contribuíram para entender o objeto de pesquisa desta dissertação e os recursos didáticos das redes sociais.

1.1 INTERNET: UM CAMINHO SEM VOLTA

De acordo com dados da pesquisa TIC Domicílios 2015, em sua 11ª edição, responsável por medir a posse, o uso, o acesso e os hábitos da população brasileira em relação às tecnologias de informação e de comunicação, 58% da população brasileira usa a internet, o que representa 102 milhões de internautas. A proporção é 5% superior à registrada no levantamento realizado em 2014⁵. Para contextualizar esse crescimento no uso da internet, apresentaremos, a seguir, um breve histórico sobre essa rede.

Segundo Alonso (2015), a internet nasceu de uma ação militar nos Estados Unidos, na década de 1950. Esta seria resultante do efeito Sputnik, furor resultante do lançamento do primeiro satélite artificial em órbita, proveniente da Rússia, em 4 de outubro de 1957, que despertou duas iniciativas norte-americanas consideradas os embriões da internet: i) a aprovação de um dos planos de investigação e desenvolvimento mais ambicioso da história; ii) uma organização americana dirigida pela ARPA (Advanced Research Projects Agency ou Agência de Projetos e

⁵ O estudo foi feito pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br)

Pesquisas Avançadas, em tradução livre)⁶, destinada a captar pesquisadores de telecomunicações para a construção de um novo cenário global. Alonso (2015, p. 11) ainda explica que a ARPA teria sido a responsável pela primeira conexão em rede entre vários computadores, realizada em 1958, e, conseqüentemente, pela origem da internet. Sendo assim, pode-se afirmar que a corrida espacial e a necessidade de defesa dos Estados Unidos impulsionaram um planejamento estratégico dedicado às telecomunicações e à criação de um sistema capaz de fornecer, em tempo real, qualquer informação importante, promovendo o surgimento de uma interligação de computadores em rede que, mais tarde, ficaria conhecida como internet.

Inicialmente, essa rede deveria interligar três pontos estratégicos de defesa dos Estados Unidos – a central de processos de dados, o pentágono e o quartel geral –, localizados em três estados diferentes, com um sistema de comunicação que pudesse resistir a um ataque nuclear sem que houvesse perda de dados. Além disso, esse sistema deveria ser capaz de encontrar rotas alternativas intactas para ir do ponto de partida ao ponto de chegada, estabelecendo sociogramas que representam a rede de relações interpessoais até os dias atuais. Mas, logo em seguida, o Departamento de Defesa Americano e a ARPA deixaram de intervir diretamente na evolução da internet. O estilo adotado para estabelecer conexões como conhecemos hoje foi desenvolvido entre as décadas de 60 e 70, não mais para o consumo militar, apenas, mas com protocolos projetados para salvar as diferenças entre os computadores que deveriam estar em rede, permitindo que eles se comunicassem na ausência de um mando hierárquico, o que poderia afetar – e de fato afetou –, em definitivo, a sociedade civil.

Num segundo momento da criação da internet, ganham importância as universidades americanas. No dia 29 de outubro de 1969, foi estabelecida uma conexão em rede entre a UCLA (Universidade da Califórnia) e SRI (Instituto de Pesquisa de Stanford) e, mais tarde, juntam-se, a essa rede, as Universidades de Utah e da Califórnia, em Santa Bárbara. Assim, durante as décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para fins militares, a Internet se transformou num importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, trocavam ideias, mensagens e descobertas científicas por

⁶ ARPA foi primeiramente chamada de ARPANET, sigla para Advanced Research Projects Agency Network ou Rede de Agências para Projetos e Pesquisas Avançadas, em tradução livre.

meio da rede mundial.

Durante cerca de duas décadas, a Internet ficou restrita ao ambiente acadêmico e científico. Entretanto, na década de 1990, a internet chega à sociedade civil, controlada não mais por militares ou universidades, mas por grupos que possuíam capacidade tecnológica e, também, econômica. Atualmente, ela é um conjunto de mais de 40 mil redes no mundo inteiro. O que essas redes têm em comum é o protocolo TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*), que permite que elas se comuniquem umas com as outras. Esse protocolo é a língua comum dos computadores que integram a Internet. Nesse sentido, a Internet pode ser definida como uma comunidade de pessoas que usam e desenvolvem redes baseadas no protocolo TCP/IP. Mas essa visão puramente técnica é ponderada por Alonso (2015, p. 34), que entende que a

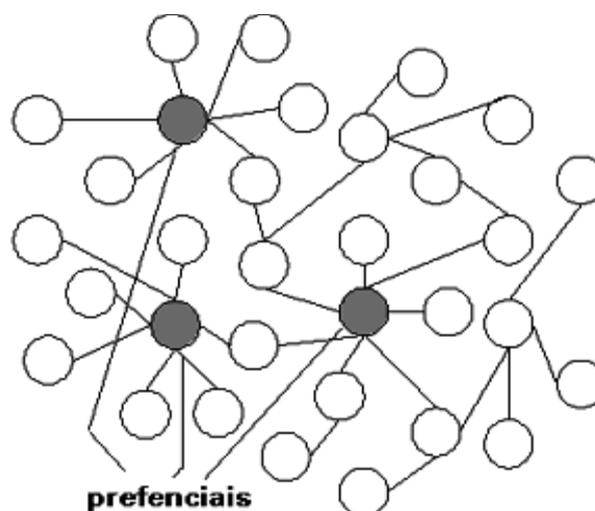
[i]nternet não é somente um conjunto de máquinas conectadas de um certo modo; é, antes de mais nada, a coleção de protocolos públicos que permitem que vários tipos de artefatos dialoguem entre si. É um feito que tem a ver com a linguagem e o consenso, com a capacidade dos símbolos para expressar informação e com a capacidade dos seres humanos para concordar com normas comuns de funcionamento. Por esta razão os protocolos em que se baseiam a rede, não podem ser reduzidos a um mero assunto de técnicas industriais, pois se trata de algo mais importante, mais próximo do surgimento da escrita do que do simples registro de uma patente. É assim que devemos entendê-lo.

Assim como Alonso (2015), concordamos que a internet passou do plano técnico para ser compreendida, atualmente, a partir de um aspecto mais humano, baseado no nosso modo de estabelecer contatos e estreitar relacionamentos. O que podemos observar é a explosão da internet em livre escala (*free-scale net*), sem nenhum controle regulador possível, permitindo que ela seja utilizada como instrumento para influenciar o curso da história da humanidade.

O termo livre escala surgiu em um estudo liderado por László Barabási, na Universidade de Notre Dame, em 1998. Ao mapear a *World Wide Web*⁷, ele pode verificar que 80% das páginas web tinham apenas quatro hiperligações e que aproximadamente 0,001% das páginas tinha mais de 1000 hiperligações. O cientista húngaro, então, partiu do princípio de um pequeno número de nós que, em cada

⁷ A *World Wide Web* (termo inglês que, em português, se traduz livremente por Teia Mundial), também conhecida como *Web* ou *WWW*, é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet. Foi somente no ano de 1990 que a Internet começou a alcançar a população em geral. Neste ano, o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a *World Wide Web*, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes.

passo temporal, sofria o acréscimo de um novo vértice (ou nó) que o interligava a outros nós já existentes.



Redes sem escala

Figura 1 – Redes sem escala
Fonte: <<https://goo.gl/FTPm9s>>⁸

Nas últimas décadas, com a expansão da Internet, vários navegadores (*browsers*) foram criados, como o Internet Explorer, da Microsoft, e o Netscape Navigator. O surgimento acelerado de provedores de acesso e portais de serviços *on-line* contribuiu para este crescimento. A Internet passou a ser utilizada por vários segmentos sociais, inclusive a educação. Estudantes a utilizavam para fazer pesquisas escolares; jovens buscavam diversão em sites de jogos; as salas de *chat* tornaram-se pontos de encontro para um bate-papo virtual a qualquer momento; desempregados começaram a procurar trabalho em sites de agências de empregos ou a enviar currículos por e-mail; as empresas descobriram um excelente caminho para melhorar os lucros e as vendas *on-line* dispararam, transformando a Internet em verdadeiros shoppings centers virtuais. A partir desse momento, a Internet começou a crescer em ritmo acelerado, tornando-se, para muitos, a maior criação tecnológica depois da televisão, na década de 1990.

Nos dias atuais, é impossível pensar no mundo sem a Internet. Estar conectado à rede mundial passou a ser uma necessidade para muitos e fonte de negócios promissores. A Internet também está presente em escolas, faculdades,

⁸ Último acesso: 23 mai. 2016.

empresas e diversos locais, possibilitando acesso às informações e às notícias do mundo em apenas um *click*. Essa crescente expansão levou os países a criarem comitês responsáveis por regular a novidade tecnológica no dia a dia da sua população. Mas isso não tem impedido as mídias sociais de mudarem a forma de comunicação no mundo todo, aumentando o compartilhamento de ideias e criando uma imensa rede, facilitando as interações sociais de várias maneiras, seja na forma de vídeos, imagens e/ou áudios, e a criação de mundos virtuais.

A partir de 2006, começou uma nova era na Internet, consequência do avanço das redes sociais. Pioneiro, o *Orkut* ganhou a preferência entre os brasileiros, mas, atualmente, já está em desuso. Nos anos seguintes, outras redes sociais surgiram, como *Facebook*, *Twitter*, *Google Plus*, *Instagram* e, mais recentemente, *WhatsApp*. Este trabalho aborda o uso de uma dessas redes sociais, o *Facebook*, enquanto ferramenta de mediação pedagógica. Intenta, com isso, demonstrar que as redes sociais não podem ser ignoradas pela educação, principalmente quando se trata de jovens que estão no ensino superior.

As primeiras iniciativas de abordar as redes sociais como um recurso à disposição da educação ocorreram no final de 2009, nos EUA. Segundo Joosten (2012), começam, nos EUA, as primeiras discussões sobre o uso das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem. Na cidade de Denver, em novembro de 2009, a conferência EDUCAUSE lotou o fórum de discussão sobre o tema, no qual a maioria dos presentes comentou sobre a falta de planejamento e suporte tecnológico para o uso das mídias sociais nas salas de aula. A EDUCAUSE⁹ é uma organização sem fins lucrativos, dos Estados Unidos, que ajuda aqueles que lideram, administram e usam a tecnologia da informação para moldar decisões estratégicas em todos os níveis. Para tanto, envolve-se ativamente com faculdades e universidades, empresas, fundações, governos e outras organizações sem fins lucrativos com a missão de transformar o ensino superior através do uso de tecnologia da informação.

Em 2010, além da grande procura pelas conferências sobre o assunto, foram publicados vários trabalhos relacionando o *Facebook* à educação, em revistas

⁹ Tradução livre de: EDUCAUSE helps those who lead, manage, and use information technology to shape strategic decisions at every level. EDUCAUSE actively engages with colleges and universities, corporations, foundations, government, and other nonprofit organizations to further the mission of transforming higher education through the use of information technology. Fonte: <<https://www.educause.edu/about/mission-and-organization>>. Acesso em: 24 out. 2016.

conceituadas nos EUA, como *Horizon report*, *The Chronicle of Higher Education*, *Ed Tech Magazine*, e *Campus News e EDUCAUSE Quartely*. A partir de 2011, torna-se evidente a forma como o *Facebook* se constitui como um fenômeno, ultrapassando o *Google* como o site mais acessado na internet em décadas. Na conferência anual da EDUCAUSE, no mesmo ano, em Chicago, houve um grande número de *workshops* com pesquisas a respeito do uso das redes sociais para ensinar, aprender e dar apoio aos estudantes.

1.2 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Além da história sobre a entrada da tecnologia na educação ou da educação na tecnologia, propomo-nos, também, a apresentar, com uma visão crítica, baseada em uma revisão bibliográfica e documental, uma descrição dos acontecimentos históricos relacionados à tecnologia e à educação no Brasil, desde a realização do I CONTECE (Conferência Nacional de Tecnologia em Educação Aplicada ao Ensino Superior), em 1971, até os dias atuais.

Bueno e Echalar (2015) apresentam a trajetória das políticas públicas para uso das tecnologias na educação implantadas no Brasil e em Goiás. Para tanto, realizaram análises de documentos oficiais e entrevistas com professores dos NTE (Núcleos de Tecnologia Educacional), sob a ótica do viés neoliberal presente na política brasileira, desde 1980, que busca resultado com o mínimo de investimento. De acordo com esses autores, no final da década de 1960, nasce o interesse de alguns pesquisadores brasileiros pelo uso da tecnologia da educação, e, já em 1971, no auge do governo militar, foi realizada a Primeira Conferência Nacional de Tecnologia em Educação Aplicada ao Ensino Superior (I CONTECE), no Rio de Janeiro, com interesse em estimular a informatização do país. Uma década depois, em 1981, acontece, em Brasília, o I Seminário Nacional de Informática na Educação, com a participação de especialistas no assunto. Outros eventos foram realizados na sequência, levando o Ministério da Educação e Cultura (MEC) a criar uma Comissão Especial de Informática na Educação (CE/IE), abrindo caminho para vários projetos públicos, em âmbito nacional e estadual, para tratar de assuntos ligados à informática educacional.

Mais de 30 anos depois, encontramos, no Brasil, dezenas de projetos na área, do ensino à distância (EAD) aos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), implantados por vários governos, na maioria das vezes, sem uma política pública de continuidade e sem aportes técnico, financeiro e estrutural, no que se refere à preparação do corpo docente para planejar e viabilizar os mesmos. Isso indica que os recursos da informática não têm sido utilizados pela política pública brasileira como um meio de possibilitar novas formas de educar. Ao contrário, eles têm sido utilizados para diminuir custos e empobrecer o ensino. Conforme Libâneo (2002, p. 59) explica,

[o] novo paradigma produtivo acompanha o processo de internacionalização da economia, a globalização dos mercados, a intelectualização do processo produtivo, trazendo modificações no processo de produção, no perfil dos trabalhadores, nas relações de trabalho, nos hábitos de consumo, etc. Arma-se um circuito integrado envolvendo os avanços tecnológicos, o novo modelo de produção e desenvolvimento, a qualificação profissional e a educação.

Mas, apesar de esta nova economia da educação, em boa parte sustentada pela inovação tecnológica, se configurar num modelo neoliberal de educação, os recursos das tecnologias da informação e comunicação, especialmente as redes sociais, podem e devem ser utilizados com fins didáticos, como trataremos a seguir.

1.3 REDES SOCIAIS: RECURSOS PEDAGÓGICOS

Para pensar esse objeto, faz-se importante, também, traçar o caminho percorrido pela tecnologia no processo educativo. Segundo Gabriel (2010), foram as tecnologias que, ao longo da história da humanidade, gradativamente, moldaram o processo educacional como ele se apresenta atualmente, desde a era da fala (linguagem oral), passando pela era do livro (linguagem escrita), até a era da internet (tecnologia digitais). A integração ao mundo das tecnologias digitais, na era da internet, impõe-se como uma exigência quase universal, embora ocorra de forma marginal entre indivíduos de diferentes grupos sociais, econômicos, políticos e culturais. Para Soares (2012, p. 310),

[e]m consequência e apesar disso, essa integração vem se realizando também por meio das práticas cotidianas de professores e alunos, em consonância ou não, com projetos singulares das escolas e com as políticas

públicas para educação. Dessa forma, consideramos que o acesso aos artefatos tecnológicos, especialmente aos relacionados à indústria da comunicação e informação é, ao mesmo tempo, uma exigência e um direito daqueles que praticam a educação. Mais que refutar a intrusão desses artefatos nas escolas cabe-nos indagar o que estamos fazendo e o que vamos fazer com eles.

E é exatamente esse questionamento que norteia a presente pesquisa, que tem o objetivo de verificar a possibilidade de utilização das redes sociais como ferramenta, pelo professor, em seu papel de mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Ao desenvolver a pesquisa aqui apresentada, esperamos não apenas expandir nosso conhecimento em relação ao assunto escolhido, como também incentivar a realização de novos projetos acadêmicos que usem as redes sociais. Embora certa das potencialidades pedagógicas das redes sociais nas atividades acadêmicas, ainda existe um campo de possibilidades sobre o momento e a forma de utilizá-las. Assim, é importante fazer uma reflexão teórica que fundamente as decisões didático-pedagógicas dessa nova possibilidade, para além de uma visão meramente instrumental do mesmo, além de compreender a necessidade de revisar o significado do objeto a ser conhecido na ação educativa.

Ao revisar o significado do objeto, recorro aos estudos de Borba (2010), segundo a qual o objeto real só pode ser constituído objeto de pesquisa na medida em que seja introduzido em um campo teórico, pois o real do discurso científico não é o real dos sentidos, da experiência e da observação, mas o real que foi formulado teoricamente, sem anular a presença da sociedade e da história.

Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, a mediação analisada aqui, no ensino e na aprendizagem, é todo o processo de mediação e não simplesmente um meio ou o produto. Não são as redes sociais que medeiam o conhecimento. A mediação acontece dentro de um contexto histórico, que, entre várias relações, inclui a linguagem, a tecnologia, o professor e, claro, o aluno.

As tecnologias digitais em rede podem ser tomadas como elementos mediadores dos processos de aprendizagem. Contudo, para superarmos uma compreensão instrumental destes processos, precisamos destacar a relação complexa, situada e dinâmica que se estabelece entre professores e alunos no jogo entre conhecimentos do senso comum e conhecimentos sistematizados (PEIXOTO, 2016, p.374).

Com estas considerações, perguntamo-nos: com que frequência e de que forma a utilização das redes sociais são consideradas no ambiente educacional? O uso delas é considerado, no contexto de práticas tradicionais, apenas como uma

nova forma de comunicação, como um mero instrumento ou há experiências pedagógicas inovadoras? Como as redes sociais são compreendidas pelos professores e alunos?

Tais questões nortearam uma revisão bibliográfica, que foi feita, inicialmente, a partir dos artigos da professora Joana Peixoto, pesquisadora sobre tecnologia e educação no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação, da PUC GOIÁS. Destaco, em especial, o artigo ‘Mediação pedagógica mediados pelas tecnologias?’, produzido em coautoria com Rose Mary Almas de Carvalho, publicado na Revista Teoria e Prática da Educação, em 2011. Nele, as autoras falam da mediação pedagógica e sua realização por intermédio das TIC, ou seja, tratam do mesmo objeto que abordamos nessa dissertação. Sendo assim, o referencial teórico apresentado pelas autoras é um terreno fértil de argumentos para nossa reflexão.

Peixoto e Carvalho (2011, p. 31) partem do princípio de que “essas tecnologias são artefatos culturais e, como tal, constituem-se em instrumentos simbólicos, que se configuram nas relações entre os sujeitos e as práticas sociais”. Nesse sentido, as autoras buscam compreender o processo de mediação por meio das TIC e fundamentam seu estudo na teoria vygotskiana sobre o desenvolvimento das funções mentais, fazendo referência ao conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKI, 1998; 2003).

Ainda nesse mesmo estudo, as autoras diferenciam a mediação cognitiva da mediação pedagógico-didática, aprofundando-se num estudo centrado na mediação pedagógico-didática com o uso das tecnologias. Segundo as autoras,

[torna-se] evidente o fato de que a mediação pedagógica pode ocorrer com ou sem o uso de tecnologia. A situação relevante nesse processo não é o uso de recursos tecnológicos, mas a interação, ou seja, a relação entre aluno e professor, bem como a utilização de estratégias de ensino que visem a atividade mental do aluno e que o situem como sujeito do processo educacional (PEIXOTO; CARVALHO, 2011, p. 31)

Em outro trabalho, intitulado ‘Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo’, produzido em coautoria com Cláudia Helena dos Santos Araújo e apresentado na Unicamp, em 2012, Peixoto estabelece uma visão crítica do uso das TIC. Nesse artigo, são analisados os fundamentos do discurso comum sobre as relações entre as tecnologias e a educação, tomando por base um estudo sobre os usos do computador na educação escolar, no período de 1997 a 2007, no Brasil. Foram citados 107 trabalhos relacionados a essa temática e

há referência a 1.330 autores. A análise desses trabalhos, de acordo com as próprias autoras,

[conduz] à reflexão que busca apoio teórico em um descolamento dos discursos habituais sobre o uso das tecnologias em educação: tanto aqueles que se baseiam nas prescrições normativas para a incorporação dos instrumentos tecnológicos (visão instrumental), como aqueles que impõem as TIC como uma fatalidade no seio das escolas (determinismo tecnológico) (PEIXOTO; ARAÚJO, 2012, p. 253).

Apesar de apresentar as duas abordagens, o artigo propõe uma reflexão sobre o tema, sem direcionar a discussão no sentido de defender uma ou outra ideia. Cada uma delas contribui de forma complementar para a compreensão das relações entre as tecnologias e a educação.

Na pesquisa bibliográfica em sites internacionais sobre o tema discutido, destacamos dois trabalhos publicados pela Universidade de Lisboa e um trabalho de pesquisadores chineses, publicado na Inglaterra. O trabalho 'Redes Sociais Online e Educação: contributo do *Facebook* no contexto das comunidades virtuais de aprendentes', de Luís Fernandes, publicado na Universidade de Nova Lisboa, em 2011, explora alguns conceitos no âmbito das redes sociais *on-line* e tenta equacionar as potencialidades que a rede social *Facebook* pode evidenciar no contexto das comunidades virtuais de discentes. Segundo o autor, o *Facebook* se apresenta como uma rede muito flexível que permite a inclusão de aplicações que consubstanciam o papel da rede social na educação.

O trabalho de 2010 de Raquel Patrício e Vitor Gonçalves '*Facebook*: rede social educativa?' tem significativa contribuição, uma vez que busca explorar as aplicações e as funcionalidades do *Facebook* e identificar sua utilidade educativa. Em seu estudo de caso, os autores avaliaram essa rede social por meio da aplicação de um questionário a uma turma do 1º ano de licenciatura em Educação Básica, na unidade curricular de Tecnologias de Informação e Comunicação em Educação. Os objetivos que motivaram a realização desse estudo, segundo os próprios pesquisadores, foram, por um lado,

[identificar] e explorar o potencial educativo dessa rede social e, pelo outro, aumentar o interesse, a participação e a interação dos alunos com os conteúdos e com agentes do processo de aprendizagem e, conseqüentemente, melhorar o aproveitamento e o reconhecimento destas ferramentas como um importante recurso nas estratégias dos educadores e professores do Ensino Básico (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p. 593).

Os autores conseguiram, por meio desse estudo, evidenciar que as redes

sociais possibilitaram várias oportunidades para a criação de um ambiente de aprendizagem. Patrício e Gonçalves (2010, p. 598) afirmam que “o ambiente informal do *Facebook* foi aos poucos organizando-se como um espaço de integração, comunicação, partilha e colaboração entre alunos e professora, tornando-se num ambiente de aprendizagem efetivo, eficaz e envolvente”.

O artigo '*Using the Facebook group as a learning management system: an exploratory study*' (Usando o *Facebook* como um sistema de gerenciamento de aprendizagem: um estudo exploratório, em tradução livre), de professores da Universidade Nacional de Cingapura, foi publicado em 2012, no *Jornal Britânico Educação & Tecnologia*, no Reino Unido. Nesse estudo, o *Facebook* foi usado como um sistema de gestão de aprendizagem, para a colocação de anúncios, partilha de recursos, organização de tutoriais semanais e realização de discussões *on-line* em um instituto de formação de professores em Cingapura. Segundo os autores, os resultados mostraram que, como muitas outras novas tecnologias, o *Facebook* tem potencial para ensino e aprendizagem por causa de suas funções originais embutidas, que oferecem capacidades pedagógica, social e tecnológica. Faz-se necessário pesquisar essas capacidades nas relações construídas nas redes sociais e em sala de aula entre o professor e seus alunos, que podem conduzir a aprendizagem por caminhos que serão benéficos para todos os envolvidos no processo educativo.

A respeito da influência das tecnologias e da presença das TIC no mundo contemporâneo, Lima Júnior e Pretto ressaltam como fundamentais a adoção de

[novas] abordagens para o processo comunicativo que, agora, usa, intensamente, essas tecnologias, buscando um repensar de diversos valores contemporâneos, para que possamos pensar em incorporar as TIC com todas essas novas potencialidades. [...] Isso também implica novos modelos de pensar e de se relacionar (LIMA JÚNIOR; PRETTO, 2005, p. 206-207).

Em seu trabalho intitulado '*A Sociedade em Rede*', o cientista social Manuel Castells (2009) levanta várias questões sobre a era da informação e os efeitos fundamentais da tecnologia da informação no mundo contemporâneo e suas implicações na vida urbana. Para ele, enquanto estudioso materialista-histórico,

[um] novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As

redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida, e ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 2009, p. 40).

Exposto isso e levando-se em consideração a prática na sala de aula, entendemos que as TIC são um fator condicionante e determinante no processo de aprendizagem e as redes sociais possuem grande potencial a ser explorado na área de ensino-aprendizagem, além de usos genéricos já documentados na literatura pertinente.

Para completar essa revisão bibliográfica, realizamos uma pesquisa no Banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o objetivo de identificar, entre os anos de 2011 a 2015, as publicações que abordassem a utilização das redes sociais no processo de ensino e de aprendizagem no Brasil. Nessa busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: educação, redes sociais, TIC, processo de ensino e de aprendizagem. Foram encontrados 137 trabalhos entre teses, dissertações e artigos com essas palavras-chave, sendo, a maioria deles, sobre o ensino à distância. Destes, apenas sete artigos foram publicados no Brasil e nenhum relacionando o uso das redes sociais ao processo de ensino e de aprendizagem.

Descartamos essa primeira busca e decidimos, então, acrescentar a palavra-chave *Facebook* em nova busca realizada no banco de dados da CAPES, visto que este trabalho trata do uso do *Facebook* num estudo de caso, no qual houve a apresentação de trabalhos acadêmicos, de forma interdisciplinar, numa universidade privada em Goiânia. Nessa segunda busca, apareceram 120 trabalhos, mas apenas três deles eram da área da educação e foram consideradas pertinentes ao nosso estudo, uma vez que relacionavam o *Facebook* ao processo ensino-aprendizagem (Quadro 1).

Quadro 1 – Trabalhos encontrados no Banco da CAPES entre 2011 e 2015 referentes a Redes Sociais, *Facebook* e Processo de ensino e de aprendizagem

| Número | Título | Autor | Palavras-chave |
|------------------|---|---|---|
| 1 Dissertação | Sites de redes sociais como ambiente informal de aprendizagem científica | Clelder, Luiz Pedro. Publicado em 2013 pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. | <i>Facebook</i> (recursos eletrônicos) – estratégias de aprendizagem; ciência – formação de conceitos; ambientes virtuais compartilhados; ciência – estudo e ensino; ciência – recursos de redes de computadores; redes sociais – estratégias de aprendizagem |
| 2 Artigo | As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário | Minhoto, Paula; Meirinhos, Manuel. Publicado em: Educação, Formação & Tecnologias, 2011, Vol.4(2), pp.25-34 Qualis B2, 2014 | tecnologias da informação e comunicação; redes sociais; <i>Facebook</i> ; educação |
| 3 Artigo | <i>Facebook</i> e recursos educacionais abertos na formação de pesquisadores em educação: percepções e reflexões | Ferreira, Giselle; Campos Moreira, Alice T.; Bártholo, Helena; Markenson, Simone. Publicado em: Educação, Formação & Tecnologias, 2014, Vol.7(1), pp.47-60 Qualis B2, 2014 | <i>Facebook</i> , redes sociais, ensino e aprendizagem, formação de pesquisadores, recursos educacionais abertos. |

Além dos trabalhos discriminados no Quadro 1, aparece, na busca com essas palavras-chave, um específico na área de matemática: Espaço de aprendizagem digital da matemática: ‘O aprender a aprender por cooperação’, de Aline Silva De Bona, publicado em 2012, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Um dos trabalhos mais em consonância com esta pesquisa é a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual de Londrina, defendida em 2013: ‘Sites de redes sociais como ambiente informal de aprendizagem científica’, de Luiz Pedro Clelder. Segundo o próprio autor, sua pesquisa objetivou “investigar o papel do *Facebook* na aprendizagem”. Em seu estudo, “foram analisados grupos de alunos no *Facebook*, tanto do Ensino Médio como do Ensino Superior, de instituições localizadas no norte do estado do Paraná” (CLELDER, 2013, p. 7). O pesquisador concluiu que o *Facebook* teve um papel importante no processo de aprendizagem em que foi utilizado como recurso pedagógico, promovendo uma maior participação

e interação no processo de aprendizagem informal, além de contribuir com a construção e a partilha de informações e de conhecimentos científicos.

Na mesma linha de pesquisa, mas realizada somente com alunos do ensino médio, destaco o artigo publicado pela *Fundación Dialnet*, em 2011, intitulado 'As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário'. Os autores Paula Minhoto e Manuel Meirinhos concluíram que a utilização das redes sociais no ensino não superior permite tirar partido das suas múltiplas potencialidades enquanto espaço de interação e de partilha, ir ao encontro dos interesses dos alunos e, simultaneamente, promover a aprendizagem colaborativa. Durante a análise do trabalho desenvolvido, os pesquisadores verificaram que os alunos se envolveram de forma ativa no processo de interação, de partilha e de aprendizagem. No entanto, apesar de serem verificadas condições básicas para a colaboração, sentiu-se alguma dificuldade em seus níveis mais avançados.

E o último artigo analisado do banco da CAPES foi '*Facebook* e recursos educacionais abertos na formação de pesquisadores em educação: percepções e reflexões', publicado em 2014 na revista portuguesa *Educação, Formação & Tecnologias*, das professoras da Universidade Estácio de Sá, UNESA, Giselle Ferreira, Alice T. Campos Moreira, Helena Bártholo e Simone Markenson. Esse artigo apresenta a integração do *Facebook* numa disciplina presencial de curso de pós-graduação, analisando o movimento dos Recursos Educacionais Abertos¹⁰ e foi ministrada a 14 estudantes. Segundo as autoras,

A análise feita nesse artigo apresenta o potencial do *Facebook* como plataforma de apoio em curso presencial, servindo ao estreitamento de laços sociais, compartilhamento de informações e conhecimentos, além de situar-se como lugar de discussões acadêmicas que se propõem a ser consistentes com o nível de exigências de uma pós-graduação stricto sensu. (FERREIRA *et al.*, 2014, p. 47).

A pesquisa discute os usos feitos do site, as percepções dos participantes acerca da integração de atividades online e presenciais e os desafios associados ao uso da plataforma. As autoras também sugerem

¹⁰ Recursos Educacionais Abertos (REA) são materiais de ensino, aprendizado e pesquisa, fixados em qualquer suporte ou mídia, que estejam sob domínio público ou licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. Disponível em: <<http://www.rea.net.br>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

[ser] essencial considerar as implicações pedagógicas das limitações técnicas da plataforma e das impostas pelo contexto de utilização, além da necessidade de determinar a relevância do conhecimento produzido e compartilhado, em particular os que se referem à subjetividade dos atores envolvidos. (FERREIRA *et al.*, 2014, p. 57).

Esses três trabalhos tratam de experiências em que a rede social *Facebook* foi utilizada como um instrumento durante a mediação pedagógica e todas elas concluem que essa rede pode ser utilizada, facilitando o compartilhamento pedagógico e a interação entre os alunos e a aprendizagem.

Ao final da revisão bibliográfica aqui apresentada, mostramos, na sequência, o Quadro 2, com a finalidade de destacar os três principais trabalhos analisados e discutidos ao longo do texto, realçando o objetivo geral de cada um, a metodologia utilizada pelos autores e suas conclusões.

Quadro 2 – Análise dos trabalhos encontrados no Banco de Tese da CAPES entre 2011 e 2015 referentes a Redes Sociais, *facebook* e Processo de ensino e de aprendizagem

| Trabalho | Objetivo | Metodologia | Conclusões |
|---|---|--|---|
| Sites de redes sociais como ambiente informal de aprendizagem científica | Investigar o papel do <i>Facebook</i> na aprendizagem | Investigação qualitativa na interpretação dos dados coletados, a partir de grupos de alunos, formados espontaneamente no site de rede social <i>Facebook</i> . Seis grupos foram selecionados, sendo três do Ensino Médio e três do Ensino Superior das áreas de Geografia e Biologia. As publicações que os alunos criaram no grupo, durante dez meses, no ano letivo de 2012, foram coletadas para análise | O <i>Facebook</i> teve um papel importante no processo de aprendizagem, sendo utilizado como recurso pedagógico, promovendo uma maior participação e interação no processo de aprendizagem informal, além de contribuir com a construção e a partilha de informações e de conhecimentos científicos |
| As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário | Avaliar as potencialidades do <i>Facebook</i> na promoção da aprendizagem colaborativa | Alunos de segundo grau utilizaram uma página e um grupo privado para interagir nos fóruns e partilhar conteúdos com o intuito de produzir documentos de forma colaborativa. Com o auxílio de programas informáticos, UCINET e NetDraw, foi analisada a dinâmica do grupo de alunos em termos de interação nos fóruns. Foi também utilizado um instrumento de análise qualitativa para determinar a colaboração entre os alunos | A utilização das redes sociais no ensino não superior permite tirar partido das suas múltiplas potencialidades, enquanto espaço de interação e de partilha, ir ao encontro dos interesses dos alunos e, simultaneamente, promover a aprendizagem colaborativa. |
| <i>Facebook</i> e recursos educacionais abertos na formação de pesquisadores em educação: percepções e reflexões | Apresentar o potencial do <i>Facebook</i> como plataforma de apoio em curso presencial, servindo ao estreitamento de laços sociais, compartilhamento de informações e conhecimentos | Análise de postagens compartilhadas por 14 alunos durante o semestre, os diálogos conduzidos em grupos focais presenciais e as anotações da docente | Proposto, inicialmente, como ferramenta de apoio administrativo, ao longo do semestre o site foi sendo gradualmente construído como ponto aglutinador das atividades de ensino e aprendizagem. |

A seguir, apresentaremos a fundamentação teórica que sustenta a presente pesquisa.

2 POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DAS REDES SOCIAIS

“Representações coletivas ou sociais são a força da sociedade que se comunica e se transforma”
(MOSCOVICI, 2011, p.287)

Neste capítulo, apresentaremos o sustentáculo teórico da presente pesquisa. Para tanto, ele foi dividido em quatro partes. A primeira traz uma relação da teoria de ensino e aprendizagem com as TIC's. A segunda e a terceira apresentam um breve histórico da teoria histórico cultural e seus principais conceitos, como mediação, zona de desenvolvimento proximal e atividade. Na quarta parte, abordamos alguns conceitos da teoria das representações sociais, como ancoragem e objetivação. Por fim, destacamos algumas temáticas destas duas teorias que se relacionam: a experiência e as conversações ordinárias numa sociedade pensante e a mediação pedagógica.

2.1 TIC'S E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação – as chamadas TIC e as redes sociais –, surgiram novas configurações, observadas não só nos processos de comunicação, mas, também, na possibilidade de instrumentalização das práticas de ensino, acrescentando-se, em tempo real, novidades que contribuem para o processo de aprendizado. Esse, devido à informação, passou a receber contribuições que se somam à construção e ao entendimento das mensagens.

Comenius (2011), há 500 anos, defendia, em sua obra 'Didática Magna', a máxima “a arte de ensinar tudo para todos”. As lições permanecem atuais e continuam sendo referência para a pedagogia; porém, os desafios agora são diferentes. Como ensinar tudo quando a informação e a população crescem exponencialmente e como selecionar a qualidade dessa informação? Para responder à primeira parte dessa questão, entendemos que deve haver a quebra de

um paradigma do conhecimento transmitido para o do conhecimento construído. Para a segunda parte da pergunta, torna-se necessário universalizar a construção do conhecimento, abrir os espaços de discussão e, nesse campo, as TIC possuem um papel de suma importância.

Descartes, autor do axioma 'Penso, logo existo', já falava que o conhecimento não está pronto na natureza por si só, uma vez que precisa do homem. Se, para ele, o homem produz conhecimento, procuremos imaginar o conhecimento que pode ser produzido numa rede de relações interpessoais ligada por aparatos tecnológicos, como uma rede mundial de computadores. A internet é o berço das comunidades virtuais, que hoje se fortalecem com as redes sociais, objeto desta dissertação.

A expressão 'comunidade virtual' foi divulgada por meio do trabalho do jornalista americano Rheingold (1996) e serve para designar grupos de pessoas que se relacionam no ciberespaço através de laços sociais, com interesses compartilhados, sentimento de comunidade e perenidade nas relações. Atualmente, vemos tudo isso nas redes sociais, principalmente em aplicativos popularizados em todo o mundo, como o *Facebook*, uma TIC que também está invadindo a comunidade acadêmica. Sobre as TIC na sala de aula, Peixoto e Carvalho (2011, p. 37) esclarece que

[u]ma das características das TIC é seu potencial de abarcar diferentes componentes, meios e funções. Como instrumentos de ensino, são agentes duplos, ao mesmo tempo signos visíveis da mediação para o professor e meios de ação para o aprendiz.

Sendo assim, é mais do que o momento de usarmos esses aparatos tecnológicos a favor do processo de ensinar e de aprender. Admitir que a integração entre ensinar e aprender é essencial para a construção do conhecimento e faz parte de um processo de ressignificação, tanto da própria aprendizagem, quanto do conteúdo que utilizamos para orientar e conduzir nossos alunos em nosso dia a dia escolar. Para tanto, torna-se importante situar os processos de ensino e de aprendizagem. Libâneo (2013, p. 56) define o processo de ensino como

[u]ma sequência de atividade do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, por meio dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas (pensamento independente, observação, análise-síntese e outras).

O ensino não acontece por si só, mas apenas na relação com a aprendizagem. Libâneo (2013, p. 98) define ensino como "a assimilação ativa do

conhecimento e de operações mentais” e complementa seu pensamento afirmando ser “uma forma de conhecimento humano, desenvolvendo-se sob as condições específicas do processo de ensino”. A aprendizagem, por sua vez, “é a atividade do aluno de assimilação de conhecimentos e habilidades” (LIBÂNEO, 2013 p. 98). Lembrando ainda que, segundo a teoria histórico-cultural, o sujeito adquire conhecimento na troca com o mundo, em relações interpessoais, ou seja, na interação com o outro. É importante ressaltar que esses componentes, ensino e aprendizagem, formam uma unidade e não podem ser considerados isolados um do outro nesse processo.

Dessa forma, as redes sociais podem contribuir como meio e não como fim desse processo. Por isso, é possível a Educação fazer uso delas, levando em consideração a mediação que pode acontecer com as intervenções intencionais dos professores, que devem atuar como agentes capazes de contribuir para o aprofundamento dos temas discutidos nesses espaços, orientar as discussões e contribuir para a divulgação e o compartilhamento de atividades acadêmicas desenvolvidas em sala de aula.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta dissertação é embasada na escola de Vygotsky, uma vez que a teoria histórico-cultural é a que mais se aproxima do pensamento didático-pedagógico que estamos estudando aqui. De acordo com a escola histórico-cultural, o professor seria a figura essencial do saber, por representar uma mediação entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. Um dos fundamentos dessa teoria seria, portanto, a mediação no processo de ensino e aprendizagem, na qual acreditamos estar inserido, além do professor, o nosso objeto de pesquisa: as redes sociais. Pensar em qualquer assunto no mundo contemporâneo que não perpassa o uso de redes sociais, seja como forma de comunicação ou simplesmente de informação, não é tarefa fácil. Essa integração do homem com o mundo tecnológico, mais do que uma realidade, já se impõe como uma necessidade praticamente universal, como explicitamos no capítulo anterior.

Segundo Baquero (1998, p.88), a teoria sociocultural “se propõe centralmente

a analisar o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores a partir da internalização de práticas sociais específicas”. O uso das redes sociais é uma realidade cultural e um instrumento simbólico das práticas sociais da modernidade. Nesse sentido, de acordo com o pensamento vygotskiano, a atividade cerebral é estimulada pela interação entre parceiros sociais e mediada pela linguagem.

2.3 A ESCOLA HISTÓRICO CULTURAL

A teoria histórico-cultural, mais conhecida no Brasil como Escola de Vygotsky, é uma vertente da psicologia que se desenvolvia na União Soviética, nas primeiras décadas do século XX. Para Mello (2004), essa teoria defende que homem é um ser de natureza social e se desenvolve na presença de condições adequadas de vida e de educação. O bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) desenvolveu seu pensamento a partir dos estudos de Karl Marx, que apontavam que os indivíduos não são dotados de mais ou menos inteligência, mas aprendem devido às suas condições materiais, condicionados pelo lugar que ocupam em suas relações sociais.

Segundo Mello (2004, p.67),

[p]ara a teoria histórico-cultural, o ser humano não nasce humano, mas aprende a ser humano com as outras pessoas. A criança nasce como uma única potencialidade, a de aprender, e nesse processo desenvolve sua inteligência (linguagem, memória, pensamento, etc.) e sua personalidade (afetividade, valores morais e éticos). Sendo assim, o ser humano é um ser histórico-cultural, porque depende daquilo que aprende, do que conhece e utiliza da cultura acumulada [cultura material (instrumento de trabalho, máquinas, casa, etc.) e não material (hábitos e costumes de um povo)] para ser aquilo que é.

Na teoria histórico-cultural, o papel da educação é garantir a criação de aptidões que são, inicialmente, externas aos indivíduos, dando condições de vida e de educação que possibilitem o acesso à cultura historicamente acumulada. Por isso, educadores, professores ou mesmo pais têm um papel essencial nesse processo, já que são os mediadores da relação que a criança estabelece com o mundo. Assim, nem mesmo as redes sociais ou toda a tecnologia que temos à disposição na modernidade serão capazes de minimizar o importante papel do professor.

Conforme Vygotsky (2003) aponta, as funções psíquicas humanas

(linguagem, memória, etc.), antes de se tornarem internas ao indivíduo (Intrapsíquica), precisam ser vivenciadas nas relações estabelecidas com outros indivíduos (Interpsíquicas). O educador não é apenas um facilitador desse processo, mas possui a tarefa de garantir a reprodução, em cada aluno, das qualidades humanas que foram criadas pelas pessoas ao longo da história, garantindo que ele se aproprie delas.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de uma outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1998, p. 33).

Em síntese, os estudos de Vygotsky apontam para um desenvolvimento das funções intelectuais do ser humano mediado socialmente por signos e pelo outro. O processo mental de uma pessoa passa pela reconstrução individual das ações realizadas externamente, quando o indivíduo começa a pensar sem uso de signos externos, apoiando-se em recursos já internalizados. A partir desse ponto de vista, entendemos que o compartilhamento de trabalhos acadêmicos, de estudos e de seus resultados em redes sociais como o *Facebook* são uma forma de mediação entre alunos que possuem signos e linguagem e que, assim, podem contribuir para a formação intelectual do outro.

Nesse sentido, a mediação torna-se um conceito central para se compreender os objetivos desta dissertação e como eles se encaixam nas ideias da teoria histórico-cultural. Explicaremos esse conceito no item seguinte.

2.3.1 Mediação

Segundo Vygotsky (1998), o indivíduo pode, com o auxílio de signos, controlar sua atividade psicológica, ampliando sua capacidade de atenção e de retenção de informações. Vygotsky também aponta que alguns instrumentos têm uma função mediadora e, além de promoverem uma mudança externa, possuem um papel fundamental nas atividades psíquicas. Ou seja, mudanças internas, como o conhecimento adquirido por meio de um acúmulo de informação compartilhada via

uma rede social, seriam resultado da ação concreta de um elemento mediador.

Vygotsky propõe a existência de dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos – a linguagem, por exemplo. Sobre esse assunto, ele afirma que

[A] invenção e o uso de signos auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (VYGOSTKY, 1998, p. 59-60).

A base da teoria de Vygotsky está na importância que a interação social possui para o desenvolvimento do ser humano, já que a internalização das práticas culturais é um processo de desenvolvimento socialmente construído. O processo nasce entre as pessoas (Interpsicológico) para ser internalizado em cada indivíduo (intrapicológico). De acordo com Rego (2014, p. 60),

[a] interação que o indivíduo estabelece com o universo social em que se insere, particularmente como os parceiros mais experientes de seu grupo, é fundamental para a formação do comportamento e do pensamento humano [...]. As conquistas individuais resultam de um processo compartilhado.

Acreditamos que essa interação do indivíduo com o universo social, no mundo contemporâneo, está ocorrendo simultaneamente nas redes sociais, cada vez com mais frequência e maior velocidade. Por isso, entendemos que essas redes possam ser usadas no processo de mediação de aprendizagem entre as pessoas. Mas, numa perspectiva dialética, é importante pontuar que a mediação, nessa dissertação, não é vista como sendo a rede social, tida como um instrumento tecnológico da educação. A mediação, aqui, é todo o processo que inclui a relação entre a orientação do professor, o trabalho de pesquisa do aluno, a tecnologia com a rede social, a linguagem que será usada e o momento histórico em que tudo isso está inserido.

Assim, a rede social só será entendida como mediação no processo de ensino e aprendizagem a partir do momento que essa mediação for, de fato, realizada em todos os contextos das relações sociais que envolvem esse processo. Ela não deve ser utilizada apenas como um instrumento de divulgação de um trabalho acadêmico, mas como uma forma de internalizar conhecimentos que possam ser compartilhados com outros.

A singularidade do ato instrumental, segundo Vygotsky (2004, p.96),

[a]poia-se na presença simultânea nele de estímulos de ambas as classes, isto é, de objeto e de ferramenta, cada um dos quais desempenha um papel distinto qualitativa e funcionalmente. Por conseguinte, no ato instrumental entre o objeto e a operação psicológica a ele dirigida, surge um novo componente intermediário: o instrumento psicológico, que se converge no centro do foco estrutural, na medida em que se determinam funcionalmente todos os processos que dão lugar ao ato instrumental.

Enfim, estamos falando de uma mediação pedagógica não como um mero instrumento, no qual o aluno atua apenas como um receptor. Estamos questionando o uso das redes sociais, por professores e alunos, como forma de contribuir com a construção de um novo conhecimento, levando o aluno ao desenvolvimento de suas funções mentais, formando sujeitos críticos e ativos. Para isso, o processo deve se basear numa aprendizagem mediada.

2.3.2 Aprendizagem mediada e zona do desenvolvimento proximal

Para Vygotsky (1998), a aprendizagem antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento, porque o desenvolvimento da inteligência e da personalidade é externamente motivado, ou seja, é resultado da aprendizagem. Mas, quando acontece a aprendizagem? O próprio Vygotsky, em sua teoria, aponta alguns elementos para compreender a aprendizagem mediada: as zonas de desenvolvimento e a atividade para o desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores.

Aprendizagem mediada é a aquisição de conhecimentos realizada por meio de um elo intermediário entre o ser humano e o ambiente. Para Vygotsky (1998), há dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos – representações mentais que substituem objetos do mundo real. Segundo ele, o desenvolvimento dessas representações se dá, sobretudo, por meio das interações, que levam ao aprendizado.

Para entender a questão do desenvolvimento da aprendizagem, Vygotsky (1998) discute a relação entre Zonas de Desenvolvimento Real e Proximal. A Zona de Desenvolvimento Real expressa o nível de desenvolvimento psíquico já alcançado pelo indivíduo, representada pelo desenvolvimento de funções como linguagem e memória, e indica aquilo que a criança ou o aluno é capaz de realizar

sozinho, de forma independente. Já a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) se manifesta como aquilo que o aluno ainda não é capaz de fazer sozinho, mas é capaz de aprender com a orientação de alguém. De acordo com Vygotsky (1998), é nesta zona de desenvolvimento próximo que acontece a aprendizagem, ou seja, esse desenvolvimento em prospecção reforça a idéia de que a cognição é um processo e, como tal, é mediado pelas interações socioculturais, de forma que os processos psicológicos caminham do nível social para o individual.

O bom ensino é aquele que garante aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento, sendo função da escola dirigir o trabalho educativo para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pelo aluno. Sendo assim, o papel do educador é intervir, mediar esse conhecimento que vai emergir na troca com o outro. E, qual seria, hoje, um cenário perfeito para trocas de experiência, compartilhamento de ideias e discussões acadêmicas? As redes sociais, que já estão presentes no cotidiano dos alunos e poderiam ser muito mais aproveitadas, na interação entre os alunos, com o intuito de facilitar o processo de internalização do conhecimento.

Neste processo, propõe-se o uso do conceito de atividade, mas não como uma tarefa a ser realizada pelo aluno. Pelo contrário, na teoria histórico-cultural, o conceito de atividade é bem específico, conforme veremos a seguir.

2.3.3 O conceito de atividade

Para a teoria histórico-cultural, a atividade não é qualquer coisa que a pessoa faça, mas apenas aquilo que possui algum sentido para ela. Ou seja, quando o motivo (interesse por fazer algo) e o objetivo (resultado final alcançado) de aprender alguma coisa são a mesma coisa. Atividade não é sinônimo de execução de tarefas. A atividade envolve conhecimento do objetivo pelo aluno, permitindo a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento de acordo com o desejo ou a necessidade de conhecimento dele. Por isso, é importante saber por que e como usar as redes sociais no planejamento pedagógico de uma atividade, de modo a unir o interesse do aluno ao objetivo proposto.

Entendendo que a atividade deve ser um processo ativo por parte do aluno e que ela é importante para garantir a apropriação do conhecimento, o fazer

compartilhado entre o educador e o aluno é fundamental para que este último mantenha uma atitude ativa em relação ao conhecimento e que, ao mesmo tempo, conheça o novo. E é nesse sentido que Vygotsky (2004) propõe que o trabalho compartilhado pode levar à atuação do aluno em níveis cada vez mais altos e à internalização de habilidades e capacidades cada vez mais elevadas.

É fato que os motivos e interesses humanos são históricos e sociais, criados na sociedade em que vivemos e por tudo o que acontece ao seu redor. Portanto, observa-se que as condições concretas para a criação de motivos se assentam em propostas de experiências que possam vir a se tornar atividades significativas para os alunos, de forma tal que o educando envolva-se inteiramente em sua realização e que o objetivo da atividade se torne o motivo que move o fazer.

Vygotsky (2004, p. 97) afirma ainda que

[e]scolher bem aquilo que será proposto às crianças é essencial. Para isso, conhecer a prática social – a vida – em que as crianças se inserem, os temas que a atraem, os interesses e necessidades já criados nas crianças muito ajudará o trabalho do educador.

Para isso, é preciso que o educador descubra a melhor forma de trabalhar com seu grupo, conhecendo os níveis de desenvolvimento real e proximal dos alunos, independentemente de ainda serem crianças ou não, para perceber qual atividade é principal para eles em cada etapa do desenvolvimento em que eles se encontram.

O desenvolvimento de alunos adultos também segue os mesmos processos, envolvendo uma zona proximal que abarca suas potencialidades. No entanto, podemos dizer que o adulto, ou jovem, possui maior habilidade de refletir sobre suas próprias experiências, já que, segundo Moscovici (1975), os adultos vivem hoje em uma sociedade pensante, que pensa coletivamente por meio das conversações ordinárias e, assim, constroem teorias do senso comum. A partir dessa perspectiva, procuramos demonstrar, neste trabalho, que as redes sociais são instrumentos no processo de mediação. Para tanto, investigamos uma experiência na qual professores e alunos envolvem as TIC's em um determinado momento de ensino e de aprendizagem, utilizando a teoria das representações sociais, que passaremos a explicar a seguir.

2.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI

Para investigar a possibilidade do uso das redes sociais como mediação do processo de ensino e aprendizagem, escolhemos Moscovici (2011) e sua teoria das representações sociais como abordagem metodológica. Esta teoria se propõe a investigar o conhecimento do senso comum e foi utilizada por nós para analisar como as redes sociais foram mobilizadas enquanto uma mediação pedagógica. O estudo de caso possibilitou analisar as teorias do senso comum construídas coletivamente a partir de uma experiência vivida por um grupo social, neste caso, a participação em um trabalho interdisciplinar que culminava em postagens no *Facebook*. Essa experiência foi vivida tanto por professores quanto por alunos e, por meio da teoria das representações sociais, buscou-se investigar o senso comum deles a respeito da experiência de utilizar as redes sociais como uma mediação pedagógica.

É importante, nesse momento, definir o que Moscovici (2011) entende por representações sociais.

No sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em vez de ‘coletivo’ (MOSCOVICI, 2011, p. 49, grifo do autor).

Nesta citação, Moscovici (2011) diferencia as representações sociais da clássica teoria de Durkheim sobre representações coletivas, entendendo as representações sociais como a versão contemporânea do senso comum. O senso comum pode ser definido como o modo de pensar da maioria das pessoas ou como conhecimentos adquiridos pelo homem a partir de suas experiências e observações do mundo. Tradicionalmente, a ciência, principalmente as correntes positivistas, considera o senso comum como uma forma de conhecimento irracional, que não segue uma lógica. Moscovici (2011), por sua vez, entende o senso comum como uma forma de conhecimento elaborada, que segue uma lógica baseada na sociabilidade (SPADONI, 2016). Por isso, ele afirma que a principal função das

representações sociais – ou do senso comum – é tornar familiar o que ainda não nos é familiar, vencer o desconhecimento por meio da socialização de ideias.

Nesse sentido, Moscovici (2011) afirma que, quando um objeto social novo adentra no campo de experiência das pessoas, elas são compelidas a conhecê-lo e a formar teorias a seu respeito, tornando-o familiar. E, para que isso aconteça, é necessário colocar em funcionamento mecanismos que recorrem à memória do indivíduo. Os mecanismos citados pelo autor são elaborados a partir de dois processos: ancoragem e objetivação. Esses dois elementos são os responsáveis pela formação das representações sociais e são construídos nos processos de interação e comunicação, portanto, vinculados a fatores sociais.

2.4.1 Ancoragem e objetivação

Ancoragem é o processo de assimilação do novo àquilo que já existe, servindo à instrumentação do saber e conferindo-lhe um valor funcional. Segundo Moscovici (2011, p. 66), “o primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar”. Sendo assim,

[a]ncoragem é o processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como ancorar um bote perdido em um dos boxes de nosso espaço social [...]. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa (MOSCOVICI, 2011, p. 66).

A ancoragem seria, portanto, a amarração de um novo conhecimento à hierarquia de valores que já estão presentes na nossa sociedade. É exatamente por isso que acreditamos ser mais difícil para pessoas com mais idade usufruírem de todos os benefícios das novas tecnologias, entre estas, as redes sociais. Cada geração tem uma visão diferente da presença e do uso das redes sociais no cotidiano, ancorando a presença das tecnologias em sua vida de forma distintas. Para alguns, as redes sociais são ancoradas apenas como mais um meio de comunicação e, para outros, elas podem ser um valioso instrumento de divulgação, gerando muitos negócios. Assim, a forma de ancoragem que cada indivíduo realiza

das redes sociais define a maneira como ele se relaciona com elas.

Por exemplo, os participantes de nossa pesquisa são de gerações diferentes e fazem distintas ancoragens do mesmo objeto. Os professores nasceram e viveram suas infâncias antes do advento da internet, enquanto os alunos já nasceram na era das redes sociais. Enquanto os professores tiveram que ancorar as redes sociais e acabaram por associá-las às comunicações de massa, os alunos não tiveram que passar por esse processo, uma vez que a internet sempre lhes foi familiar.

A objetivação, por sua vez, torna real um esquema conceitual, sendo a forma que encontramos para assimilar uma novidade. Segundo Moscovici (2011, 61), “o objetivo do segundo mecanismo é objetivar a ideia, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico”. Objetivação, então, seria o processo de ir do abstrato ao concreto, transformando elementos das representações em materialidade, unindo a ideia de não familiaridade com a da realidade. É, simplesmente, a substituição do percebido pelo conhecido. Moscovici (2011) afirma que

Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância (MOSCOVICI, 2011, p. 71-72).

Chamon (2006) entende que os processos de objetivação e ancoragem são complementares. O primeiro busca criar verdades óbvias para todos, enquanto o segundo refere-se à intervenção de determinismos na gênese e transformação dessas verdades. Assim, a objetivação cria a realidade em si e a ancoragem lhe dá um significado.

Moscovici (2011) e Chamon (2006) concebem a ancoragem como um sistema de categorização, com categorias estabelecidas socialmente. A objetivação, por sua vez, é um mecanismo para tornar a realidade concreta. A imagem torna-se concreta, física, cópia da realidade concebida. Ambos, a objetivação e a ancoragem, são processos cognitivos utilizados para se conhecer um novo objeto. As redes sociais são ancoradas e objetivadas de forma diferente por professores e alunos, porque as pessoas utilizam o conhecimento que já possuem a fim de acomodar ou de ancorar essa novidade. De acordo com Spadoni (2016, p. 85),

Por meio da objetivação e da ancoragem, as novidades vão sendo incluídas nesse pensamento social preexistente, e vão gradualmente participando das teorias que as pessoas possuem para explicar e interpretar os fatos sociais.

Entender esse processo de objetivação e ancoragem é importante para interpretar os resultados obtidos, neste trabalho, com o grupo focal de professores e a pesquisa realizada com alunos. Os professores de uma geração e os alunos, de outra, podem ter representações contraditórias sobre o mesmo assunto, até porque os dois grupos sociais se relacionam diferentemente com as redes sociais. Essa perspectiva é explicada por Spadoni (2016, p. 91), quando ela aponta que

As diferenças nas representações sociais de um mesmo objeto em diferentes grupos sociais são causadas pelo contexto em que esses grupos estão inseridos. Se dois grupos vivem situações e experiências diferentes, ou fazem parte de uma cultura diferente, eles vão, conseqüentemente, possuir representações sociais que expressam essas diferenças, seja em sua periferia ou até mesmo em seu núcleo.

O núcleo central seria aquilo que caracteriza a representação social de algum objeto e os elementos periféricos são as diferenças provenientes dos distintos grupos sociais (SPADONI, 2016). Nesse sentido, as representações sociais traduzem a relação de um grupo com um objeto social. No caso desta pesquisa, nosso objeto social são as redes sociais e temos dois grupos, um constituído por professores e outro por alunos. Ambos vivenciaram uma experiência pedagógica. No entanto, cada um viveu essa experiência de um determinado lugar social. Para explicitar melhor isto, abordaremos, a seguir, o papel da experiência e das conversações ordinárias na teoria das representações sociais.

2.4.2 A experiência e as conversações ordinárias em uma sociedade pensante

Cotidianamente, as pessoas vivenciam diferentes experiências e conversam sobre elas. Essas conversas diárias, que se repetem regularmente, são chamadas por Moscovici (2011) de conversações ordinárias. Para Bretas (2006, p.31), as conversações ordinárias “fecundam a sociabilidade ao promoverem a interação com o outro, conformando as relações sociais que moldam a convivência”. É por meio deste tipo de conversação que a sociedade vai pensando coletivamente e construindo teorias do senso comum. Esse pensamento coletivo é o que Moscovici (2011) chama de sociedade pensante. Mas o que seria esta sociedade pensante?

Essa é nossa questão e é isso que nós queremos observar e compreender,

através do estudo das circunstâncias em que os grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como esconder algo e das suas ações e suas crenças, isto é, das suas ideologias, ciências e representações (MOSCOVICI, 2011, p.43).

Moscovici (2011) entende a sociedade moderna como falante e pensante. Ao conversar, ela constrói ideias que constituem teorias elaboradas a respeito dos objetos sociais. Encontramos, aqui, um ponto em que Moscovici concorda com a posição de Vygotsky apresentada anteriormente, de que o desenvolvimento do pensamento nasce da comunicação social e depende das inter-relações sociais como um “alimento para o pensamento”. Vygotsky investiga esse tipo de pensamento trazendo-o para o indivíduo, focando no papel que ele exerce no desenvolvimento da criança e das funções mentais. Moscovici, por sua vez, investiga esse pensamento do ponto de vista social, transformando-o num objeto de investigação científica.

Moscovici (2011, p. 45) sugere que,

[p]essoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam.

Nessa perspectiva, esse trabalho parte do princípio de que o conhecimento provém, inicialmente, das relações interpessoais e sociais. No âmbito pedagógico, adotamos o ponto de vista de Vygotsky para explicitar como as redes sociais configuram instrumentos que podem ser utilizados no processo de mediação promovido pelo professor. No âmbito metodológico, adotamos a teoria de Moscovici, estudando o conhecimento construído sobre as redes sociais nas relações sociais, através das conversações ordinárias. Apresentaremos, assim, ao longo deste trabalho, as diferentes maneiras como cada um dos grupos pesquisados, alunos e professores, percebem a mediação pedagógica das redes sociais na universidade.

2.4.3 A experiência e as conversações ordinárias e a mediação pedagógica

É importante destacar que alunos e professores vivenciam uma mesma experiência dentro de um contexto de mediação pedagógica, em que as redes

sociais são propostas como instrumento, conforme mostraremos no estudo de caso que embasa a presente investigação. Para nos auxiliar nesse entendimento, buscamos a definição de mediação pedagógica sugerida por Vygotsky (1998, p. 7), que entende que

[a] transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador [...]. De acordo com a tendência dominante, até recentemente, a psicologia tratou o assunto de um modo demasiadamente simplificado. Partiu-se da hipótese de que o meio de comunicação era o signo (a palavra ou o som); que, por meio de uma ocorrência simultânea, um som podia associar-se ao conteúdo de qualquer experiência, servindo então para transmitir o mesmo conteúdo a outros seres humanos.

A partir desta definição, indagamos se o professor é o único responsável por realizar mediações ou se existe a possibilidade de os alunos e/ou outros também as realizarem. No nosso ponto de vista, mediação é uma relação entre sujeitos (aluno-professor, aluno-aluno) que buscam, dentro de um processo dinâmico, atitudes que colaborem com o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de todos os envolvidos no processo. Assim, o mediador, seja ele professor ou aluno, poderá incentivar os colegas a buscarem novas descobertas, por meio da utilização de materiais e ferramentas disponíveis no contexto em que estão inseridos. E por que não o mediador não poderia ser as redes sociais?

Essa mediação pedagógica proposta via redes sociais proporciona uma experiência nova e, conseqüentemente, provoca conversações ordinárias dentro dos respectivos grupos de alunos e professores. Por meio dessas conversações, os grupos vão pensando, ancorando e objetivando essa experiência de formas distintas e acabam construindo teorias do senso comum a respeito dela. Na Figura 2, ilustro a analogia entre a experiência vivida pelos professores e alunos por meio da mediação pedagógica pelas redes sociais e as representações sociais que cada grupo faz a partir de suas conversações ordinárias.

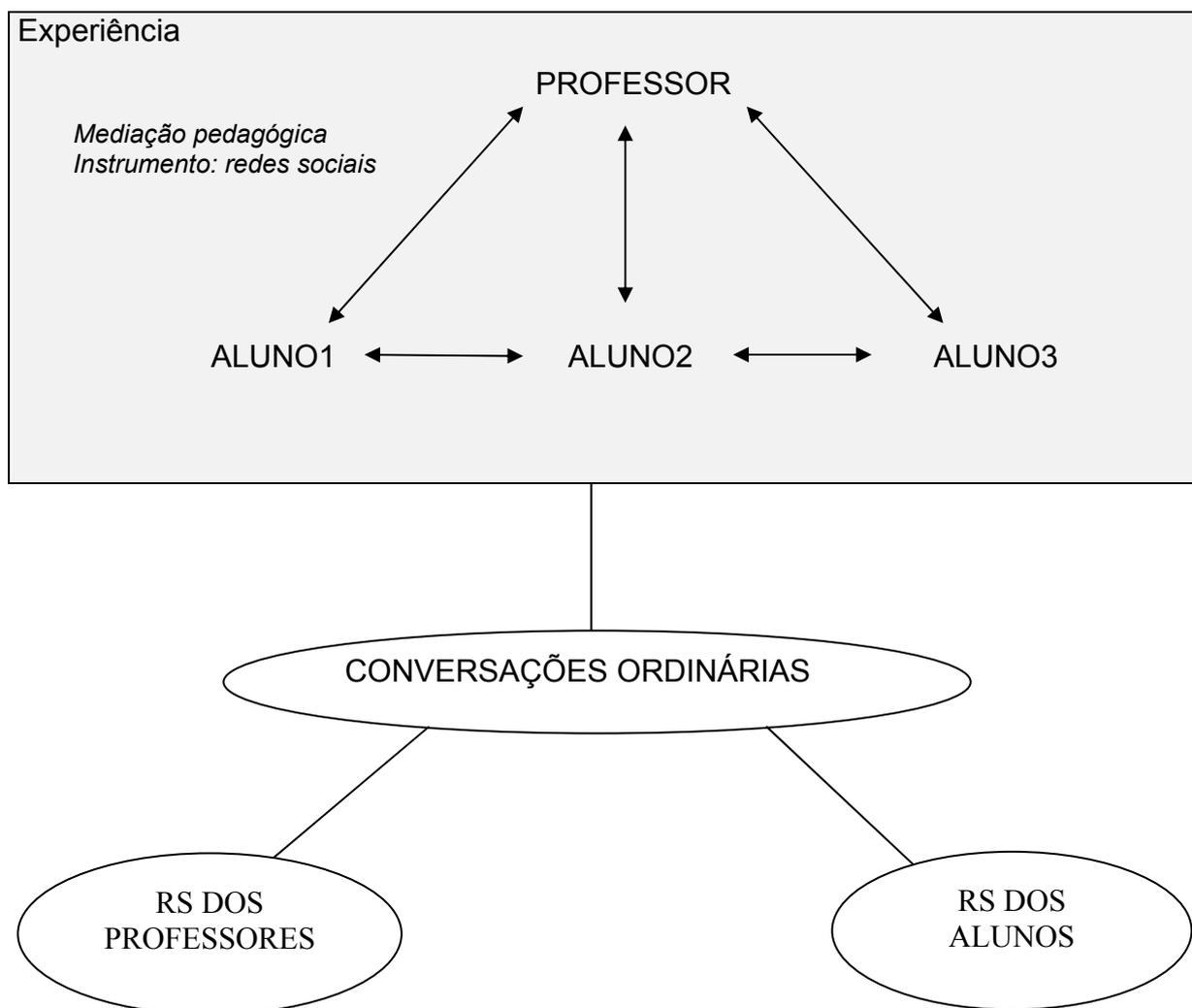


Figura 2 – Analogia entre experiência com as redes sociais, mediação, conversações ordinárias e representação social. Fonte: Elaborada pela autora.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa, os instrumentos usados para a geração de dados e o tratamento dos dados nos dois estudos realizados: o uso das redes sociais como mediação pedagógica entre para os alunos e para os professores.

3 METODOLOGIA

“O ponto de origem da pesquisa deve estar em uma perspectiva da realidade social, tomada com uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica”
(BRANDÃO, 2006 p. 41)

Este capítulo tem a finalidade de descrever as etapas percorridas durante a realização desta dissertação. Para tanto, foi dividido em quatro partes. Na primeira, apresentamos uma breve discussão sobre o trabalho, categorizando-o como um estudo de caso. Na segunda parte, descrevemos o contexto da pesquisa realizada e sua unidade de observação. Na terceira e quarta partes, tratamos dos participantes e dos instrumentos utilizados para a geração e análise dos dados.

3.1 O ESTUDO DE CASO

Este trabalho se sustenta, teoricamente, nos trabalhos de Vygostky (1998), visto que o objeto de estudo é a didática. No entanto, foi utilizada uma abordagem metodológica baseada nas propostas de Moscovici (2011), considerando que não é a metodologia que define o método que vamos utilizar, mas sim o objeto de estudo. Isto significa que a definição do método depende do nosso objeto. Baseados nessa premissa, utilizamos Vygotsky como pressuposto teórico e Moscovici como orientação metodológica.

Foram realizados dois estudos: o primeiro, de metodologia qualitativa, por meio de um grupo focal com os professores. E o segundo estudo, no qual foi feito um *survey* (levantamento), através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, que foram tratadas tanto qualitativamente quanto estatisticamente. Essas duas pesquisas de campo fazem parte do estudo de caso que aborda o uso de redes sociais, especificamente o *Facebook*, para publicação de trabalhos acadêmicos de disciplinas integradas do curso de Design de Moda da Universo – Campus Goiânia. Compreende-se que este estudo atende aos preceitos de Yin

(2010), que define estudo de caso como uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo, no caso, a utilização de redes sociais no contexto acadêmico.

Johnson (1992) reforça outras características do estudo de caso, como o fato de ele ser naturalista, visto que o procedimento de coleta de dados é feito no ambiente natural em que o estudo é realizado; descritivo, já que se preocupa em descrever o fenômeno; e qualitativo, embora possa haver a possibilidade de as informações serem tratadas, também, a partir de um viés quantitativo. Além disso, o tipo de objeto de estudo e a possibilidade de controle das variáveis, também interferem na escolha desta metodologia, como afirma Godoy (1995, p. 25).

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões como e por quê certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.

O estudo de caso realizado aqui se caracteriza como quantitativo e qualitativo. A parte quantitativa foi realizada através de questionários aplicados a 195 egressos e alunos do curso de Design de Moda e a parte qualitativa por meio de um grupo focal realizado com os professores. De acordo com Duarte (2004, p. 214-215),

[o] que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo.

Temos certeza que, neste caso, as entrevistas com professores foram fundamentais para mapear práticas pedagógicas, para coletar dados que mostrassem como cada professor trabalha e analisa o uso das redes sociais no processo de ensino. Sendo assim, a metodologia de pesquisa utilizada caracteriza-se como descritiva, de natureza quantitativa e qualitativa, porque, segundo Godoy (1995, p. 23), “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada”. Ou seja, o pesquisador tem que ir a campo para tentar captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

Para Cavalcanti e Moita Lopes (1991), o uso, em sala de aula, de modelos de pesquisa de base antropológica tem como característica principal o foco no professor enquanto produtor de pesquisa e, dessa maneira, a atividade de ensinar é

conceitualizada como um ato constante de investigação, permitindo o progresso educacional. Assim, a opção da pesquisadora por investigar seu próprio trabalho reside na possibilidade de refletir na e sobre sua prática e poder, ainda, proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre sua aprendizagem, garantindo uma aproximação entre teoria e prática.

Este campo é mais propício, ainda, à investigação de como se dá a construção do conhecimento mediado pelas redes sociais. O desafio, neste trabalho, não consiste em trazer as redes sociais para a universidade, porque elas já estão em todos os lugares, inclusive nas salas de aula. Consiste, sim, em pesquisar meios de se trazer as redes sociais para a educação como mais um instrumento de mediação. Baseado na teoria de Vygotsky (2003), este compartilhamento de informações como uma forma de mediação do conhecimento é o reconhecimento da contribuição do outro na partilha de experiências e na construção de saberes, sendo um ponto de partida da prática da pesquisa a que nos propomos a fazer nesta investigação.

A seguir, apresentamos a unidade de análise e observação deste estudo.

3.2 UNIDADE DE ANÁLISE E OBSERVAÇÃO

O presente estudo de caso tem, como unidade de análise, a Semana de Moda Virtual da Universo – Campus Goiânia e as publicações, no *Facebook*, dos trabalhos acadêmicos produzidos por alunos do curso de Design de Moda. Na Semana de Moda, os alunos são responsáveis, sob a orientação de professores de todas as disciplinas integradas ao projeto, por planejar, pesquisar, desenhar e conceber um produto de moda proposto para cada semestre, que é avaliado, em banca presencial, por professores do período e, virtualmente, por sua publicação em uma rede social, o *Facebook*.

Na Semana de Moda Virtual, são apresentados os trabalhos pesquisados, desenhados e executados pelos alunos do curso de Design de Moda. O produto final é uma peça de design que pode assumir a forma de vestuário, sapato, bolsa ou acessório de moda, inspirado no tema proposto, durante a semana de planejamento, pela coordenação do curso e pelos professores do colegiado. As disciplinas que

fazem parte deste trabalho integrado, no sexto período do curso de Design de Moda, por exemplo, são: Produção de Moda, Ergonomia Aplicada, Organização de Eventos, Desenho e Ilustração de Moda, Projeto Experimental, Criação de Moda e Desenvolvimento de Coleção.

É importante esclarecer, aqui, que o Trabalho de Grupo Interdisciplinar (TGI) é uma atividade da graduação que faz parte de um momento de avaliação. No curso de Design, ele surgiu a partir de uma discussão acerca dos projetos desenvolvidos por professores da instituição que eram alunos no curso de Pós-Graduação em Docência Universitária. Posteriormente, a coordenadora do curso de Design de Moda reuniu os participantes e estabeleceu trabalhos com relações e/ou interdependências bem definidas. Daí em diante, o projeto se estendeu a todos os períodos.

Assim, o TGI é um trabalho interdisciplinar realizado todos os períodos do curso de Design de Moda e apresentado na Semana de Moda, realizada todos os semestres letivos. Os temas e os critérios de avaliação são definidos nas atividades de planejamento, realizado com todo o corpo docente e a coordenação do curso. Nos Anexos B e C, destacamos um modelo de TGI do 3º período do curso e um modelo de ficha de avaliação com todos os critérios a serem cumpridos pelos alunos no momento da apresentação de seus trabalhos para uma banca de professores e alunos do curso.

Por uma série de fatores, no primeiro semestre de 2015, a Semana de Moda foi apresentada virtualmente nas *timelines* do *Facebook* dos alunos, como uma forma de divulgação de seus trabalhos e para desenvolver habilidades específicas de uso de redes sociais na moda contemporânea. Alguns professores foram contra essa decisão, outros a favor e, no semestre seguinte, a Semana de Moda voltou a ser apresentada presencialmente, de maneira obrigatória, e, virtualmente, apenas de modo voluntário.

É importante para esta pesquisa pontuar a participação dos alunos nas apresentações de trabalhos acadêmicos durante a Semana de Moda. Esse trabalho é o resultado de todo um processo de pesquisa interdisciplinar avaliado por período durante todos os seis semestres do curso. Desde 2004, quando o curso foi criado, a apresentação é feita presencialmente em bancas de avaliação com professores da instituição. E, desde 2014, alguns professores passaram a avaliar este mesmo trabalho interdisciplinar por meio de postagens no *Facebook* dos alunos. Essas

postagens contam com algumas informações obrigatórias para o registro e devem ser compartilhadas nas *timelines* dos professores que a avaliam. Após a postagem, como a apresentada na Figura 3, a gestão do curso avalia o número de curtidas, comentários e compartilhamentos que esses trabalhos acadêmicos tiveram e divulga entre a comunidade acadêmica. A postagem abaixo teve 52 curtidas, 2 compartilhamentos e 13 comentários, por exemplo.



Figura 3 – *Print* de uma publicação de trabalho acadêmico apresentado na Semana de Moda

Passo, a seguir, à descrição dos dois estudos de campo realizados na composição deste estudo de caso, com descrição de seus instrumentos, participantes e tratamento de dados.

3.3 ESTUDOS DE CAMPO

Foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: (i) entrevistas por meio de um grupo focal com professores envolvidos no trabalho interdisciplinar do curso; e (ii) uma pesquisa com alunos e egressos do curso, via questionário virtual.

3.3.1 Grupo focal

3.3.1.1 Participantes

Para investigar a compreensão que os professores tinham sobre o uso das redes sociais, optou-se por uma metodologia qualitativa que possibilitasse um aprofundamento nas questões que circulam entre eles, em suas conversações cotidianas sobre o tema. Foram convidados dez professores do curso de Design de Moda da Universo – Campus Goiânia, tendo como critério de inclusão na pesquisa o fato de terem participado de um projeto acadêmico virtual, em função das disciplinas que ministram. Sete professores assentiram em fazer parte do grupo focal e três se recusaram a participar da pesquisa. Todos os professores receberam informações sobre a pesquisa antes de confirmarem sua adesão à mesma e repassaram dados como idade, formação, tempo de docência superior, disciplinas que ministram e interação com as redes sociais.

Integram essa pesquisa:

- Professor A, 49 anos, Mestre e Designer de Moda, professor universitário há mais de 10 anos no curso de Design de Moda, trabalha em duas Instituições de Ensino Superior (I.E.S.)¹¹, uma pública e outra privada, na disciplina de Desenho de Moda. Usa as redes sociais moderadamente, especialmente *WhatsApp* e *Facebook*.
- Professora B, 46 anos, Bacharelado e Licenciatura em Química, Especialista em Docência Universitária, Mestre em Química, professora universitária há 18 anos em uma I.E.S. privada, sendo 10 anos em Projeto Experimental e outras disciplinas no curso de Design, atuando também em Engenharia de Materiais, Química e Ensino de Ciências.
- Professor C, 43 anos, Doutorando, Mestre e Bacharel em Artes Visuais, professor há 13 anos, sendo 11 deles no curso de Design de Moda de uma I.E.S. privada, nas disciplinas de Fotografia, Vídeo e Estamparia. É totalmente adepto das redes sociais, com conta no *Facebook*, *Instagram*,

¹¹ Doravante será utilizada a sigla I.E.S. para designar Instituição de Ensino Superior

Pinterest e canal no YouTube.

- Professora D, 39 anos, Graduada em Design de Moda, professora universitária há 13 anos no curso de Design de Moda de uma I.E.S. privada, atuando nas disciplinas de Pesquisa e Criação e Produção de Moda. Usa pouco as redes sociais e somente *WhatsApp* e *Facebook*.
- Professora E, 46 anos, Mestre e Graduada em Artes Visuais, blogueira, professora universitária há 13 anos em uma I.E.S. privada, nas disciplinas de Desenho de Observação e Desenho de Moda. Completamente adepta das redes sociais, usa o perfil e fanpage do *Facebook*, canal no *YouTube*, *Pinterest*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Google+*, *Flickr* e *Blog*.
- Professora F, 45 anos, Graduada em Design de Moda, 8 anos de docência, sendo 5 deles em curso Técnico de Nível Médio numa I.E.S. pública e 3 anos nos cursos de graduação e pós-graduação em Design de Moda em uma I.E.S. privada, nas disciplinas de Desenvolvimento de Produtos, Tecnologia Têxtil, Criação e Desenvolvimento de Coleção, Modelagem, Mulage, entre outras. Usa bastante o *WhatsApp* e pouco o *Facebook*.
- Professora G, 41 anos, Graduada em Design de Moda, trabalha em duas I.E.S., uma pública e outra privada, na disciplina de Modelagem. Atua há 11 anos em cursos de graduação em Design de Moda, em cursos técnicos do vestuário, sempre em matérias práticas Laboratório de Costura, Modelagem e História da Moda Brasileira. Sua interação com as mídias sociais é tímida. Usa apenas o *WhatsApp*, *Facebook*, *LinkedIn* e, muito pouco, o *Instagram*.

Os professores participantes da pesquisa têm praticamente o mesmo tempo de docência, numa média de 10 anos cada um, e se caracterizam por uma diversidade no que diz respeito à formação acadêmica e às disciplinas com as quais trabalham. A maior parte dos professores se diz adepta moderadamente do uso das redes sociais e está na faixa etária entre 39 e 49 anos, conforme sistematiza o Quadro 3.

Quadro 3 – Descrição dos participantes do grupo focal

| Professor | Sexo | Idade | Formação | Uso das redes sociais |
|-----------|-------|-------|--------------------------|-----------------------|
| A | Masc. | 49 | Bacharel: Design de Moda | Moderado |
| B | Fem. | 46 | Mestre em Química | Baixo uso |
| C | Fem. | 43 | Bacharel: Artes Visuais | Totalmente adepto |
| D | Masc. | 39 | Bacharel: Design de Moda | Baixo uso |
| E | Fem. | 46 | Bacharel: Artes Visuais | Totalmente adepto |
| F | Fem. | 45 | Bacharel: Design de Moda | Moderado |
| G | Fem. | 41 | Bacharel: Design de Moda | Moderado |

Fonte: Elaborado pela autora desta dissertação

Esse grupo focal foi criado para apresentar e discutir a opinião de cada professor sobre o uso das redes sociais no processo de ensino e de aprendizagem, durante a elaboração dos trabalhos interdisciplinares do curso de design de Moda de uma universidade privada na capital goiana, e do uso das mesmas mídias na apresentação desses trabalhos na Semana de Moda da instituição, evento que o curso reserva para apresentação de todos os trabalhos concluídos no semestre letivo. Os professores concordaram e se comprometeram a responder cinco questões que foram colocadas diariamente até que todos se posicionassem sobre o assunto, concordando ou não com as opiniões dos colegas. Cada pergunta tinha que ser respondida por todos os participantes antes que a pesquisadora apresentasse a próxima pergunta.

3.3.1.2 Instrumento e procedimento

O grupo focal com os professores do curso foi realizado virtualmente, aproveitando a mesma rede social pesquisada, o *Facebook*, entre os dias 18 de maio e 18 de junho de 2016. Gatti (2005, p. 49) define o grupo focal como “[u]m conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. A ideia, aqui, era fazer um grupo focal tradicional, mas a agenda de todos os docentes tornaria inviável o encontro com todos simultaneamente. Como esta

pesquisa objetivava investigar o uso das redes sociais, decidimos utilizar uma dessas ferramentas para fazer o grupo focal.

Foi criado, no dia 18 de maio de 2016, um grupo no *Facebook*, ao qual apenas a pesquisadora e os professores convidados tinham acesso. Tudo ficou registrado e devidamente autorizado pelos professores, de modo que foi possível publicar a opinião de cada um mantendo o sigilo de suas identidades¹². O grupo focal funcionou da seguinte forma: foi proposta uma pergunta e depois que todos a respondessem, uma segunda seria inserida. Os participantes poderiam concordar ou discordar da opinião do colega, o que enriqueceria a pesquisa. Foram apenas cinco questões levantadas e todos contribuíram com a pesquisa até o dia 18 de junho de 2016 (ver Apêndices E e F).

3.3.1.3 Tratamento dos dados

O trabalho com o grupo focal de professores possibilitou à pesquisadora captar um conjunto de informações concretas de diferentes naturezas, abarcando conceitos e preconceitos, opiniões e ideias, valores, sentimentos e ações voltados para o objetivo da pesquisa. O tratamento de dados da pesquisa foi feito por meio da **análise do conteúdo** do grupo focal, visando atender alguns dos objetivos específicos desta dissertação, como analisar componentes da experiência vivida pelos professores em um processo de ensino aprendizagem em que foram utilizadas as redes sociais; entendendo como eles avaliaram a participação e os resultados alcançados.

Para isso, foram levantadas algumas categorias, como a formação e atuação dos professores participantes da pesquisa:

- A Avaliação Interdisciplinar: comparamos a opinião de cada professor sobre os trabalhos interdisciplinares e o sistema de avaliação do curso de Design de Moda;
- B Semana de Moda presencial e virtual: analisamos a forma da apresentação do trabalho interdisciplinar de maneira presencial e virtual;

¹² Foi assinado o TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice G).

- C Aspectos pedagógicos: descrevemos as dificuldades encontradas no trabalho interdisciplinar e seus aspectos pedagógicos com e sem o uso das redes sociais;
- D Redes sociais e mediação pedagógica: discutimos os processos de ensino e aprendizagem mediados pelas redes sociais, tema que norteia este estudo.

As categorias utilizadas para o tratamento dos dados foram as próprias perguntas que foram planejadas para guiar o grupo focal.

3.3.2 Questionário Virtual

3.3.2.1 Participantes: alunos

O objetivo deste segundo estudo foi verificar a compreensão que os alunos têm acerca do uso das redes sociais, especificamente o *Facebook*, investigando se ele foi percebido como uma ferramenta ou como um instrumento utilizado pelo professor em seu papel de mediação no processo de ensino e de aprendizagem. O critério de seleção de amostra dos alunos e egressos do curso foi o de acessibilidade. Entende-se, segundo Malhotra (2001), que a amostra não probabilística pode ser coletada por acessibilidade, quando existe uma oportunidade ou o auxílio por parte da empresa estudada em efetuar a pesquisa internamente.

Foram definidos, como critérios de inclusão: ser aluno ou egresso do curso de moda da IES; ter participado de pelo menos um TGI; consentir em participar da pesquisa respondendo afirmativamente ao Termo de Consentimento Esclarecido. Como critérios de exclusão da amostra foram definidos: não ser aluno ou egresso do curso de moda da IES; não ter participado de nenhum TGI; ou não concordar em participar da pesquisa não consentindo ao TCLE. Desta forma, obtivemos 195 questionários, dos quais nenhum precisou ser descartado, pois todos estavam adequadamente respondidos.

Dos 195 participantes da pesquisa que responderam ao questionário, 149 (76,4 %) são alunos do curso de Design de Moda e os demais são egressos. Apenas 23,6 % de egressos responderam à pesquisa, consequência da dificuldade de

contato com os alunos que já se formaram e não frequentam mais a universidade (Gráfico 1).

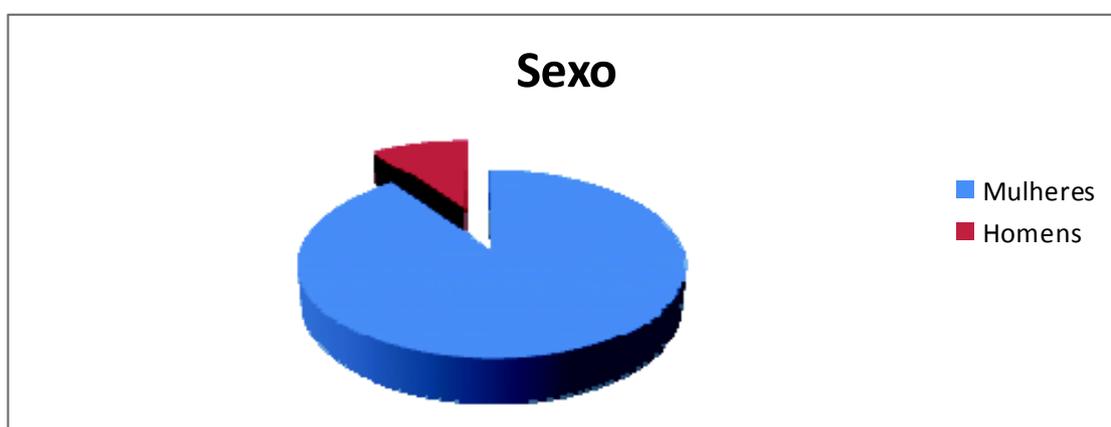
Gráfico 1 – Participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Dos alunos que responderam ao questionário, a maioria é do sexo feminino. Esse dado reflete a realidade do curso de Design de Moda, em que a maioria dos discentes é mulher. Conforme mostra o Gráfico 2, o questionário foi respondido por 176 mulheres e apenas 19 homens, em uma proporção de 90,3% contra 9,7%. A maioria dos participantes tem entre 18 e 29 anos, sendo que menos de 10 % deles tinha mais de 30 anos. Desses, quatro tinham 39 anos, dois tinham 46 anos e um tinha 56 anos.

Gráfico 2 – Sexo



Fonte: Elaborado pela autora

A pesquisa pontua a participação dos alunos nas apresentações de trabalhos acadêmicos durante a Semana de Moda, já descritos na metodologia deste estudo. A seguir, um exemplo de um desses trabalhos publicados na rede social de um aluno, devidamente autorizado com a assinatura do TLCE, em anexo.



Figura 4 – *Print* de uma publicação de trabalho acadêmico apresentado na Semana de Moda

Optou-se por uma metodologia quantitativa devido ao grande número de alunos e egressos que passaram pela experiência do TGI e que, portanto, poderiam contribuir para a compreensão do objeto de estudo. Nesse sentido, o segundo estudo da pesquisa de campo teve, como método, um levantamento por meio de questionários, com perguntas abertas e fechadas, que foi enviado por e-mail a alunos e egressos do curso de Design de Moda. Apesar de predominantemente quantitativo, esse estudo também se propôs a fazer análises qualitativas das respostas abertas dos participantes, caracterizando a polissemia metodológica defendida por Moscovici (2011).

3.3.2.2 Instrumento e procedimento

O instrumento de pesquisa foi um questionário construído com o objetivo de alcançar respostas para o problema e os objetivos da presente pesquisa. Desse modo, seguindo orientações de Gil (2006), foram elaboradas questões abertas, fechadas e dependentes. O questionário passou por um pré-teste com cinco alunos pertencentes à população pesquisada para avaliar a apresentação gráfica do mesmo, a fim de se obter clareza e precisão nas questões, desmembramento dos termos, ordem das perguntas e introdução do questionário *on-line*. O questionário final continha 10 perguntas abertas e 22 fechadas, todas focadas nos hábitos de uso de internet, na experiência do aluno e no papel do professor no trabalho de orientação para elaboração e apresentação do trabalho interdisciplinar presencial e/ou virtual.

Segundo Gil (2008, p. 121), o questionário é um “conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações” e, na maioria das vezes, é “proposto por escrito aos respondentes”. Para o autor, um questionário bem elaborado precisa estar embasado nos objetivos da pesquisa a fim de garantir que as repostas coletadas gerem dados confiáveis e que descrevam “as características da população pesquisada” (GIL, 2008, p. 121).

A pesquisa foi feita virtualmente, no primeiro semestre de 2016. O questionário foi elaborado no *Google Forms*¹³ e enviado aos alunos por e-mail, a partir dos dados cadastrados na coordenação do curso, e por meio de um *post* no *Facebook* da própria pesquisadora, que também é professora na mesma instituição, atingindo alunos de todos os períodos do curso e egressos que ainda a seguem na rede social.

Sobre o questionário que foi aplicado na pesquisa (ver Apêndices B e C), optou-se por um formato/modelo auto-aplicado para atingir um grande número de pessoas. Como o objeto de estudo foi o *Facebook*, escolhemos a própria rede social

¹³ O *Google Forms* (ou Formulários Google) é uma ferramenta integrada ao *Google Docs* que permite a criação de formulários de maneira rápida e simples, sem exigir que o usuário toque em uma linha de código sequer e oferece uma ampla gama de recursos. Com ele, é possível criar desde simples formulários de contato, até pesquisas, votações e *quizzes*, sendo que os resultados podem ser armazenados (e visualizados) em práticas planilhas, as quais podem, posteriormente, ser transformadas até mesmo em belos gráficos. Fonte: <<http://codigofonte.uol.com.br/artigos/aprenda-a-criar-um-quiz-usando-o-google-forms>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

pesquisada para atingir os alunos e egressos do curso de Design de Moda. A intenção da coleta de dados era fazer com que o aluno se percebesse como construtor de sua aprendizagem e que pudesse refletir acerca das atividades que foram realizadas e desenvolvidas, ao longo de cada semestre do curso, na publicação de seus trabalhos acadêmicos nas Semanas de Moda virtuais da instituição. Até porque, a ideia é que o ser humano está em constante processo de aprendizagem e são inúmeros os fatores, tanto biológicos quanto sociais ou históricos, que influenciam na formação do aluno, mas que, isoladamente, não determinam a sua constituição. Como afirma Vygotsky (2001, p. 63), “o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento”.

Os alunos e egressos foram abordados via *e-mail*, por meio do banco de dados da própria universidade, que tem completa anuência da pesquisa realizada em sua instituição. Ao receberem os e-mails, os alunos e egressos podiam ter acesso à pesquisa mediante um endereço eletrônico. A primeira página que eles visualizavam continha um TCLE explicando os objetivos da pesquisa, seus riscos, uma estimativa de tempo para responder o questionário e finalizava pedindo o consentimento do participante que deveria ser dando clicando em “sim, aceito participar desta pesquisa”.

Somente o aluno convidado por e-mail e/ou cadastrado no *Facebook* da pesquisadora teve acesso ao endereço eletrônico para o qual deveria encaminhar o questionário respondido. Foram cadastrados apenas alunos e egressos do curso de Design de Moda da Universo. Os sujeitos participantes foram submetidos a questionários uniformes (ver Apêndice C), sendo que os dados foram tratados sempre de uma perspectiva coletiva e estatística.

3.3.2.3 Tratamento dos dados

Nesta segunda fase do estudo de campo, de natureza descritiva, foram utilizadas análises estatísticas a fim de compreender a visão dos alunos em relação à referida rede social e atender aos objetivos específicos desta pesquisa. As análises foram realizadas no programa *Statistica Dell*. Alguns dados foram

analisados por meio de frequência simples e porcentagem, sendo que alguns desses dados foram cruzados. Outros foram tratados com média, máxima, mínima e desvio padrão. Segundo Dancey (2013 p. 97), “desvio padrão é a medida de quanto os valores da nossa amostra variam em torno da média, cada valor de uma amostra terá um desvio em relação à média. Se subtrairmos a média de cada valor, teremos uma indicação de quão longe cada um está da média”.

A média teve os dados apresentados em intervalos agrupados. Nesse caso, foi determinada, primeiramente, a média de cada intervalo, multiplicando o resultado pela frequência absoluta do intervalo. O somatório desses produtos foi dividido pelo somatório da frequência absoluta, constituindo a média dos valores agrupados em intervalos e demonstrando os valores mínimos e máximos encontrados em algumas repostas que foram analisadas estaticamente.

Foram feitas, ainda, algumas correlações bivariadas entre as questões respondidas pelos alunos na pesquisa, considerando o relacionamento entre duas variáveis que não são independentes. Ou seja, respostas e valores que em uma pergunta (variável) mudam, fazem com que valores em outra variável mudem também. Essa correlação entre respostas e valores encontrados não pode ser uma casualidade, porque sugerem um relacionamento correlacional.

3.3.2.3.1 *Correlação entre variáveis*

A análise estatística apresentada até o momento mostrou números e dados separadamente e, agora, será apresentada a possível correlação entre algumas variáveis e as questões que tiveram correlações estatisticamente significativas.

Segundo Dancey (2013, p. 181),

O propósito, portanto, de fazer uma análise de correlação é descobrir se existe um relacionamento entre as variáveis, que é improvável de acontecer devido ao erro amostral e improvável de ser espúrio. A hipótese nula é que não existe relacionamento real entre duas variáveis. Entretanto, essa não é a única informação que a análise de correlação oferece. Ela também nos permite determinar o seguinte: A direção do relacionamento – se é positivo, negativo ou zero; a força ou magnitude do relacionamento entre duas variáveis – o teste estatístico, chamado de *coeficiente de correlação*, varia de 0 (nenhuma relação entre as variáveis) a 1 (relação perfeita entre as variáveis).

A intensidade do relacionamento de coeficientes de correlação positivos e negativos entre as variáveis são apresentados na Figura 5. As correlações podem variar de fracas, moderadas, fortes à perfeita, sendo uma correlação perfeita de Sperman positiva +1 e negativa -1.

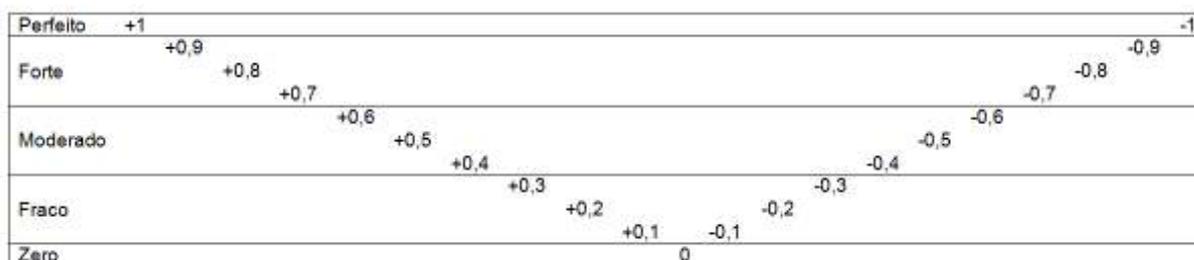


Figura 5 – Ilustração da intensidade do relacionamento de coeficientes de correlação positivos e negativos (DANCEY, 2013, p. 187)

Passo, a seguir, para os capítulos em que os dados são apresentados, analisados e discutidos. Lembrando que este estudo foi dividido em duas partes: o primeiro, como os professores entendem a mediação pedagógica via redes sociais e, o segundo estudo, como os alunos enxergam esse processo.

4 PRIMEIRO ESTUDO: O USO DAS REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS PROFESSORES

“Os educadores críticos estão desafiados a repensar objetivos e processos pedagógico-didáticos em sua conexão com as relações entre educação e economia, educação e sociedade técnico-científica informacional, para além dos discursos contra o domínio do mercado e a exclusão social.
(LIBÂNEO, 2002, p.62)

Neste capítulo, apresentamos, analisamos e discutimos os resultados da realização do primeiro estudo desta pesquisa. O uso das redes sociais como mediação pedagógica a partir da perspectiva dos professores será apresentado em quatro partes. Na primeira, comparamos a opinião de cada um deles sobre os trabalhos interdisciplinares e o sistema de avaliação do curso de Design de Moda. Na segunda, discutimos a forma de apresentação do trabalho interdisciplinar, presencial e virtual. Na terceira, descrevemos as dificuldades encontradas nesse percurso e seus aspectos didáticos. Na última parte, analisamos os processos de ensino e aprendizagem mediados pelas redes sociais, tema que norteia este estudo.

4.1 AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Na primeira pergunta, foi solicitado que cada professor relatasse sua experiência com os trabalhos interdisciplinares realizados no curso de moda. Foram debatidos, além de opiniões, os erros e acertos e os prós e contras do TGI¹⁴. Os professores tiveram liberdade para interferir na opinião do colega, concordando, discordando ou complementando.

Ao analisar as contribuições dos participantes, o primeiro fator percebido é que os professores não questionam o desenvolvimento de habilidades e competências e/ou valores didáticos para aprendizagem do TGI. O que eles questionam, durante toda a discussão, são aspectos operacionais da avaliação. O

¹⁴ Trabalho Interdisciplinar do curso de Design de Moda da Universo (Anexos A, B e C).

primeiro deles é a quantidade de critérios que devem ser observados para a avaliação, considerada excessiva, gerando frustração nos alunos e sobrecarga de trabalho para os professores. O segundo aspecto é o acúmulo de trabalhos para serem corrigidos pelos professores ao final do semestre.

A professora B começa seu relato descrevendo a principal dificuldade para a realização de um TGI: trabalhar em grupo.

Excerto 1 – Professora B

Talvez a nossa maior dificuldade seja o nosso maior acerto: trabalhar em grupo. Mostrar o que você está fazendo, é como se mostrar, colocar-se a críticas. É o que é mais difícil, mas, ao mesmo tempo, se não o fizermos, não tem trabalho interdisciplinar. Saber se colocar e tentar entender o outro, também é complicado, mas, acho que de certa forma, o grupo tenta superar, mesmo dentro das nossas limitações pessoais. Com as redes sociais e as novas tecnologias, de certo modo também une o grupo de professores, facilitando a comunicação.

A questão das redes sociais, objeto desta pesquisa, ainda não tinha sido colocada em pauta, mas já foi citada na resposta da professora, apenas como uma ferramenta utilitária de comunicação.

Já o professor C acredita que a maior dificuldade do trabalho interdisciplinar seja a quantidade exagerada de critérios a serem avaliados nas bancas de apresentação, em apenas 10 minutos, por professores que, na maioria das vezes, são de outras áreas do conhecimento. E ele ainda vai além em sua crítica ao trabalho:

Excerto 2 – Professor C

Apesar do alinhamento dos critérios de avaliação nas semanas de planejamento, quase TODOS os professores acumulam atividades no decorrer do semestre acarretando práticas avaliativas inoperantes nos TGI's das quais não me excludo. Assim, os alunos percebem esse desencontro de critérios no momento da avaliação.

Sobre a percepção dos alunos, o professor A concorda com o C em vários posicionamentos e faz a seguinte ponderação:

Excerto 3 – Professor A

Acredito que fazer Moda tem que nos dar prazer... percebo os alunos insatisfeitos e pressionados.

A professora F também concorda que os pontos negativos do TGI estão relacionados à forma de avaliação subjetiva de todo o trabalho, conforme foi colocado anteriormente. Todavia, ela faz uma avaliação positiva do processo:

Excerto 4 – Professora F

Eu penso que o TGI é um dos melhores e mais eficientes instrumentos de formação das competências nos nossos alunos. Acredito que eles crescem muito porque todos os trabalhos são desenvolvimento de projetos, que envolvem planejamento, pesquisa, experimentação, além da aplicação de conceitos teóricos. A atividade também desenvolve competências metodológicas, sociais e organizativas como a visão sistêmica, sentido de organização, tomadas de decisão, trabalho em equipe, entre outras. Enfim, acho uma experiência rica e indispensável.

Essa foi a primeira professora que levantou os aspectos positivos do trabalho interdisciplinar e abordou a preocupação com a formação de competências e habilidades desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem que vão acompanhar os alunos por toda a vida, gravadas na memória através da vivência desse trabalho. A professora E concorda com a professora F e ainda destaca a importância da apresentação do trabalho nas bancas, crítica realizada anteriormente pelos professores A, B e C.

Excerto 5 – Professora E

A apresentação oral do trabalho defendendo as ideias, mostrando coerência, ou não, desde a pesquisa até a etapa final do projeto, é um dos aspectos mais importantes. É depois da apresentação da semana de moda que os alunos de fato compreendem todo o processo. É quando eles entendem os porquês de cada etapa. Quando o aluno se envolve e se dedica aos trabalhos o aprendizado é notório.

Depois dessa colocação, todos os professores concordam sobre a importância da apresentação oral do TGI e voltam a criticar a forma de avaliação e seus critérios. A professora B ressalta que Avaliação é sempre um problema, independentemente de ser interdisciplinar ou não.

Excerto 6 – Professora B

Sempre avaliamos com um olhar de julgamento, por isso sob os nossos valores, daí a subjetividade apontada pela colega. Em qualquer processo é difícil fazer a avaliação. Pense então em um processo coletivo em que cada professor tem conhecimentos diferentes. Daí a diversidade de pontos de vistas.

Para a professora G, a avaliação é importante no processo.

Excerto 7 – Professora G

Os erros são mais facilmente vistos e entendidos pelos alunos e assim o aprendizado se completa, com a experiência e o crescimento do aluno

Entretanto, ela não faz menção aos critérios que foram criticados

anteriormente.

Hoffmann (2000) questiona o sentido da avaliação na escola, seja qual for a proposta pedagógica desta e defende a avaliação mediadora.

Ela tem que ser analisada num processo amplo, na observação do professor em entender suas falas, argumentos, perguntas debates, nos desafios em busca de alternativas e conquistas de autonomia. A ação mediadora é uma postura construtivista em educação, onde a relação dialógica, de troca discussões, provocações dos alunos, possibilita entendimento progressivo entre professor/aluno (HOFFMANN, 2000, p.30).

Além da avaliação, é importante também definir o termo interdisciplinaridade, que foi exaustivamente levantado pelos professores no decorrer da pesquisa. Interdisciplinaridade pode ser entendida como sendo o processo que “envolve a integração de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino” (LÜCK, 2002, p. 64). Colocado isso, conclui-se que “a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas” (FAZENDA, 2002, p. 86).

Em resumo, ao relatar suas experiências sobre os TGI's, os professores falam de suas dificuldades com a interdisciplinaridade, principalmente no que tange à avaliação. A integração e a interação dos olhares disciplinares parecem complexificar o processo avaliativo, causando tensão e insatisfação entre os alunos. Falam, ainda, da sobrecarga de trabalho para os professores, mas consideram que os TGI's desenvolvem habilidades e competências significativas nos alunos.

Apesar de a avaliação interdisciplinar não ser o foco dessa pesquisa, após essa primeira colocação, foi solicitado que cada participante do grupo colocasse sua experiência com a Semana de Moda Virtual, que transferiu as apresentações dos TGI's presenciais, com bancas de professores, para publicações de trabalhos no *Facebook* de cada aluno, com a foto do produto final, tema, disciplinas relacionadas e bibliografia. A questão era saber a opinião de cada um sobre a mudança para as apresentações *on-line*.

4.2 SEMANA DE MODA PRESENCIAL E VIRTUAL

Na segunda parte, foi perguntado aos participantes se eles eram contra ou a

favor da apresentação do TGI presencial ou virtual. Foi observada, inicialmente, a posição contrária da professora B, que entende a transferência da Semana de Moda do presencial para o virtual como uma estratégia mercantilista e liberalista. O professor C pensa o contrário, defendendo o trabalho virtual com uma preocupação mercadológica, entendendo-o como melhor para o aluno, pois permite que este se insira com mais facilidade no mercado de trabalho, uma vez que tem seu portfólio apresentado para um grande número de pessoas, usando a rede como uma forma de divulgação para o público especializado.

A professora B, apesar de achar uma “saída inteligente” a transferência da Semana de Moda para a plataforma virtual, devido à diminuição de carga horária presencial das disciplinas, vê muitos aspectos negativos nessa mudança:

Excerto 8 – Professora B

[os] processos de aprendizagem à distância por AVAS¹⁵ têm como aspecto negativo a falta de interação direta com outras pessoas. A socialização presencial face a face gera mais motivação, emoção que resultam do contato entre alunos. O mesmo acontece com a interação aluno-professor. Além do mais, mesmo que uma parcela cada vez maior da população tenha acesso a esses recursos, ainda há muitos alunos que possuem acesso restrito a essas tecnologias e que não podem ou conseguem acompanhar a atividade com a frequência desejável. A ideia que se criou foi a mesma para a Educação brasileira, vamos usar os ambientes virtuais, a educação à distância para resolver um problema... mas o que se quer é reduzir custos.

A professora entra numa discussão de políticas públicas de educação sobre a adoção dos Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVAs) e sobre a falta de acesso irrestrito às tecnologias por parte dos alunos, o que não foi debatido por nenhum outro membro do grupo. Ao contrário, o professor C argumenta que foi e continua sendo a favor da Semana de Moda virtual porque, para ele, é importante tentar vincular outras formas de aprendizagem, dentro e fora de sala de aula, aproximando-se do cotidiano do mundo dos alunos.

Excerto 9 – Professor C

Nas redes sociais (*facebook, instagram, flicker, youtube, whatsapp, snapchat, twitter, tumblr, google+...*) eles têm a chance de compartilhar seus trabalhos com professores, alunos, amigos, familiares e possíveis empresários, afinal, porque fazer um curso/trabalho lindo, mas não ser reconhecido/visto como designer de moda pelo Mercado no qual o aluno deverá ingressar.

Esse comentário revela claramente uma preocupação com a empregabilidade

¹⁵ Ambiente Virtual de Aprendizagem.

do aluno, mas também tem um cunho mercantilista. Sobre esse tema, a autora Gabriel (2013) faz uma colocação interessante:

Considerando-se que muitas vezes os professores e profissionais da área de educação são das gerações analógicas (X e baby boomers) e que os estudantes são das gerações digitais (Y e Z), existe a necessidade de que os educadores conheçam as características predominantes dessas gerações digitais para poderem desenvolver processos educacionais que sejam adequados a elas em função de seus comportamentos interesses, equipamentos que utilizam, modo como aprendem e a maneira como se relacionam com os outros e com o mundo (GABRIEL, 2013, p. 87).¹⁶

Temos, então, as duas opiniões sobre o uso das redes sociais que se contrapõem. Uma professora é contra porque vê interesses liberalistas nessa transição; um professor é a favor porque tem uma visão mais mercantilista de todo o processo. Assim, a visão da tecnologia como facilitadora do trabalho pedagógico é apenas uma concepção instrumental para atender interesses liberalistas. “Na perspectiva instrumental os estudos e pesquisas não conseguem identificar os fortes vínculos entre os projetos educativos para as TIC e os processos de exclusão econômica e social “(PEIXOTO, 2009, p.91). É uma corrente atual da pedagogia, principalmente no terceiro grau, que se preocupa com interesses neoliberais por trás do uso das tecnologias.

Por exemplo, o aprendizado ao longo da vida, a preparação para o trabalho coletivo ou a importância da autonomia são tomados como referências para a ação com os alunos, sem que se destaque o fato que estas metas significam uma preparação para o nosso tempo, porque atendem a demandas do mercado de trabalho neoliberal. Ou seja, a educação de qualidade por meio da inclusão digital não atende apenas a desejos dos alunos que frequentam as escolas: ela se coaduna a um projeto econômico que não visa a emancipação dos trabalhadores e nem a formação para a cidadania, conforme o propalado, mas a ampliação de um mercado de consumidores e de um quadro de trabalhadores competentes segundo as leis do mercado (PEIXOTO, 2009, p. 91-92).

Percebe-se uma dicotomia criada em torno do uso das ferramentas digitais, em que o digital é relacionado ao mercadológico e o presencial ao pedagógico. No entanto, a pergunta deste trabalho versa sobre uma visão menos dicotômica dessa questão, considerando que pode ser possível utilizar o digital para fins pedagógicos.

Ainda sobre a questão da apresentação dos trabalhos de modo virtual ou presencial, aparece a opinião da professora G, que tem uma visão mais conciliadora. Evidencia-se uma posição interessante, já que ela entende a necessidade do

¹⁶ Geração Baby boomers (geração nascida entre 46 e 64), geração X (nascidos entre 60 e 80), Geração Y (nascidos entre 80 e 2000) e Geração Z (nascidos a partir de 2000).

trabalho presencial, classificando-o como melhor para a relação professor/aluno e aluno/aluno, mas aponta que o virtual potencializa, divulga, valoriza e perpetua o trabalho.

Excerto 10 – Professora G

Uma coisa não deve ser a negação da outra. A semana de moda presencial é importante para o compartilhamento entre as turmas de períodos diferentes, para ter o *feedback* dos professores. Acho a defesa dos trabalhos muito interessante para o crescimento dos alunos. O formato presencial também é muito mais favorável para a exposição dos trabalhos porque no meio virtual fica muito limitado. Entretanto, a exposição virtual também é muito importante para potencializar o resultado deste trabalho que já foi defendido e exposto no ambiente acadêmico. Acho que o mais rico e interessante é como foi desta última vez. Ou seja, a semana de Moda presencial seguida da exposição virtual.

Essa posição acaba gerando um consenso dentro do grupo e mesmo a professora B, que se manifestou contrária ao trabalho virtual, muda de ideia e passa a ser favorável, sendo também pontuado que o trabalho presencial desenvolve habilidades que não são observadas no trabalho virtual, conforme podemos observar na fala da professora E.

Excerto 11 – Professora E

Com o virtual pode-se alcançar muito mais pessoas, além de ser um registro do trabalho dos alunos. E a presencial coroa todo o esforço dos projetos desenvolvidos, além de desenvolver habilidades que não ocorreriam se fosse só virtual.

Destaco, ainda, a posição de uma professora que se colocava contra o trabalho virtual e que, depois, muda de opinião, mas sempre defendendo uma formação mais integral, demonstrando ter uma opinião contrária a alguns professores, que têm uma visão apenas mercadológica desse processo.

Observa-se, na fala dos professores, que o ambiente virtual é visto apenas como uma ferramenta de divulgação do trabalho, que tem o objetivo de apresentar os alunos ao mercado de trabalho. De acordo com os professores, a apresentação do trabalho presencial seria a responsável por guardar todos os aspectos pedagógicos e didáticos, dentre eles a própria relação professor/aluno e aluno/aluno. A professora D defende até mesmo as habilidades adquiridas nas apresentações dos TGI presenciais, “como a expressão oral, a desenvoltura diante do público, o uso da argumentação, além da autocrítica”. Dessa forma, destacam as habilidades e as competências que são construídas no trabalho presencial, negando qualquer

valor pedagógico ao trabalho virtual.

Apesar de a habilidade de lidar com as ferramentas tecnológicas ser tida como essencial para o profissional da moda atualmente, ela não é considerada como uma competência que precisa ser adquirida pelo aluno ou trabalhada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem, até mesmo se considerarmos essas ferramentas de forma crítica, como uma maneira de apresentar um olhar crítico para esses ambientes, pois não é apenas por ser virtual que não se pode utilizá-las de modo crítico.

No discurso dos professores, ficou claro que o ambiente virtual agrega uma visão capitalista, sendo utilizado apenas para a divulgação e o acesso ao mercado de trabalho. Nesse sentido, a apresentação da Semana de Moda presencial seria o momento pedagógico, responsável pelo desenvolvimento de habilidades e competências e pela relação aluno/professor, vinculando todo o processo com o ensino. Parece que, independentemente do fato de serem contra ou a favor do uso das tecnologias virtuais, os professores não conseguem superar a dicotomia anteriormente citada, entre o pedagógico/presencial e o mercadológico/virtual.

Nenhum professor citou o fato de as tecnologias atuais permitirem que as escolas se transformem num conjunto de espaços ricos de aprendizagem presencial e/ou digital, responsáveis por motivar os alunos a aprender ativamente, com atividades que procuram estabelecer maior interação e integração entre esses diferentes ambientes. Segundo Moran (2013, p. 31), “as tecnologias digitais facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede”. Ainda nesse sentido, o autor ressalta que “os alunos podem ser os protagonistas de seus processos de aprendizagem, e que facilitam a aprendizagem horizontal, isto é, dos alunos entre si, das pessoas em redes de interesse etc”.

Neste momento das colocações, os professores se uniram aos objetivos pedagógicos e aos objetivos de mercado. E, talvez, essa tenha sido a principal característica desse grupo focal, qual seja a de provocar a discussão sobre um assunto tão presente no cotidiano da sala de aula e fazer as pessoas avançarem em suas ideias. É importante ressaltar que este grupo focal foi realizado por meio de uma rede social e promoveu avanços na comunicação entre professores, o que por si só já caracteriza uma mediação no processo educacional.

4.3 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

O grupo focal foi caminhando por uma estrada que se distanciava do objeto de estudo desta pesquisa, isto é, o uso das redes sociais no processo de ensino e de aprendizagem. Por isso, a terceira questão investigou os aspectos didáticos das habilidades e competências que deveriam ser desenvolvidas pelos alunos. Esperava-se que os professores desenvolvessem a questão relacionando os aspectos didáticos dos ambientes presencial e virtual, mas eles começaram uma discussão acerca da união entre a teoria e a prática.

A professora F levantou a questão do prazer do aluno.

Excerto 12 – Professora F

A aplicação da teoria nos trabalhos práticos é um poderoso instrumento de ensino e aprendizado. Mas ainda falta o elemento prazer no fazer as tarefas. Sabemos que o aprendizado depende do fator motivação. E a afetividade positiva é o melhor tipo de motivação no processo de aprendizagem. Precisamos encontrar uma forma de diminuir a pressão, que é a motivação usando a afetividade negativa, que potencializada leva a frustração e stress, e aumentar o prazer pelo fazer, que ao contrário da outra motivação, potencializada, cria vínculos definitivos com o conhecimento produzido.

Ao longo da discussão, é possível perceber a visão de uma professora da área da licenciatura que, além do prazer, vai tratar da flexibilização dos trabalhos, defendendo a necessidade de um ensino mais completo e integral, citando o “aprender a aprender”, “aprender a conviver” e “aprender a ser”. A professora B defende que

Excerto 13 – Professor B

Talvez o ideal seja pensarmos em objetivos a serem alcançados. Devemos pensar na flexibilidade dos conteúdos, na capacidade de ver que uma hierarquização rígida dificulta o trabalho interdisciplinar. Sob o meu ponto de vista, considero que o olhar deve ser sobre os tipos de saberes ou conteúdos relacionados às atitudes, comportamentos, conceitos, ou ainda sobre o "aprender a aprender", "aprender a ser" e "aprender a conviver". Os conteúdos se tornam o viés para o desenvolvimento desses saberes. O que é riquíssimo, pois, hoje, o conhecimento está disponível com mais facilidade em função das novas tecnologias da comunicação.

A professora cita as TIC's, mas não as relaciona com o trabalho apresentado virtualmente e muito menos com as competências e habilidades que foram trabalhadas nesse processo.

Dois professores defenderam o equilíbrio entre a teoria e a prática, com um ensino técnico focado no aprender a fazer, citando o chão de fábrica. O debate é perpassado pela discussão relação do ensino técnico, direcionado para o mercado de trabalho, versus o ensino de forma integral. Novamente, aparece a dicotomia entre ensino para o mercado e ensino integral. Esse foi o tema que predominou no grupo focal, demonstrando que essa divisão preocupa os professores.

Para a professora G,

Excerto 14 – Professora G

A teoria quando vivenciada na prática toma outra conotação, significado e valor. A criação deixa de ser utópica e passa a ser mais coerente, consciente e com grandes chances de serem factíveis. Sempre trabalho com matérias práticas como modelagem e costura e concordo que a constante interação profissional x mercado é muito importante para que o ensino tenha viabilidade e coerência com o que o mercado necessita.

Corroborando essa opinião, o professor C a expande.

Excerto 15 – Professor C

Criamos um mundo ideal de aprendizagens com referências de moda mundiais, mas quando vamos para o mercado local nos vemos lidando com empresários, colegas de trabalho que não têm uma concepção sobre os fazeres e obrigações que a moda propõe. Vejo este afastamento do mercado, assim é inevitável que nosso ensino /aprendizagem esteja distante do que acontece no chão de fábrica local.

Para encerrar o grupo focal, voltamos ao tema principal mais uma vez, solicitando que cada professor avaliasse o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos com a mudança dos trabalhos interdisciplinares da forma presencial para a virtual, com as publicações dos trabalhos dos alunos no *Facebook*.

4.4 REDES SOCIAIS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

Os professores foram instigados a falar sobre a existência ou não de uma possível mediação pedagógica no processo de ensino aprendizagem. Foram colocadas perguntas como: houve uma maior participação dos alunos? A interação dos grupos de trabalhos foi facilitada? O trabalho avaliativo dos professores foi facilitado, ponto tão criticado durante toda a discussão? Caso não tenha havido

mudança, você crê que a rede social acabou se tornando apenas mais uma ferramenta desse processo?

A professora B não percebeu nenhuma diferença e ponderou:

Excerto 16 – Professora B

O que avalei com minhas experiências anteriores, é que mesmo com tanta inserção dos recursos de informática no curso e na sociedade, muitos alunos são praticamente, analfabetos digitais. Na maioria das vezes, a compreensão que possuem é restrita e está mais focada no uso das redes sociais, tendo dificuldades de ir além da interação gerada por elas.

A professora E concorda com a colocação da professora B sobre a dificuldade encontrada por alguns alunos, mas acredita que essas ações são importantes para despertar esses alunos e ampliar tanto a percepção quanto as práticas deles.

Excerto 17 – Professora E

É importante ressaltar que o objetivo da Semana de Moda virtual não foi transferir a avaliação para as mídias sociais, mas facilitou a avaliação do professor na medida em que todo o processo ficou mais leve.

Ela também destaca a visibilidade que é dada ao curso e a importância do alcance das postagens.

Excerto 18 – Professora E

Percebi a interação dos alunos com os amigos e parentes que acham tudo lindo, elogiam e comentam. E isso é um estímulo a eles. Além de ser uma ferramenta de autoafirmação e divulgação da futura profissão.

A professora G concorda que há crescimento por parte dos alunos, independentemente da forma que o TGI assume. Ela acha que a interação é que diversificou.

Excerto 19 – Professora G

O crescimento dos alunos continua a acontecer, a percepção dos trabalhos por parte dos parentes e da rede de relacionamentos dos alunos foi, sim, motivada com a nova forma de divulgação. Antes a exposição fixa no pátio da universidade possuía muitos lados positivos: a visibilidade dos alunos e dos trabalhos e dos diferentes períodos. Essa nova forma incentiva o uso da tecnologia e alcança mais observadores.

A professora G e o professor C são os únicos que vão apontar a necessidade de se buscar novas formas pedagógicas com o intuito de se alcançar melhorias, sendo este o caminho a se tentar.

O professor A concorda com a professora B quanto à limitação de acesso ao

uso de ferramentas tecnológicas e ainda faz uma crítica ao resultado.

Excerto 20 – Professor A

Percebi poucas postagens, talvez pela falta de tempo, mas acredito que poderiam postar com mais informações sobre a pesquisa temática, informações a respeito do processo criativo e registro referentes as etapas do desenvolvimento do produto. Seria uma forma de expor a interdisciplinaridade do projeto acadêmico.

Para encerrar, apesar de achar que o TGI virtual foi apenas mais uma ferramenta, o professor C argumenta o seguinte:

Excerto 21 – Professor C

Processos de ensino e aprendizagem acontecem dentro e fora de sala de aula. Dentro e fora de ambiente virtual. Com ou sem professores. Depende do aluno e do envolvimento do mesmo com os processos. O aprender é relacional/social. Os conteúdos de moda estão em todos os ambientes. A cotidianidade dos sujeitos/alunos e a construção social dos alunos é feita por eles mesmo.

Com essa colocação, acreditamos que seria possível começar a trabalhar a questão da mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Entendendo mediação, aqui, a partir da teoria de Lev Vygotsky, como instrumentos (ferramentas e signos) que cumprem um papel central na constituição dos processos psicológicos superiores com origem histórica e social. Ou seja, o conhecimento se origina na vida social, na participação do indivíduo em atividades vividas com outros. A interação é feita através da linguagem, que estabelece a mediação entre indivíduo e cultura. Essa noção transforma a interação pedagógica promovida pelas redes sociais em um campo fértil para pesquisas acadêmicas.

Segundo Baquero (1998, p. 27), a teoria sociocultural “se propõe centralmente a analisar o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores a partir da internalização de práticas sociais específicas”. O uso das redes sociais é uma realidade cultural e um instrumento simbólico das práticas sociais da modernidade. Nesse sentido, a interação via redes sociais, com a mediação da linguagem virtual é uma grande ferramenta social de contato, por meio da qual um aluno pode propiciar trocas com outros indivíduos, colegas ou professores, para completar-se e conquistar seu potencial de aprendizagem. Nesse sentido, de acordo com o pensamento vygotkiano, a atividade cerebral é estimulada pela interação entre parceiros sociais e mediada pela linguagem.

Com o desenvolvimento dessas novas tecnologias da informação e

comunicação – as chamadas TIC e as redes sociais – surgiram novas configurações, observadas não só nos processos de comunicação, mas, também, na possibilidade de instrumentalização das práticas de ensino, ao acrescentar, em tempo real, novidades que contribuem para o processo de aprendizado.

Como conclusão do grupo focal, a maioria dos participantes coloca que a apresentação virtual dos trabalhos acadêmicos, via redes sociais, não contribuiu diretamente para o processo de aprendizado, sendo apenas uma ferramenta para ampliar os resultados e meio de divulgação para o mercado de trabalho. Na questão de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e competências, ninguém sequer cita a utilidade das redes sociais. A questão pedagógica só é levantada na apresentação do trabalho presencial, com habilidades de autocrítica e expressão oral que favorecem o uso da argumentação. Todos concordaram que o virtual serve apenas como meio de divulgação. Apesar de se posicionarem como favoráveis ao uso dessa ferramenta, eles não conseguem perceber o processo pedagógico que envolve o uso da mesma e nem entendem que a competência para lidar com as ferramentas digitais precisa ser trabalhada criticamente.

Nenhum dos professores levantou a importância da visão crítica acerca do papel das tecnologias na educação. É como se a educação ainda não tivesse sido transformada pela evolução das tecnologias digitais e de informação e comunicação, assim como já foram todas as dimensões da sociedade contemporânea. As mudanças causadas pela disseminação desse mundo tecnológico na sociedade já estão presentes na sala de aula, promovendo transformações profundas e trazendo novos desafios.

Passamos, a seguir, para os dados do segundo estudo de campo, que mostram como os alunos e egressos enxergam o uso das redes sociais como mediação pedagógica.

5 SEGUNDO ESTUDO. O USO DAS REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS ALUNOS E EGRESSOS

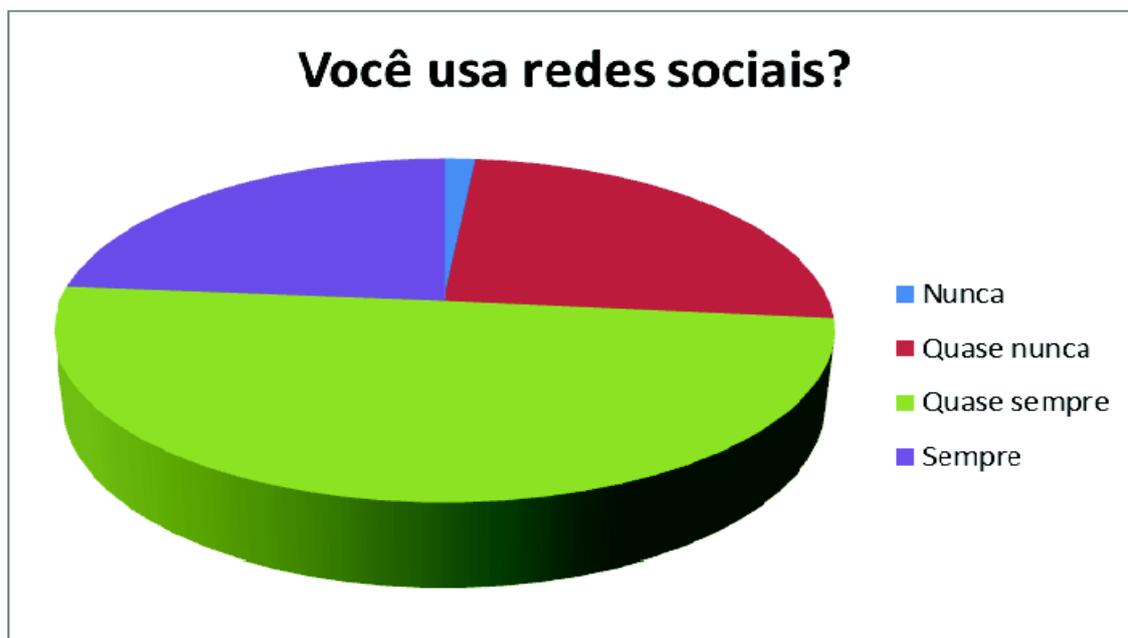
“As tecnologias de informação e comunicação atuais provocam uma vertiginosa necessidade de superação constante do saber, de modo que devemos buscar novos caminhos de abertura do conhecimento para encontrarmos pontos de equilíbrio dinâmicos, tanto para alunos como para professores. GABRIEL (2013, p.110)

Neste capítulo, apresentamos e analisamos os resultados do segundo estudo realizado para esta pesquisa. O uso das redes sociais como mediação pedagógica na perspectiva de alunos e egressos será apresentado em quatro partes. Na primeira, descrevemos o perfil dos participantes quanto ao uso das mídias sociais. Nas outras três, apresentamos a avaliação dos alunos sobre a Semana de Moda e a apresentação virtual dos trabalhos acadêmicos.

5.1 PERFIL DE USO DE MÍDIA SOCIAL PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os resultados mostram que poucos alunos que participaram da pesquisa não estão inseridos no contexto de uso das redes sociais. Conforme mostra o Gráfico 4, 95,9% responderam que usam as redes sociais “sempre” e “quase sempre”; 4,1% responderam que “quase nunca” as usam; nenhum dos entrevistados respondeu “nunca”. Considerando que a escala utilizada foi de 1 (nunca) a 4 (sempre), a média das respostas foi de 3,76, com mínimo de 2 (quase nunca) e máximo de 4 (sempre), sendo o desvio padrão de 0,5161.

O uso das redes sociais é tão intenso entre os alunos, que 73,3 % dos entrevistados responderam que postam informações “sempre” e “quase sempre” nas redes sociais; apenas 26,6% afirmaram “quase nunca” ou “nunca” postam nas redes sociais. As respostas a essa pergunta indicam uma média de 3,759, numa escala de 1 a 4, sendo 1 para “nunca”, 2 para “quase nunca”, 3 para “quase sempre” e 4 para “sempre”. O máximo foi 4 e o desvio padrão foi de 0,5161.

Gráfico 3 – Uso de redes sociais

Fonte: Elaborado pela autora

A média de tempo gasto com as redes sociais por dia, em minutos, é de 333,5898 minutos, aproximadamente 6 horas diárias nas redes sociais, sendo a mínima zero e a máxima de 1.440 minutos, ou seja, 24 horas. O desvio padrão foi de 365,4614 (6 horas). Uma média diária com mais de seis horas por dia dedicadas às redes sociais é um indicador que este fenômeno não pode ser desconsiderado pela academia. A Tabela 1 mostra uma estatística descritiva sobre o envolvimento dos alunos com as redes sociais, em termos de média de uso, minutos diários e frequência das postagens.

Tabela 1 – Estatística descritiva sobre a média de uso, minutos e frequência de postagens na internet

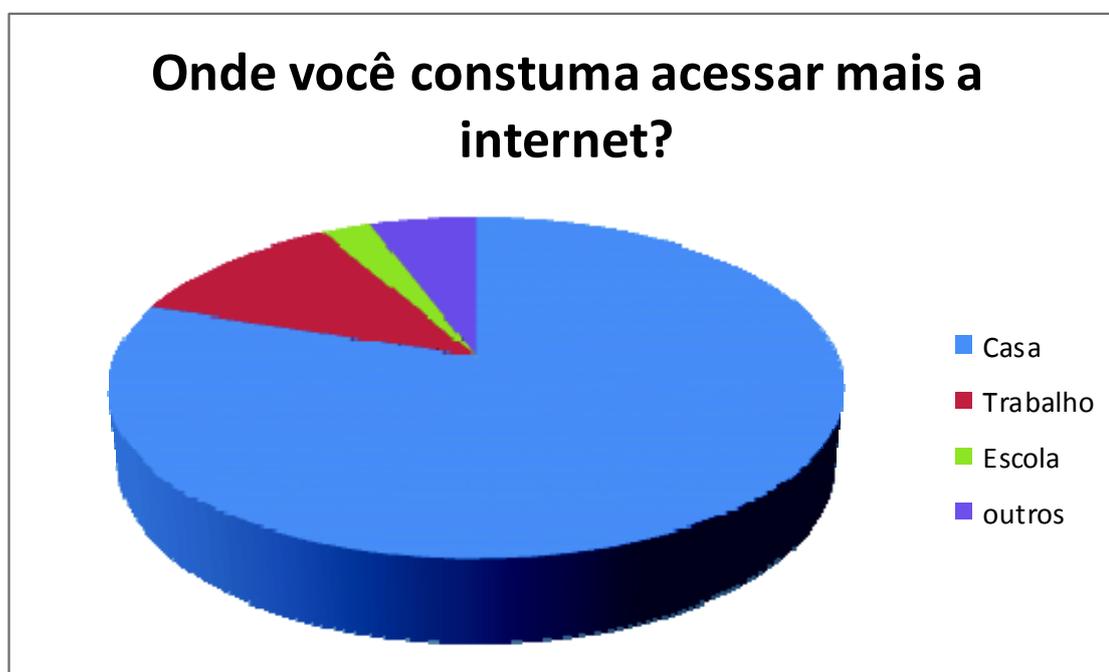
| Variáveis/ Perguntas | Respostas válidas N | Média | Mínimo | Máximo | Desvio padrão |
|---------------------------------|------------------------|----------|----------|----------|------------------|
| Uso de redes sociais | 195 | 3,7590 | 2,000000 | 4,000 | 0,5161 |
| Minutos/dia em redes sociais | 195 | 333,5898 | 0,000000 | 1440,000 | 365,4614 |
| Frequência de postagens | 195 | 2,9538 | 1,000000 | 4,000 | 0,7412 |

Sobre a frequência com que os alunos fazem postagens nas redes sociais, a média foi de 2,9538, com o mínimo de 1 e máximo de 4, sendo 1 para “nunca”, 2 para “quase nunca”, 3 para “quase sempre” e 4 para “sempre”. O máximo foi 4 e o desvio padrão foi de 0,7412.

As redes sociais mais usadas pelos entrevistados foram citadas por mais de 90% dos entrevistados. São elas: *WhatsApp* (94,9%), seguido pelo *Facebook* (89,7%) e *Instagram* (82,1%). Outras redes sociais, como *Snapchat*, *Twitter* e *Pinterest* foram citadas por 24% dos entrevistados.

É importante ressaltar que, na universidade em que foi aplicada a pesquisa, não existe disponibilidade de internet sem fio para os alunos. Sendo assim, 80% dos participantes responderam que acessam a internet de casa; 11,8% a acessam do trabalho; apenas 2,6% a acessam da escola, provavelmente com dados móveis; e 5,6 % dos alunos optaram pela opção outros, definindo dados móveis como o seu acesso, conforme mostra o Gráfico 5.

Gráfico 4 – Local de acesso à internet



Fonte: Elaborado pela autora

Resumindo, dos 195 entrevistados, apenas 29,7% usam dados móveis. A maioria dos participantes (70,3%) usa internet sem fio para efetivar o acesso. Esse dado indica que o fato de não existir banda larga ou internet sem fio na universidade pode ser considerado um impedimento ao acesso dos alunos às redes sociais.

Foi realizada, também, uma correlação bivariada entre as variáveis 'idade' dos participantes e 'tempo', em minutos, por dia de uso das redes sociais. O resultado apontou uma correlação negativa perfeita e significativa $P(195) = -0,1$, ($p < 0,001$). Isso comprova que as repostas foram inversamente proporcionais, ou seja, quanto maior a idade, menor é o tempo que o aluno permanece conectado nas redes sociais; quanto mais jovem a pessoa, mais tempo ela fica na internet (Tabela 2).

Tabela 2 – Correlações de Spearman com $p < ,05000$

| Variáveis | Idade dos entrevistados | Quantos minutos por dia usa redes sociais |
|---|-------------------------|---|
| Idade dos entrevistados | 1,000000 | - 0,115012 |
| Quantos minutos por dia usa redes sociais | - 0,115012 | 1,000000 |

Esses dados demonstram que os alunos são adeptos do uso da internet. A seguir, analisaremos se esse fato os influencia a participar das postagens do TGI no *Facebook* ou se preferem permanecer apenas na realização da parte presencial desta atividade.

5.2 PARTICIPAÇÃO NO TGI PRESENCIAL E VIRTUAL

Sobre a apresentação dos trabalhos acadêmicos, a maioria dos entrevistados (92,8%) respondeu que apresentou trabalhos interdisciplinares na Semana de Moda. Apenas 14 alunos não apresentaram trabalhos, o que representa 7,2% dos participantes. Entre aqueles que não apresentaram, 27,3% não o fizeram porque achavam os custos altos; 9,1% não gostavam de fazê-lo; e 63,6% tinham outros motivos. Dentro do item *outros motivos*, destaco, como uma das respostas, o fato de o respondente não estar mais matriculado na universidade ou, ainda, estar no

primeiro período do curso. Alguns relataram o fato de ser muito caro e, nesse sentido, um aluno declarou (citação anônima, porque o questionário foi respondido em um ambiente virtual) que

Excerto 22

apresentava sempre pq sou disciplinada, mas a vontade era de não apresentar, pq ô cansada! além de ser muito caro!.

Em contrapartida outro aluno declarou:

Excerto 23

Adorava, pois era uma experiência enriquecedora, emocionante e única, nunca esquecerei e ainda tenho saudades desses momentos.

O TGI pode ser um trabalho caro para o aluno, algo que depende da opção que ele vai selecionar para elaborar seu projeto. Lembrando, aqui, que o trabalho interdisciplinar envolve, além da pesquisa para a elaboração de uma coleção de moda, o desenvolvimento, de fato, de um produto final. Esse produto pode ser uma bolsa, um sapato, um acessório ou, até mesmo, um vestido de noiva. Ou seja, dependendo da opção do aluno, o investimento financeiro pode ser alto.

Gráfico 5 – Número e/ou porcentagem de alunos que apresentaram trabalhos na semana de moda



Fonte: Elaborado pela autora

Os alunos apresentaram os trabalhos seguindo formatos diferenciados: 36,9% presencialmente – desses, apenas 13% tinham a opção de apresentar os trabalhos virtualmente, já que essa opção não existia para alguns alunos egressos –, e 15,4%, por escolha própria, apresentaram somente na plataforma virtual. Quase metade dos participantes (47,7%) apresentou na forma presencial e virtual, o que indica que, provavelmente são alunos que pegaram a transição da Semana de Moda presencial para a virtual.

Cabe destacar, ainda, os alunos que não tinham acesso à internet ou às redes sociais na época. A professora B, que participou do grupo focal da presente pesquisa, relatado no capítulo anterior, afirma que

Excerto 24 – Professora B

Mesmo que uma parcela cada vez maior da população tenha acesso a esses recursos, ainda há muitos alunos que possuem acesso restrito a essas tecnologias e que não podem ou conseguem acompanhar a atividade com a frequência desejável.

É senso comum que as universidades, devido a inúmeros fatores, lidam com realidades específicas, as quais, muitas vezes, impedem a utilização de algumas tecnologias no processo educativo. No entanto, quando uma ou mais tecnologias já estão presentes na sociedade, elas chegam à sala de aula de alguma forma. Cabe aos professores usarem as tecnologias educacionais possíveis e acessíveis, a partir de uma perspectiva crítica e criativa. Em consonância com nosso posicionamento acerca das tecnologias na educação, a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABTE) e autores como Pocho (2011) alegam que as tecnologias chegam mesmo às salas de aula e sua utilização no contexto pedagógico é iminente. Segundo a ABTE (1982, p. 17 apud POCHO, 2011, p. 9),

[a] tecnologia Educacional fundamenta-se em uma opção filosófica, centrada no desenvolvimento integral do homem, inserido na dinâmica da transformação social; concretiza-se pela aplicação de novas teorias, princípios, conceitos e técnicas, num esforço permanente de renovação da educação

Para Pocho (2011), o propósito da tecnologia educacional só será refletido se as tecnologias forem utilizadas num contexto pedagógico que vise à renovação da educação mediante o desenvolvimento integral do indivíduo (aluno), levando em consideração que este está inserido num processo dinâmico de transformação social (ambiente sócio-econômico-cultural).

Para ajudar a compreender as respostas encontradas com a aplicação do questionário, alguns dados da pesquisa foram cruzados. Por exemplo, a situação acadêmica do aluno no momento da entrevista, quando comparada ao formato da apresentação do trabalho acadêmico na Semana de Moda, resultou nos seguintes dados, apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Tipo de apresentação do trabalho na semana de moda por situação acadêmica dos alunos

| Situação acadêmica | Apresentação Presencial | Apresentação Virtual | Presencial e virtual | Total por linha |
|--------------------|-------------------------|----------------------|----------------------|-----------------|
| Alunos | 46 | 30 | 73 | 149 |
| Egressos | 26 | 0 | 20 | 46 |
| Todos | 72 | 30 | 93 | 195 |

Dos 195 entrevistados que apresentaram trabalhos na Semana de Moda, 149 eram alunos e 46 egressos. Desses, 72 entrevistados apresentaram trabalhos apenas presencialmente e 30 apenas virtualmente. Nenhum egresso realizou a exposição apenas virtualmente, até mesmo porque não existia essa possibilidade, e 93 apresentaram seus trabalhos presencialmente e virtualmente. Esses dados são importantes, pois mostram a força da adesão dos alunos a esse tipo de trabalho e a preferência por apresentá-lo das duas formas, indicando que, para eles, talvez, os formatos presencial e virtual se complementam. Vale lembrar que, até 2014, os alunos só apresentavam trabalhos presencialmente e, no primeiro semestre de 2015, apenas virtualmente, numa tentativa de inovação proposta pelo corpo docente. No semestre seguinte, atendendo às solicitações dos alunos, foi aberta a possibilidade de apresentar o trabalho presencial e virtualmente.

A seguir, apresentaremos os resultados sobre as avaliações que alunos fizeram do trabalho da Semana de Moda.

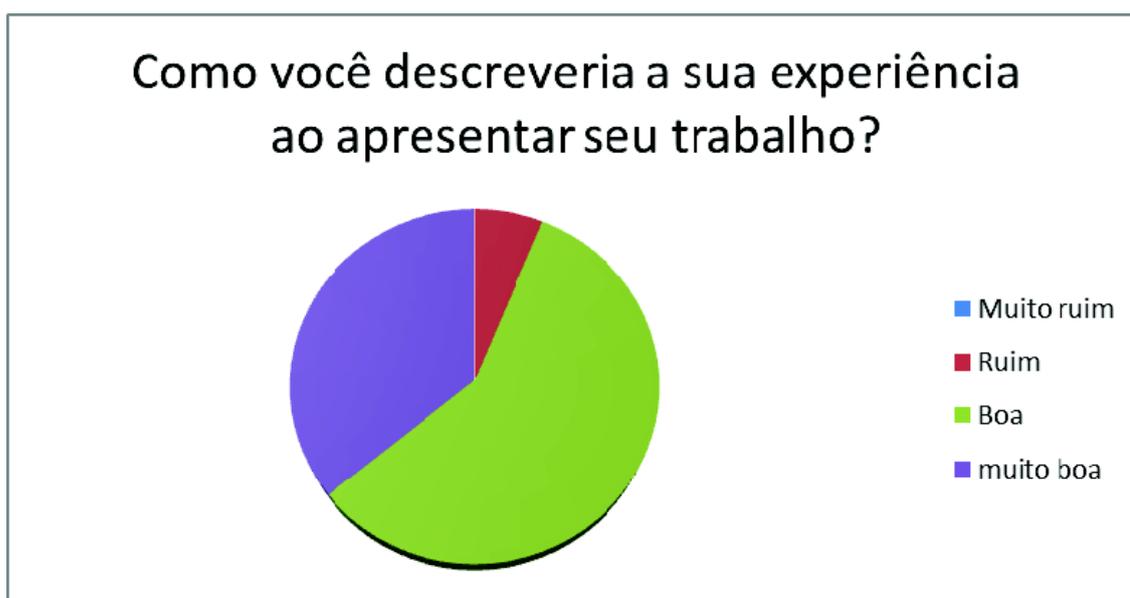
5.3 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O TRABALHO DA SEMANA DE MODA

No início do questionário, foi avaliada a opinião dos entrevistados sobre a participação de cada um na Semana de Moda, com as apresentações dos trabalhos acadêmicos e a importância desses trabalhos na formação profissional de cada um.

Sobre como o aluno descreveria a sua experiência ao apresentar seu

trabalho, mais de 90% dos participantes, o que representa a soma das respostas “boa” e “muito boa”, consideram a experiência de apresentar o trabalho positiva; apenas 6,2 % dos entrevistados descreveram-na como uma experiência “ruim” e nenhum aluno a citou como “muito ruim”.

Gráfico 6 – Experiência na apresentação do trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

Os dados da pesquisa se repetem quando questionamos os respondentes sobre a importância que este trabalho teve na formação dele enquanto profissional. A maioria dos alunos reconhece o valor da apresentação do trabalho interdisciplinar para a sua formação. Grande parte (85,8 %) deles dá “muita” e “muitíssima importância” para o papel desse trabalho em sua formação profissional; apenas 10,8 % dão “pouca importância”; e 3,6% lhe dão “pouquíssima importância”.

Em relação às habilidades, o aluno acha que aprendeu com a apresentação do trabalho na Semana de Moda, tendo sido fornecidas a eles algumas alternativas de múltipla escolha. Os alunos marcaram várias, sendo que destacaremos aqui as respostas que receberam mais de 50%: *Defender uma ideia/projeto* (65,1%), seguida por *Organizar as ideias e apresentar um conceito* (58,5%) e *Trabalhar em grupo* (53,8%). Devemos destacar, também, as respostas em aberto, dadas por alunos que marcaram a opção “outras habilidades” (6,7%). Neste caso, as

habilidades destacadas por mais de um aluno foram:

- *observar a reação das pessoas frente ao meu trabalho;*
- *alcançar um público maior para conhecer o trabalho de cada aluno (no caso da apresentação presencial; resposta citada mais de quatro vezes);*
- *elaborar um projeto de acordo com recursos financeiros (essa, claramente, referindo-se à apresentação do trabalho virtual);*
- *apresentar com tempo limitado (citado por três alunos); preparar para o mercado de trabalho;*
- *“Foi muito importante, pois com ele quebrei um pouco minha dificuldade de apresentar em público e tbm de me aprimorar mais nas redes sociais pois é o processo mais rápido na atualidade”*
- *“Transmitir ideias em peças do vestuário foi e continua sendo uma experiência importante pra mim”.*

Aqui, observa-se claramente que o aluno reconhece o desenvolvimento de habilidades e competências na apresentação dos trabalhos interdisciplinares da Semana de Moda. Os alunos citam que aprenderam e se desenvolveram, tiveram experiências importantes e coletivas.

Como sustenta Masetto (2013, p. 142), esse desenvolvimento faz parte de uma mediação pedagógica que nasce no aluno, como aprendiz ativo e participante nesse processo de ensino-aprendizagem, em que o professor atua como um motivador, “com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem”. Ficou claro que o trabalho da Semana de Moda é bem compreendido pelos alunos em sua função pedagógica.

Na próxima sessão, trataremos das avaliações dos alunos sobre o tipo de apresentação, virtual ou presencial, a fim de compreender como eles vivenciam cada uma dessas modalidades e em que percebem que são beneficiados pela modalidade virtual.

5.4 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A APRESENTAÇÃO VIRTUAL DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Foi perguntado aos alunos se eles apresentariam os trabalhos virtualmente, sem custos, e a maioria (89,2%) respondeu que sim; apenas dois alunos responderam que não o fariam. Talvez, a resposta dada por esses dois alunos tenha a ver com dificuldades relacionadas às ferramentas digitais ou mesmo à falta de acesso a elas. Entre os participantes, 9,8% não souberam responder essa pergunta. Ou seja, podemos afirmar que os alunos reconhecem o valor de apresentar virtualmente o trabalho interdisciplinar.

Na mesma questão, as respostas *sim*, *não* e *não sei* foram cruzadas com as respostas sobre o tipo de trabalho que os alunos já haviam apresentado na Semana de moda, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4 – Correlação bivariada entre apresentação do trabalho virtual ou presencial

| Tipo de apresentação do trabalho | Sim, apresentaria | Não apresentaria | Não sei | Total |
|----------------------------------|-------------------|------------------|------------|-------------|
| Presencial | 65 / 37,35% | 1 | 6 | 72 |
| Virtual | 29 / 16,6% | 0 | 1 | 30 |
| Presencial e virtual | 80 / 46,0% | 1 | 12 | 93 |
| Todas as respostas | 174 / 89,2% | 2 1,0% | 1 99,7% | 195 100% |

A tabela demonstra que grande parte dos participantes (46,0%) gostaria de apresentar o trabalho de modo virtual e presencial, sem custo. Em seguida, 31,3% prefeririam apresentar o trabalho presencialmente e apenas 16,66% gostariam de apresentar somente de maneira virtual, sugerindo que os alunos veem essas modalidades de apresentação como complementares e não como excludentes. Para eles, possivelmente, a apresentação virtual não substitui a presencial, mas acrescenta algo que a presencial não proporciona.

Outras questões também foram cruzadas para relacionar o tipo de apresentação dos trabalhos na Semana de Moda e como o aluno descreveria a experiência dele ao apresentar o trabalho: se *muito ruim*, *ruim*, *boa* e *muito boa*. A opção muito ruim não foi marcada por nenhum participante.

Tabela 5 – Correlação bivariada entre tipo de apresentação do trabalho virtual e/ou presencial

| Tipo de apresentação do trabalho | Ruim | Boa | Muito Boa | Total por linha |
|---|-------------|-------------|------------------|------------------------|
| Presencial | 50% | 38,0% | 32,8% | 36,9 % |
| Virtual | 16,6% | 19,4% | 8,5% | 15,3% |
| Presencial e virtual | 33,3% | 42,4% | 58,5% | 47,6% |
| Todas as respostas | 12 – 6,1% | 113 – 57,9% | 70 – 35,9 % | 195 / 100% |

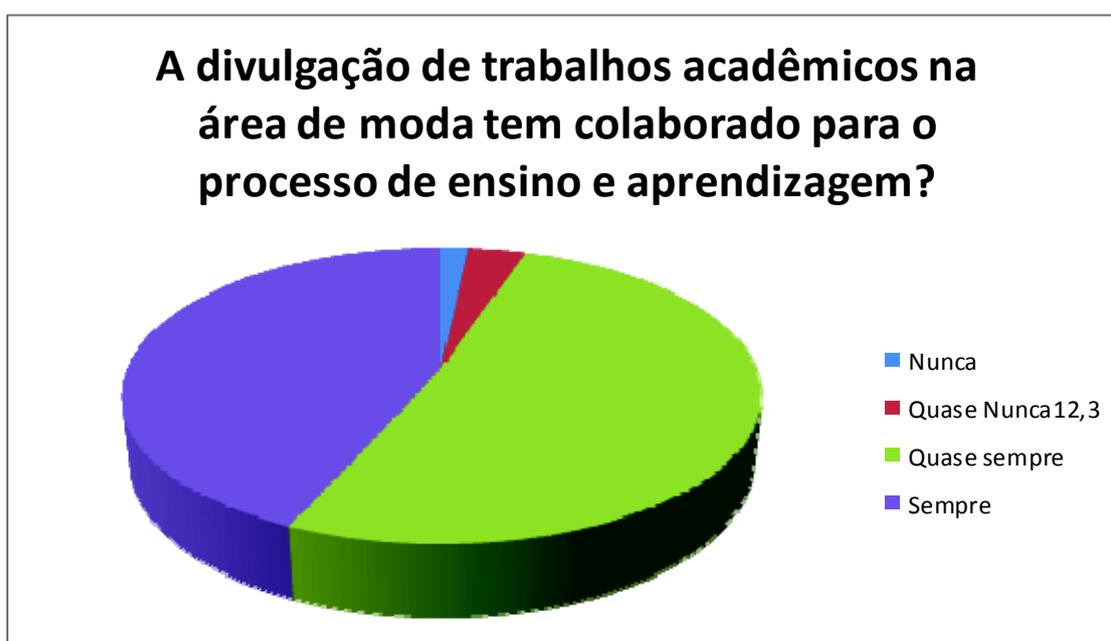
Como apresentado na Tabela 5, entre os alunos que apontaram a experiência como “ruim”, apenas 16,6% apresentaram virtualmente; 50% presencialmente; e 33,3% ambos. A maioria dos entrevistados (57,9%) optou pela resposta “boa” e 35,9% pela “muito boa”. Dos que relataram a experiência como sendo “boa”, 42,4% apresentaram presencialmente e virtualmente; 38,0% apresentaram apenas de maneira presencial; e 19,4% apenas virtualmente. Dos que descreveram a experiência como “muito boa”, 8,5% apresentaram apenas virtualmente; 32,8% apenas de modo presencial; e 58,5% apresentaram de ambas as maneiras. Portanto, os alunos consideram melhor a experiência presencial do que a experiência virtual, mas prefeririam que o trabalho fosse apresentado das duas formas, presencial e virtualmente.

Novamente, esse dado aponta que, para os alunos, uma modalidade não substitui a outra. Cada uma tem suas vantagens. Esse dado se confirma mais ainda quando foi perguntado aos participantes sobre o quanto a publicação dos trabalhos acadêmicos no *Facebook* pode contribuir para a aprendizagem do aluno no

processo de ensino e de aprendizagem. A maioria (84,6%) dos alunos reconhece que esse fato contribui muito para sua aprendizagem; e 15,4% acham que contribui pouco ou não contribui.

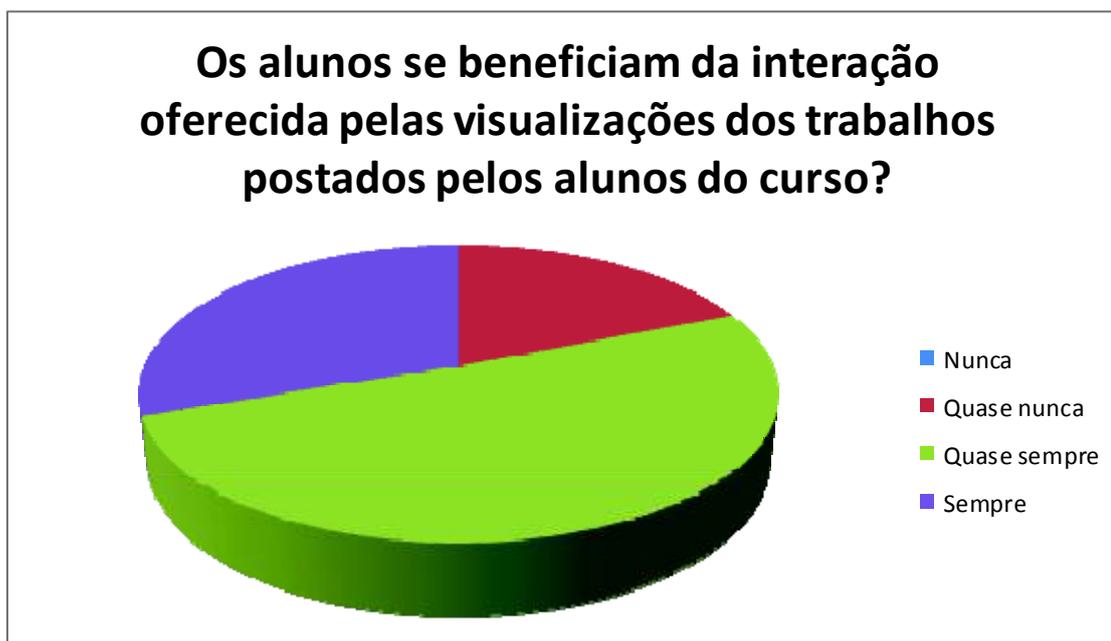
Para completar, 86,2% acreditam que a divulgação de trabalhos acadêmicos na área de moda tem colaborado para o processo de ensino e aprendizagem; 12,3% acreditam que esse processo quase nunca beneficia o aprendizado; apenas 1,5% acreditam que a aprendizagem não se beneficia com as visualizações das postagens.

Gráfico 7 – Divulgação colabora com o processo de ensino e aprendizagem?



Fonte: Elaborado pela autora

Confirmando esta tendência, 82,1% dos participantes acreditam que se beneficiam não apenas com a postagem, mas também com a interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados pelos alunos de curso; apenas 19% acreditam que quase nunca se beneficiam (Gráfico 9).

Gráfico 8 – Benefícios das postagens

Fonte: Elaborado pela autora

Essa percepção reafirma a constatação de que a universidade se abre para o mundo real, cada vez mais digital, fazendo-se urgente compreendê-lo com o intuito de aproveitar todas as oportunidades de aprendizagem com mais flexibilidade, integração e inovação. As instituições de ensino superior necessitam se aproximar das demandas da sociedade na qual estão inseridas. De acordo com Moran (2013, p. 14),

[e]stamos caminhando para uma nova fase de convergência e integração das mídias: tudo começa a integrar-se com tudo, a falar com tudo e com todos. Tudo pode ser divulgado em alguma mídia. Todos podem ser produtores e consumidores de informação. A digitalização traz a multiplicação de possibilidades de escolha, de interação. A mobilidade e a virtualização nos libertam dos espaços e dos tempos rígidos, previsíveis, determinados. O mundo físico se reproduz em plataformas digitais, e todos os serviços começam a poder ser realizados, física e virtualmente. Há um diálogo crescente, muito novo e rico entre o mundo físico e o chamado mundo digital, com suas múltiplas atividades de pesquisa, lazer, de relacionamento e outros serviços e possibilidades de integração entre ambos, que impactam profundamente a educação escolar e as formas de ensinar e aprender a que estamos habituados.

E este é um dos grandes desafios da educação no mundo moderno. Adaptar-se aos novos tempos e aos novos meios para atingir seu objetivo de compartilhar conhecimento com as ferramentas que já estão no cotidiano dos alunos, mas ainda

não estão sendo usadas, em sua plenitude, no cotidiano da sala de aula.

Entender a mediação pedagógica, aqui, é importante para compreender porque defendemos a ideia que as redes sociais podem ser uma mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Segundo Masetto (2013, p. 151),

[m]ediação pedagógica é a forma de apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e outras pessoas, até produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.

Foi solicitado, no questionário, que os alunos relatassem como a apresentação dos trabalhos, independentemente da forma, na Semana de Moda, contribuiu para sua formação acadêmica. As respostas foram bastante variadas e ricas de conteúdos para serem discutidos e entendidos como norteadores de novos questionamentos e avaliações sobre a proposta de interdisciplinaridade. Um dos alunos relatou o seguinte:

Excerto 25

Os trabalhos desenvolvidos para a Semana de Moda. São de extrema importância na minha formação acadêmica. Significa desafios e objetivos alcançados. Vivência e prática com temáticas do mundo da moda. Reconhecimento do esforço. Para o desenvolvimento do conhecimento. Integração social. Divulgação do talento do aluno pelas redes sociais.

Claramente, este aluno fala da importância da divulgação de seu trabalho na apresentação virtual da Semana de Moda. Este tema também foi levantado no grupo focal pelos professores, quando citam a inserção dos alunos que postam seus trabalhos em redes sociais no mercado de trabalho.

Segundo Martha Gabriel (2013, p. 208),

As possibilidades de divulgação e interação com o mercado que as mídias e tecnologia digitais propiciam, quando bem utilizadas, são extremamente poderosas. As mídias sociais, por exemplo, não só ampliam o alcance das ações de comunicação e marketing, como também, e principalmente, ampliam as interações com o mercado.

Ou seja, a publicação de trabalhos acadêmicos nas redes sociais poderia, além de desenvolver habilidades específicas na construção do conhecimento, aproximar o aluno do mercado de trabalho, como um profissional apto a ingressá-lo. Além, é claro, de aumentar consideravelmente a rede de relacionamento na área de atuação dele.

A autora estadunidense Tanya Joosten, que desenvolve um trabalho interessante sobre estratégias e práticas educacionais com o uso de redes sociais, afirma que

[a]s mídias sociais estão mudando a forma de comunicação no mundo todo, aumentando o compartilhamento de ideia e criando um imenso *network*. As mídias sociais, baseadas na internet, estão facilitando as interações sociais de várias maneiras como nunca antes da história da humanidade. Compartilhando vídeo, imagens e áudio, criando mundos virtuais, e claro se popularizando também na educação (JOOSTEN, 2012, p. 67, traduzido pela autora)¹⁷.

Está claro que as mídias sociais já estão presentes na sala de aula, assim como estão presentes em todos os aspectos da vida humana do mundo contemporâneo. A criatividade e o pensamento crítico são habilidades essenciais para a educação integral de pessoas e é essa formação que também buscamos para nossos alunos na era digital. Perguntamos aos alunos, no questionário, o quanto eles reconhecem a importância da experiência de fazer o trabalho da Semana de Moda e também sobre a importância do professor. Na Tabela 6, apresentamos algumas médias das respostas a esta questão.

Tabela 6 – Média das avaliações dos alunos numa escala de 01 a 04 quanto a experiência, a importância de apresentar e a importância do professor na preparação e apresentação do trabalho na Semana de Moda

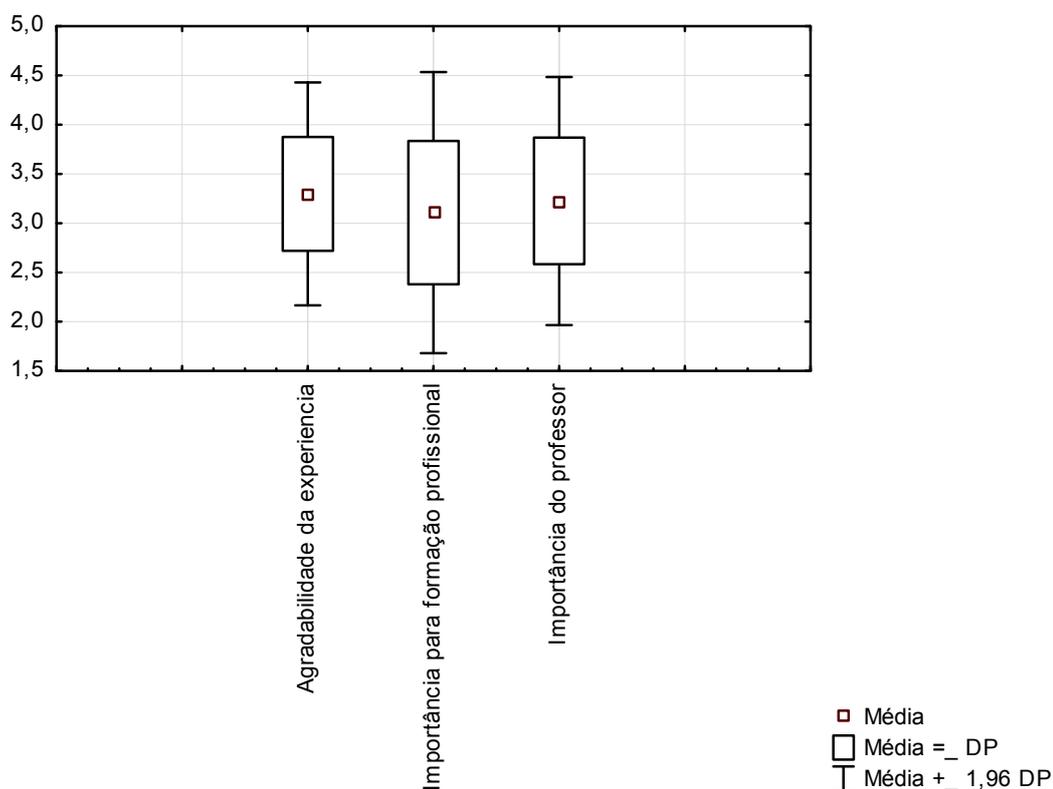
| Variáveis | N | Média | Mínimo | Máximo | Desvio padrão |
|--|-----|-------|--------|--------|---------------|
| Experiência ao apresentar trabalho | 195 | 3,29 | 2,0 | 4,0 | 0,58 |
| Importância do trabalho na formação | 195 | 3,11 | 1,0 | 4,0 | 0,73 |
| Importância do professor na preparação do trabalho | 195 | 3,23 | 1,0 | 4,0 | 0,64 |
| Importância do professor na apresentação do trabalho | 195 | 2,94 | 1,0 | 4,0 | 0,72 |

¹⁷ “Social media tools are changing the way that the people across the globe communicate, share ideas and build networks. Social media include web-based internet sites that facilitate social interaction in many ways like never before in the history of mankind. Sharing video, images and audio, creating virtual worlds, and of course gaining popularity in education” (JOOSTEN, 2012, p. 67).

Na pergunta que aborda como o entrevistado descreveria sua experiência ao apresentar o trabalho na Semana de Moda, independentemente de a apresentação ser realizada virtual ou presencialmente, a média foi de 3,29, com o mínimo de 2, máximo de 4 e desvio padrão de 0,58, sendo 1 para “muito ruim”, 2 para “ruim”, 3 para “boa” e 4 para “muito boa”. Isso significa que existe uma tendência a considerar a experiência de apresentar o trabalho como boa e ninguém a considerou “muito ruim”, pois o mínimo foi 2, e alguns a consideraram “muito boa”. A média comprova que os alunos, apesar de algumas reclamações, aprovam a experiência adquirida com a apresentação de seus trabalhos acadêmicos.

Sobre o nível de importância que o trabalho teve na formação profissional do aluno, a média vai para 3,108, com 1 de mínimo, 4 de máximo e o desvio padrão de 0,728, sendo 1 para “pouquíssima importância” e 4 para “muitíssima importância”. Esse dado revela uma tendência dos alunos a considerarem e reconhecerem o valor do trabalho para sua formação profissional

No que se refere à importância do professor no processo de preparar o trabalho, a média sobe para 3,226, com 1 de mínimo, 4 de máximo e média padrão de 0,642, com 1 para “pouquíssima importância” e 4 para “muitíssima importância”. Já, na questão que trata da importância do professor na apresentação do trabalho, a média cai para 2,943, sendo a resposta mínima de 1, máxima de 4 e desvio padrão de 0,719. Esses resultados confirmam que os alunos reconhecem a importância do professor no momento da preparação dos trabalhos, mas reconhecem um pouco menos essa importância na apresentação do mesmo. É importante ressaltar que a avaliação do trabalho é realizada durante a apresentação e não ao longo da orientação do trabalho.

Gráfico 9 – Comparação entre as variáveis que descrevem a experiência realizada

Fonte: Elaborado pela autora

Ao comparar os três dados, no Gráfico 9, percebemos que, na variável ‘importância para formação profissional’, há uma maior variabilidade de respostas, indicando um maior dissenso. Nas demais variáveis, sobre o aspecto agradável da experiência e a importância do professor, o consenso parece maior.

Para completar, os alunos avaliam positivamente o professor que pede para que os trabalhos sejam postados em redes sociais, com uma média de 3,338, sendo o mínimo 1 e o máximo 4, com desvio de 0,860 (Gráfico 10). Esse é um dado que comprova o reconhecimento e a participação do professor nesse processo de publicação dos trabalhos acadêmicos na internet.

Gráfico 10 – Avaliação do professor que solicita postar trabalhos

Fonte: Elaborado pela autora

Perguntamos, também, sobre a publicação de trabalhos acadêmicos, de forma interdisciplinar, nas mídias virtuais. Numa relação de 1 a 4, os alunos foram solicitados a avaliar o quanto estavam preparados para postar trabalhos acadêmicos em redes sociais. A média foi de 3,005, sendo o mínimo de 1 e máximo de 4, com desvio padrão de 0,939. Percebe-se que, apesar de avaliarem positivamente a solicitação dos professores para postarem seus trabalhos em redes sociais, alguns alunos não se sentem preparados para essa tarefa. Os dados revelam que dos 85% dos que avaliaram positivamente a solicitação dos professores, 66% se sentiram muito preparados e preparados para postar seus trabalhos (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Preparação para postar trabalhos



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a importância da divulgação de seus trabalhos acadêmicos nas redes sociais, a maioria dos participantes da pesquisa (86,1%) acredita ser esse um fato importante; apenas 13,9% dos alunos veem essa divulgação como pouco ou nada importante. Tratados estatisticamente (Tabela 7), esses dados revelam que uma média de 3,472, numa escala de 1 a 4, acha importante a divulgação de seus trabalhos acadêmicos em redes sociais, com desvio padrão de 0,833. Ou seja, os alunos acham importante a divulgação de seus trabalhos e, conforme mostrado anteriormente, a maioria deles já se sente preparada para essa tarefa.

Tabela 7 – Variáveis médias da avaliação do professor que solicita postagens em redes sociais, preparação, importância, divulgação, contribuição e benefícios

| Variáveis/ Perguntas | Respostas válidas N | Média | Mínimo | Máximo | Desvio padrão |
|--|------------------------|-------|---------|--------|------------------|
| Avaliação positiva do professor que pede para postar trabalhos | 195 | ,3385 | ,000000 | ,000 | ,8605 |
| Preparação para postar trabalhos em redes sociais | 195 | ,0051 | ,000000 | ,000 | ,9388 |
| Grau de importância da divulgação dos trabalhos virtualmente | 195 | ,4718 | ,000000 | ,000 | ,8329 |
| Contribuição para o aprendizado com a publicação dos trabalhos | 195 | ,3590 | ,000000 | ,000 | ,8276 |
| Benefícios das visualizações dos trabalhos postados | 195 | ,1128 | ,000000 | ,000 | ,6943 |
| Divulgação dos trabalhos colabora para o processo de ensino | 195 | ,2410 | ,000000 | ,000 | ,7239 |

Na questão sobre o quanto a publicação dos trabalhos acadêmicos, de forma interdisciplinar, pode contribuir para a aprendizagem dos alunos, numa escala de 1 a 4, a média foi 3,359, com mínimo de 1, máximo de 4 e desvio padrão de 0,828. Os entrevistados relataram, ainda, que se beneficiam da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados pelos alunos do curso. Nesse caso, a média das respostas foi de 3,113, com mínimo de 2 e máximo de 4, com desvio padrão de 0,694, dos quais 1 representa “nunca”, 2 “quase nunca”, 3 “quase sempre” e 4 “sempre”. Esses dados corroboram a hipótese, aqui defendida, de que as publicações e/ou o uso das redes sociais podem ser trabalhadas como mediação para a aprendizagem dos alunos, que têm consciência de que são beneficiados com as visualizações de suas postagens.

Na questão sobre a colaboração da divulgação de trabalhos acadêmicos na área de moda para o processo de ensino e aprendizagem, os participantes da pesquisa avaliam essa ação positivamente, com uma média de 3,241, sendo o mínimo de 1, máximo de 4 e desvio padrão de 0,724. Sendo 1 “nunca”, 2 “quase nunca”, 3 “quase sempre” e 4 “sempre”. Esse resultado aponta para uma conscientização dos fins acadêmicos das postagens e divulgação dos trabalhos.

Foram realizadas, também, algumas correlações bivariadas a fim de verificar se o fato de o aluno se sentir preparado para postar trabalhos nas redes sociais tem alguma relação com publicar trabalhos, achar essa publicação importante para seu aprendizado, contribuir com o processo de divulgação, entre outros. As correlações são positivas e diretamente proporcionais porque quanto mais o aluno se sente preparado, mais ele acha os fatores citados anteriormente importantes. De todas as correlações bivariadas que foram feitas na pesquisa, destacamos, na Tabela 8, aquelas que apresentaram o coeficiente superior a 0,4(P), considerada uma correlação de intensidade moderada entre duas variáveis.

Tabela 8 – Correlações de Spearman entre as variáveis sobre a avaliação dos alunos sobre a postagem do trabalho e os hábitos pessoais relativos à mídia social

| Variáveis | Média semanal de postagens | Avaliação positiva do professor que orienta postagens | Preparação para postar trabalhos em redes sociais | Grau de importância da divulgação dos trabalhos virtualmente | Contribuição para o aprendizado com a publicação dos trabalhos | Benefícios das visualizações dos trabalhos postados | Divulgação dos trabalhos colabora para o processo de ensino e aprendizagem |
|--|----------------------------|---|---|--|--|---|--|
| Frequência de postagens nas redes sociais | ,651582 | | | | | | |
| Preparação para postar trabalhos em redes sociais | | ,602193 | | ,502266 | ,478959 | | |
| Grau de importância da divulgação dos trabalhos virtualmente | | ,564106 | ,502266 | | ,504197 | | |
| Contribuição para o aprendizado com a publicação dos trabalhos | | ,618403 | | ,504197 | | ,41620 | ,425218 |
| Benefícios das visualizações dos trabalhos postados | | | | | ,416208 | | ,527308 |

N (número de participante) 195 p < ,05000

O p de Spearman é um coeficiente de correlação usado quando os dados estatísticos não satisfazem as condições de testes paramétricos. Os testes paramétricos se baseiam em medidas intervalares da variável dependente (um parâmetro ou característica quantitativa de um grupo de entrevistado) e exigem que sejam cumpridos três pressupostos: distribuição normal, homogeneidade dos dados e variáveis intervalares e contínuas. Como não existiam esses pré-requisitos nos dados coletados na presente pesquisa, foi feita uma correlação entre variáveis que mediam a ordem de preferência dos entrevistados, fazendo com que os dados não tivessem uma distribuição normal. “O p de Spearman transforma os escores originais em postos antes de mais nada” (DANCEY, 2013, p. 518)

A primeira correlação foi feita entre as variáveis ‘frequência que o entrevistado faz postagens nas redes sociais’ e ‘média semanal de postagens do aluno’. O coeficiente de relação foi moderado alto, quase forte, com o P de Spearman de 0,6515. Ou seja, quanto mais o aluno usa as redes sociais, mais ele faz publicações.

Foram analisadas as respostas sobre a avaliação positiva que os alunos faziam do professor que solicitava as postagens de trabalhos acadêmicos em redes sociais com outras três questões levantadas na pesquisa. Todas as três análises tiveram um coeficiente de correlação moderado alto, acima de 0,5 positivo, sendo a correlação mais alta de 0,618, quando comparada com a questão sobre a contribuição das publicações para o aprendizado dos alunos. Ou seja, quanto mais o aluno avalia positivamente o professor que solicita a publicação de trabalhos acadêmicos nas redes sociais, mais ele acha que essa publicação pode contribuir para a sua aprendizagem.

A correlação continuou alta, com 0,602, na comparação com o quanto o aluno se sentia preparado para postar trabalhos na internet, deixando claro que quanto mais o aluno avalia positivamente o professor que pede para postar trabalhos acadêmicos em redes sociais, mais ele se sente preparado para fazê-lo. Outra correlação bivariada moderada que merece destaque, mas com escore um pouco mais baixo, de 0,564, foi em relação a quanto o aluno acha importante a divulgação dos seus trabalhos acadêmicos em redes sociais, comparado com o quanto ele avalia positivamente o professor que orienta os mesmos a postá-los.

Também foi comparada a relação entre o grau de importância da divulgação dos trabalhos acadêmicos em redes sociais com a preparação para postar na internet e a contribuição que a publicação desses trabalhos trouxe para o aprendizado dos alunos. Todas as correlações bivariadas tiveram um coeficiente positivo moderado, acima de 0,50. Sendo assim, quanto mais o aluno acha importante divulgar seus trabalhos virtualmente, mais se sente preparado para postá-los nas redes sociais ($p = 0,0502$) e mais acredita na contribuição dessas publicações para sua aprendizagem ($p = 0,504$).

Foi feita, ainda, uma correlação entre o quanto os alunos se sentiam preparados para postar trabalhos nas redes sociais com o grau de importância da divulgação dos trabalhos e a contribuição para a aprendizagem. Na primeira correlação, o coeficiente foi pouco maior, com $p = 0,502$; na segunda, o coeficiente foi de 0,478, também com uma intensidade moderada positiva. Dessa forma, essas questões estão relacionadas, pois quanto mais o aluno se sente preparado para postar trabalhos, mais ele acha importante divulgá-los e acredita que isso possa contribuir para sua aprendizagem.

Ainda sobre as contribuições para o aprendizado com a publicação dos

trabalhos, foi feita uma correlação bivariada com outras duas questões. A primeira tem a ver com os benefícios da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados pelos alunos do curso, com um coeficiente de 0,416, que, apesar de baixo, caracteriza-se como uma intensidade moderada de relacionamento. A segunda apresenta uma intensidade um pouco maior ($p = 0,527$), quando comparado com a colaboração da divulgação dos trabalhos acadêmicos na área de moda para o processo de ensino e aprendizagem, na visão dos próprios alunos.

Os coeficientes significativos moderados mais baixos analisados trataram da relação com a publicação de trabalhos acadêmicos, de forma interdisciplinar, com a finalidade de averiguar se essa publicação pode contribuir para a aprendizagem. Esse coeficiente teve uma correlação de intensidade 0,416 com a opinião dos alunos sobre os 'benefícios da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados' e 0,425 com a 'colaboração da divulgação dos trabalhos acadêmicos na área de moda para o processo de ensino e aprendizagem'. Isso mostra que quanto mais o aluno acredita que postar trabalhos acadêmicos na área moda contribui para o aprendizado, mais ele entende que se beneficia da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados.

5.4.1 Participação e importância dos professores

No questionário apresentado, foram levantadas algumas questões para avaliar e mensurar a opinião dos alunos sobre a participação e importância dos professores na apresentação de seus trabalhos acadêmicos durante a Semana de Moda da universidade. Na pergunta sobre qual foi o nível de importância do professor no processo de preparar o trabalho, 91,3% dos entrevistados responderam positivamente, conferindo "muita" e "muitíssima importância" ao docente na orientação do trabalho interdisciplinar, sendo que apenas 8,7% dos alunos apontaram "pouca" ou "pouquíssima" importância quanto ao papel do professor nesse processo (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Importância do professor na preparação do trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

Com esse dado, é possível afirmar o papel fundamental do professor nesse processo. É importante salientar que a atuação docente na orientação do uso dos recursos tecnológicos não deve se restringir ao uso mecânico da tecnologia, com a postagem dos trabalhos nas redes sociais, por exemplo, mas com o domínio crítico da linguagem tecnológica.

Segundo Pocho (2011, p.14-15),

[a]o trabalhar com os princípios da tecnologia educacional, o professor estará criando condições para que o aluno, em contato crítico com as tecnologias da/na escola, consiga lidar com as tecnologias da sociedade sem ser por elas dominado. Este tipo de trabalho será facilitado na medida em que o professor se apropriar do saber relativo às tecnologias, tanto em termos de valoração e conscientização de sua utilização (por que e para que utilizá-las) quanto em termos de conhecimentos técnicos (como utilizá-las de acordo com as suas características) e de conhecimento pedagógico (como integrá-las ao processo educativo).

Quanto à questão sobre o nível de importância do professor na apresentação do trabalho, os números surpreendem ao caírem para 76,9% quando se relacionam aos alunos que escolheram as opções “muita” e “muitíssima importância” do professor neste momento do trabalho. E a porcentagem dos que dão “pouca” e “pouquíssima importância” para o professor no momento da apresentação subiu dos

8,7%, relativos às respostas dadas à questão anterior, para 23,1% (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Importância do professor na apresentação do trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

Foi solicitado que os 195 alunos que responderam ao questionário comentassem aspectos importantes do trabalho (no que se referiu à preparação ou à apresentação) em que o professor contribuiu para sua aprendizagem. Foram várias respostas, sendo que a maioria reafirma a importância do professor em todo o processo do trabalho, na orientação e preparação do mesmo. A seguir, podem ser conferidos os aspectos mais citados, divididos por categorias (Tabela 9), e, logo após, alguns excertos com colocações interessantes.

Tabela 9 – Contribuição do professor na orientação do trabalho acadêmico

| Respostas / Categorias | Número de alunos |
|---------------------------------------|-------------------------|
| Orientação e Preparação | 128 |
| Tudo ou todo o processo | 24 |
| Resolução de dúvidas | 12 |
| Metodologia de pesquisa | 11 |
| Apresentação do trabalho | 11 |
| Críticas construtivas dos professores | 9 |
| Acabamento do produto final | 8 |
| Ensinando Conteúdo | 5 |
| Dando mais segurança | 1 |
| Ajudou muito pouco | 1 |
| Não ajudou nada | 1 |

Alguns entrevistados, apesar de ressaltarem a importância do professor, criticaram o processo do trabalho interdisciplinar, que, por vezes, beneficiou trabalhos pouco estruturados apenas pelo fato de terem sido bem apresentados pelos alunos.

Excerto 26

O professor é muito importante no processo e construção do projeto final. O professor acaba passando, até induzindo a chegar a conceitos e ideias que nem são as expectativas do aluno. Na apresentação o professor não tem tanta importância. Quando chega na hora da apresentação o professor escolhido que às vezes não tem intimidade com o processo do aluno acaba se deixando levar pela 'apresentação' somente. Já vi trabalhos muito mal estruturados e até incompletos receberem ótimas notas porque o aluno que apresentou era muito bom na oratória. Mas acho válido mesmo assim, fora da universidade o mercado também exigirá uma boa oratória e boa argumentação seja numa entrevista de emprego ou aprovação de um projeto.

Outro aluno, por sua vez, criticou o papel do professor na orientação da apresentação oral do trabalho interdisciplinar, apontando que houve uma *“pressão desnecessária que atrapalhou meu desempenho ao apresentar”*.

Entretanto, muitos alunos reconhecem a função da orientação nesse processo.

Excerto 27

Os professores contribuíam muito, principalmente, no desenvolvimento das ideias da coleção a ser criada, orientando o caminho entre elementos de estilo apresentados e sua aproximação ao tema.

Excerto 28

O professor é fundamental como ferramenta de instrução, facilitando o aprendizado e a concepção do projeto proposto

Alguns discordam:

Excerto 29

Eu acho que a importância do professor está mais intensa no processo de preparação, já na apresentação em si já é mais com o aluno mesmo onde ele vai expor o que aprendeu com o professor.

Outros alunos até concordam com a importância do professor, mas conseguem pontuar falhas no processo.

Excerto 30

No momento da preparação tínhamos um professor e vários alunos, poucos conseguiram ter eficiência e dedicação do professor nas correções e orientação, sendo o resultado não satisfatório, deixando claro a importância do professor.

Um aluno destaca a questão acadêmica como um todo e pontua sobre a importância do professor nesse processo.

Excerto 31

A Semana de Moda é de muita importância, para o desenvolvimento social e crítico em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos docentes. A boa orientação do professor pode criar um novo campo de visão. Construindo um novo olhar para o aluno. Que está em busca de conhecimento e interação social e desenvolvimento intelectual no contexto do designer de moda. No decorrer da construção dos *looks* que serão apresentados. Vivenciamos os desafios do trabalho em equipe, e as angústias para expressar o que já sabemos, e ao mesmo tempo, absorver dos elementos pesquisados, os conceitos adequados para a elaboração dos projetos. A Semana de Moda é um desafio necessário para o desenvolvimento do aluno.

Além da opinião do aluno sobre a participação do professor no processo do desenvolvimento do trabalho, foi questionado, também, na pesquisa, como o aluno avaliaria o professor que pede para você postar trabalhos em redes sociais, escolhendo uma resposta de 1 a 4. Entre os entrevistados, 85% avaliam esse fato positivamente (Gráfico 14). Ou seja, o aluno reconhece a importância do elo entre o mundo real e o virtual, dentro da academia, com o suporte do professor.

Gráfico 14 – Avaliação do professor sobre postagens de trabalhos

Fonte: Elaborado pela autora

Realizamos uma correlação bivariada entre a importância do professor no processo de apresentação e de preparação do trabalho, que foi forte, significativa e positiva $R(195) = 0,64$, $p,0,001$, indicando que, quanto maior a importância para os alunos do professor na preparação do trabalho, maior também o reconhecimento de sua importância na apresentação do trabalho (Tabela 10).

Outras duas correlações bivariadas que merecem ser destacadas são: quanto maior a importância do professor na preparação do trabalho maior é a importância também do professor na apresentação do mesmo, com um coeficiente moderado alto de 0,646 positivo. E um coeficiente também moderado, mas baixo, de 0,440, em relação à comparação feita entre a experiência que o aluno teve ao apresentar trabalhos e a importância do mesmo. O valor comprova que quanto melhor a experiência da apresentação do trabalho na Semana de Moda, mais importante os alunos consideram este trabalho acadêmico para sua formação (Tabela 11).

Tabela 10 – Correlações bivariadas entre o nível de importância do professor no processo de preparar o trabalho e na apresentação do trabalho

| Variáveis | Nível de importância do professor no processo de preparar o trabalho | Nível de importância do professor na apresentação do trabalho |
|---|--|---|
| Nível de importância do professor no processo de preparar o trabalho. | 1,000000 | 0,646096 |
| Nível de importância do professor na apresentação do trabalho. | 0,646096 | 1,000000 |

Tabela 11 – Correlações bivariadas entre a experiência de apresentar o trabalho e sua importância na formação profissional do aluno. Correlações de Spearman com $p < ,05000$

| Variáveis | Experiência do apresentar o trabalho acadêmico | Importância do trabalho na formação profissional |
|--|--|--|
| Experiência do apresentar o trabalho acadêmico | 1,000000 | 0,440404 |
| Importância do trabalho na formação profissional | 0,440404 | 1,000000 |

Os dados apresentam também um reconhecimento visível, por parte dos alunos, em relação à importância do professor e do seu papel na orientação de todo o processo do trabalho acadêmico. Ficou claro que, nessa experiência vivenciada pelos entrevistados da pesquisa, em nenhum momento, o professor seria substituído pelo ambiente virtual, mas, sim, valorizado por ele.

Na próxima sessão, contemplamos as considerações finais desta dissertação, nas quais retomamos as perguntas que nortearam a presente investigação e apresentamos sugestões para pesquisas futuras.

REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: MEDIAÇÃO OU INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO?

“Quanto mais tecnologias, maior a importância de profissionais competentes, confiáveis, humanos e criativos. A educação é um processo de profunda interação humana, com menos momentos presenciais tradicionais e múltiplas formas de orientar, motivar, acompanhar e avaliar”
(MORAN, 2013, p. 35)

Com o objetivo geral de verificar como acontece o uso das redes sociais enquanto ferramenta ou instrumento utilizado pelo professor em seu papel de mediação, no processo de ensino e de aprendizagem, realizamos uma investigação a partir da experiência vivida por um grupo de professores e alunos de uma universidade goiana, o que caracteriza um estudo de caso.

Iniciamos a presente pesquisa analisando a literatura sobre o uso das redes sociais, buscando traçar seu histórico e levantar as contribuições na área da didática. Destacamos a visão das autoras Joana Sancho e Hernandez (2006) e Joana Peixoto (2016), que esclarecem que o reconhecimento e a introdução das TIC's na escola vão muito além do uso instrumental dessas ferramentas em sala de aula. As autoras defendem que esse uso é dependente de uma mudança na forma como os educadores compreendem todo o processo educacional.

Joana Sancho tem uma visão bem clara sobre o tema, ao apontar que

[o] argumento principal é a dificuldade – quase impossibilidade – de tornar as TIC meios de ensino que melhorem os processos e resultados da aprendizagem se os professores, diretores, assessores pedagógicos, especialistas em educação e pessoal da administração não revisarem sua forma de entender como se ensina e como aprendem as crianças e jovens de hoje em dia; as concepções sobre currículo; o papel da avaliação; os espaços educativos e a gestão escolar. É algo fundamental para planejar e colocar em prática projetos educativos que atualmente respondam às necessidades formativas dos alunos (SANCHO E HERNANDEZ, 2006, p.16).

A autora esclarece que o reconhecimento e a introdução das TIC's nas salas de aula - e aí estão as redes sociais – dependem de uma mudança profunda na forma como os educadores compreendem a educação. Não se trata de simplesmente acrescentar algo novo nas velhas práticas, mas sim de mudar essas últimas.

Nesse sentido, procuraremos, neste capítulo, analisar os resultados da pesquisa de campo, discutindo-os a partir dos pressupostos teóricos descritos no Capítulo 2. Assim, pretendemos responder às perguntas que inicialmente constituíram o problema desta pesquisa, bem como nossos objetivos específicos e gerais. Iniciaremos essas considerações finais retomando as questões do problema de pesquisa:

1. Como os professores e alunos estão utilizando as redes sociais?

Moran (2013) argumenta que a chegada das tecnologias móveis à sala de aula trouxe tensões e novas possibilidades, mas, também, grandes desafios. Amparada por essa afirmação, observamos, durante toda a coleta de dados desta pesquisa, que as redes sociais já estão presentes no cotidiano das pessoas que frequentam as salas de aula. O estudo de caso demonstrou que tanto alunos quanto professores são adeptos do uso das redes sociais. Dos sete professores que participaram do grupo focal, apenas dois afirmaram não usar com frequência as redes sociais, dois usam moderadamente e três afirmaram utilizar com muita frequência. Entre os alunos, esta proporção aumenta, pois 95,9% dos entrevistados responderam que usam “sempre” ou “quase sempre” as redes sociais. Apenas 4,1% responderam que “quase nunca” as usam e nenhum dos 195 discentes entrevistados respondeu “nunca”.

O estudo aponta para o fato de que o uso das redes sociais é tão intenso entre os alunos, que 73,3 % dos entrevistados responderam que postam informações “sempre” e “quase sempre” nas redes sociais e apenas 26,6% afirmaram “quase nunca” ou “nunca” terem postado nada nas redes sociais. Por meio das respostas, pode-se observar uma média de seis horas diárias dedicadas às redes sociais, sendo grande parte desse tempo contabilizado dentro da universidade.

A presença das redes sociais tão enraizadas na comunidade acadêmica e em todos os lugares é algo da cultura contemporânea. Segundo Rego (2014), Vygotsky diz que, para adquirir conhecimento, deve-se aprimorar o uso dessas novas ferramentas no contexto social e cultural. Para Vygotsky (1998), aprender é uma atividade profundamente social, em que o ser humano não depende apenas da formação biológica de seu corpo, mas, principalmente, do meio em que vive, da

interação com as outras pessoas e das mediações realizadas por meio de ferramentas culturais de seu cotidiano.

Ainda de acordo com essa visão sociointeracionista, Vygotsky deixou vários legados para a educação, entre eles a importância da interação social e dos recursos culturais presentes no ambiente, como o acesso à internet e às próprias redes sociais. A internet não é um recurso cultural da nossa sociedade? Por que não considerar as interações via redes sociais?

Segundo Castells (2009), as redes sociais são recursos culturais da nossa sociedade e são essas novas sociabilidades e relações com espaço e com tempo que demarcam a vida contemporânea. Castells (2009, p.413) aponta a existência de uma cultura da virtualidade real, que ocorre por meio da integração das novas tecnologias com a comunicação eletrônica. O aspecto multimídia das novas tecnologias transforma as experiências humanas de percepção e criação simbólica.

Nossos meios de comunicação são nossas metáforas nossas metáforas criam o conteúdo da nossa cultura”. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 2009, p.414).

Hoje, o caráter da comunicação é outro, pois a internet se constitui enquanto sistema aberto e as redes sociais são um recurso cultural utilizado nas interações interpessoais. A comunicação é um elemento que molda a cultura, porque é por meio da comunicação que a vida em sociedade se faz possível, nas suas diversas manifestações, constituindo o sistema de valores e de símbolos. São essas novas relações interpessoais com o espaço e com o tempo que demarcam a vida contemporânea.

2. O seu uso se dá no contexto de práticas tradicionais apenas como uma nova forma de comunicação, como um mero instrumento ou há experiências pedagógicas inovadoras?

Neste trabalho, percebe-se que um grupo, o da geração mais velha, independentemente de ser aluno ou professor, ancora as redes sociais como uma novidade que vai passar, algo associado ao caráter superficial e efêmero da mídia. Esse grupo acredita que as redes sociais servem apenas para divulgar o trabalho

dos alunos, com o intuito de promover uma maior empregabilidade e, portanto, associado a uma visão capitalista. Uma das professoras participantes chega a afirmar que “vamos usar os ambientes virtuais para resolver um problema, mas o que se quer é reduzir custos (professora B)”. Ela possui uma visão negativa do uso de ferramentas tecnológica na sala de aula, que acabam por ser relacionadas à pauperização do ensino.

Nesse sentido, os professores veem essa experiência muito mais como ferramenta mercadológica do que pedagógica. Para alguns docentes, as redes sociais são apenas mais um instrumento tecnológico à disposição do processo de ensino aprendizagem, como afirma o professor C.

Excerto 32

Eu acredito que a semana de moda virtual representa um avanço do ponto de vista tecnológico e compreende necessidades tão caras à moda contemporânea, como a simultaneidade de informações, a hiper-realidade e a democratização, além de ser um poderoso instrumento de mídia e marketing.

Os dois professores citados acima ilustram o que Peixoto e Araújo (2012) apresentam como dois extremos sobre o uso das tecnologias na educação: de um lado, aqueles que se baseiam nas prescrições normativas para a incorporação dos instrumentos tecnológicos (visão instrumental); de outro, aqueles que impõem as TIC's como uma fatalidade no seio das escolas (determinismo tecnológico).

A visão instrumental das redes sociais é aquela que vê a publicação dos trabalhos acadêmicos apenas como um instrumento de divulgação ou um instrumento de trabalho. Esse é o caso da professora E, ao colocar o seguinte: “Acho que diante das limitações pelas quais passamos, de diminuição de carga horária presencial das disciplinas, foi uma oportunidade de mantermos as atividades dos alunos, foi uma saída inteligente”. Para ela, usar as redes sociais para publicar os trabalhos dos alunos foi apenas uma opção de atividade acadêmica devido à falta de tempo decorrente da redução das cargas horárias de algumas disciplinas do curso.

O professor B afirmou que o coordenador do curso propôs a publicação dos trabalhos acadêmicos virtualmente porque a presença da internet na educação faz parte de um determinismo tecnológico: “Recordo-me que a semana de moda virtual surgiu como um meio mais acessível de divulgar os trabalhos, e penso que não há mais como voltar atrás”. Este foi um discurso comum entre os professores, de que

as redes só servem para divulgar os trabalhos. E eles não conseguiram citar aspectos pedagógicos desta interação e entendem que precisam usá-la como uma imposição dos tempos modernos.

Lembrando que as Representações Sociais (RS), segundo Moscovici (2011), caracterizam-se como sistemas de valores, ideias e práticas que convenciam o mundo, podemos perceber que, nesse estudo de caso, a representação social das redes sociais, no ambiente acadêmico, é muito diferente entre docentes e discentes. Para os professores, o uso das redes sociais ficou claramente colocado apenas como uma nova forma de comunicação. Os alunos, por sua vez, têm uma representação social dessas redes muito mais próxima do objetivo didático. Apenas os discentes conseguem apontar a experiência vivida com a postagem do trabalho multidisciplinar como uma atividade de caráter pedagógico, percebendo que, ao compartilhar o trabalho, puderam desenvolver habilidades e competências com as próprias redes que antes não dominavam.

Um aluno encerrou a pesquisa relatando que, “além de divulgar meu look, foi muito bom publicar o trabalho da semana de moda no *facebook* porque aprendi a fazer uma coisa diferente no *face* e ainda consegui ver todos e curtir alguns trabalhos dos meus colegas.”

Alguns alunos reconhecem que o presencial e virtual se complementam, e que não são a mesma coisa. O dado que confirma essa tese é o de que 45% dos entrevistados gostariam de apresentar o TGI das duas formas, como afirma um aluno: “A apresentação de trabalhos na Semana de Moda, presencial e virtual, é uma grande e importante contribuição na vida acadêmica do aluno. Exige uma interação, um compartilhamento de informações, responsabilidades, experiências, foco e união”.

Outro dado interessante apresentado na pesquisa foi o número superior a 85% dos alunos que reconhecem que a publicação dos trabalhos no *Facebook* contribui muito para a aprendizagem deles e acreditam que a divulgação de trabalhos acadêmicos na área de moda, bem como ver as postagens uns dos outros, tem colaborado para o processo de ensino e aprendizagem. Um aluno comentou que “Pelo o fato de o trabalho ser compartilhado virtualmente e ter uma exposição quase que mundial, o esforço e dedicação para que o resultado final do mesmo se torne perfeito é maior, e claro que o aprendizado também foi muito maior”.

Sendo assim, o uso das redes sociais pela academia se dá, no contexto de

práticas tradicionais, como um mero instrumento de comunicação para os professores e como possível experiência pedagógica inovadora na visão dos alunos. Esses aspectos nos levam a acreditar ainda mais na necessidade de inclusão das redes sociais no ambiente educacional, uma vez que as tecnologias digitais desafiam as escolas e as universidades a buscarem alternativas ao ensino tradicional, focando em uma aprendizagem mais participativa e integrada com o mundo contemporâneo.

3. Como as redes sociais são compreendidas pelos professores e alunos no contexto didático?

De acordo com os dados apresentados na pesquisa, os alunos conseguem enxergar o uso da internet de uma forma bem mais ampla que os professores. Eles já conseguem citar habilidades. Mas, o interessante é que, apesar de citarem e perceberem o ganho ao fazer o trabalho na internet, eles também acreditam que a presença do professor é importante e indispensável nesse processo. Destacamos o depoimento de um aluno que traduz a afirmação anterior: “acho que ajudou a ter uma forma, a pensar num conceito, ter certa responsabilidade com trabalho postado numa rede social, e sempre orientado e acompanhado pelos professores”.

Na visão dos alunos, mais de 90% dos entrevistados avaliam positivamente a orientação do professor nas postagens dos trabalhos acadêmicos, o que demonstra que os alunos não substituem os professores pelas redes sociais em nenhum momento. As redes sociais, assim como os professores, fariam a mediação entre todos os participantes do processo de ensino e aprendizagem. Vygotsky (1998) aponta a função mediadora de alguns instrumentos usados pelo homem para uma mudança externa, mas que também têm um papel fundamental nas suas atividades psíquicas.

O papel que terá que ser desenvolvido pelo professor nesse processo é na orientação do uso dos recursos tecnológicos, mas não apenas do uso mecânico da tecnologia, com as postagens dos trabalhos em redes sociais, mas com o domínio crítico da linguagem tecnológica e da importância das habilidades e competências que devem ser adquiridas com esses aparatos tecnológicos presentes nos tempos modernos. Assim como este aluno consegue compreender e esclarece:

Excerto 32

A Semana de Moda é de muita importância, para o desenvolvimento social e crítico em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos docentes. A boa orientação do professor pode criar um novo campo de visão. Construindo um novo olhar para o aluno. Que está em busca de conhecimento e interação social e desenvolvimento intelectual no contexto do designer de moda.

Os resultados mostram, portanto, que existe uma imersão total dos alunos nesse mundo da internet, principalmente dos mais jovens. Eles a utilizam muito e compreendem a importância do seu uso para o desenvolvimento de habilidades e de competências em sua área profissional. Como confirma um aluno em seu relato:

Excerto 33

Primeiro que o contato com o público que está "por fora" é ótimo, eles quase não entendem como foi todo processo, e poder compartilhar o produto em si é maravilhoso. É ótimo postar do seu feito, da sua criação e das etapas que foram seguidas para que aquilo estivesse o mais perfeito possível. Segundo, que aprendemos a valorizar não só o nosso trabalho, como também o do colega.

Nesse relato, o aluno cita a aprendizagem social de se comunicar com um público através das postagens e, ainda, a aprendizagem da valorização do trabalho do outro. Mas, o mais importante, é que fala da apropriação do seu próprio trabalho como um produto de sua objetivação no mundo e para o mundo, citando o prazer da criação como um todo, considerando-a em todas suas etapas. Um aluno destaca, inclusive, a importância de divulgar não só o trabalho nas redes sociais, mas divulgar como aprenderam a fazê-lo:

Excerto34

[...] através das redes sociais milhares de pessoas tem acesso aos seus trabalhos apresentados, conseguem ver o que aprendemos nas faculdades, como aprendemos e conseguimos passar isso para outras pessoas.

Portanto, ficou evidente que, na visão dos alunos, eles reconhecem que aprendem com o uso da internet, citando inclusive habilidades que adquirem com os professores como mediadores. Patrício e Gonçalves (2010) advogam a favor do uso do *Facebook* na educação, afirmando que ele pode ser utilizado como um recurso pedagógico importante para promover uma maior participação, interação e colaboração no processo educativo, além de impulsionar a construção partilhada, crítica e reflexiva de informação e conhecimento distribuídos em prol da inteligência coletiva.

No entanto, o estudo de caso também evidenciou que há uma minoria de alunos, mais velhos, de outra geração, que não utilizam a internet com a mesma frequência. Nenhum aluno entrevistado afirmou que não usa as redes sociais. Mais de 90% usam muito e apenas 4 % usam pouco, sendo que seis desses entrevistados têm mais de 40 anos de idade.

Alguns professores citam no grupo focal que os alunos não têm acesso a internet. A professora B afirma que “ainda há muitos alunos que possuem acesso restrito a essas tecnologias e que não podem ou conseguem acompanhar a atividade com a frequência desejável”. Os professores acham que o acesso é restrito, mas não é. Os dados mostram que mais de 95% dos alunos acessam a internet muitas horas por dia, o que demonstra como os professores estão distantes da realidade dos alunos.

E, em outro momento, a mesma professora B volta a afirmar que “O que avaliei com minhas experiências anteriores, é que mesmo com tanta inserção dos recursos de informática no curso e na sociedade, muitos alunos são praticamente, analfabetos digitais”. Os dados demonstram que os alunos não são analfabetos digitais, pelo contrário, eles conseguiram ver as funções didáticas de uma postagem, como o aluno que afirma o seguinte: “Me ajudou na argumentação e fundamentação de minhas ideias proporcionando uma interação com o meio universitário fazendo uma ponte entre o mundo do trabalho e a academia através da internet”.

Agora, retomaremos os objetivos específicos deste trabalho, buscando analisar se os alcançamos e quais foram as lacunas ou perguntas que abrem espaço para novos estudos.

Analisar alguns componentes da experiência vivida por professores e alunos em um processo de ensino aprendizagem em que foram utilizadas as redes sociais

Por serem dois grupos sociais diferentes, professores e alunos compreenderam de forma diferente a experiência com a utilização das redes sociais no processo de ensino e de aprendizagem. O resultado da pesquisa mostra como a fala dos professores no grupo focal é totalmente distante dos dados apresentados pelos alunos. Fica claro que o choque de gerações vem aumentando à medida em que o ritmo das mudanças sociais também crescem.

Foi feita uma comparação entre as variáveis que descrevem a experiência realizada, na opinião dos alunos, apresentada no Gráfico 9 deste trabalho. É possível perceber que há uma maior variabilidade de respostas na variável 'importância para formação do profissional', indicando um maior dissenso; nas demais variáveis, o consenso parece maior, quando abordam o 'aspecto agradável da experiência' e sobre a 'importância do professor nesse processo'. Ou seja, os alunos avaliam positivamente o professor que pede que os trabalhos sejam postados nas redes sociais.

Além disso, quanto mais o aluno acha importante divulgar seus trabalhos virtualmente, mais ele se sente preparado para postá-los nas redes sociais e mais acredita na contribuição dessas publicações para sua aprendizagem. Isso mostra que quanto mais o aluno acredita que postar trabalhos acadêmicos do curso de Design de Moda contribui para o aprendizado, mais ele acredita que se beneficia da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados.

Já, na opinião dos professores, os alunos não estão tendo essa visão. Sobre a percepção dos alunos, o professor A concorda com o C em vários posicionamentos e pondera que: "Acredito que fazer Moda tem que nos dar prazer... percebo os alunos insatisfeitos e pressionados". O professor percebe os alunos insatisfeitos e os alunos relatam estarem satisfeitos, como confirma o seguinte depoimento: "Os trabalhos desenvolvidos para a Semana de Moda. São de extrema importância na minha formação acadêmica. Significa desafios e objetivos alcançados. Vivência e prática com temáticas do mundo da moda. Reconhecimento do esforço. Para o desenvolvimento do conhecimento. Integração social com a publicação do *facebook*. Divulgação do talento do aluno". Esta declaração comprova como os professores, em vários aspectos apontados nesse estudo, estão distantes de entender como os alunos pensam.

Além disso, percebe-se, por parte dos professores, uma dicotomia criada em torno do uso das ferramentas digitais, uma vez que eles relacionam o digital ao mercadológico e o presencial ao pedagógico. No grupo focal, dois professores mais abertos e adeptos às redes sociais vislumbravam novas formas pedagógicas, mas a questão do ensino para o mercado de trabalho, para o chão de fábrica, é destacada como mais importante neste processo. Alguns professores colocam a necessidade de educar para o mercado de trabalho.

No encerramento do grupo focal, os professores acabaram entrando em consenso quanto a apresentar o TGI virtual e presencial. Inicialmente, tínhamos os professores contra, marxistas, e os a favor, liberais. Mas, mesmo assim, o virtual continuou a ser encarado como um trabalho mercadológico, que não pode ser utilizado com objetivos didáticos.

Outros aspectos levantados pelos professores na experiência do trabalho interdisciplinar do curso foram a quantidade exagerada de critérios a serem avaliados nas bancas de apresentação, em apenas 10 minutos; a sobrecarga de trabalhos para os professores; e a dificuldade de trabalhar em grupo.

O resultado da pesquisa nos levou a refletir sobre dois conflitos possivelmente vividos no caso estudado. Em primeiro lugar, um conflito entre professores e alunos. Por um lado, os professores apontaram que a digitalização serve para uma pauperização do ensino e que esse fato pode estar ligado a objetivos capitalistas de reduzir custos. Ao mesmo tempo, observa-se que, quando o professor é favorável à digitalização, tem-se a ideia de que essa ferramenta serve apenas para divulgar melhor o trabalho e não se aponta nenhuma riqueza pedagógica dessa ferramenta. Do outro lado, os alunos percebem a riqueza social, cultural e mesmo pedagógica das redes sociais.

O outro conflito é de gerações. Enquanto os alunos nasceram imersos nesse mundo já interligado pelas redes, os professores vivenciaram um mundo sem redes, para depois se adaptarem a elas. Como são mais jovens e completamente imersos nas redes sociais, os alunos valorizam e percebem mais os aspectos pedagógicos e didáticos no processo de ensino e de aprendizagem do trabalho digital. Os professores, entretanto, apresentam certo receio e não reconhecem o valor dessa publicação em redes sociais. Além disso, acreditam que a internet é apenas um instrumento de divulgação dos trabalhos dos alunos, que não possui nenhum mérito pedagógico.

Levantar como ambos avaliam a participação e os resultados alcançados pela experiência de publicação de seus trabalhos acadêmicos no *Facebook*

Este trabalho é uma análise da teoria do senso comum dos professores e dos alunos, de como eles vivenciam e compreendem uma possível mediação pedagógica por meio da publicação de trabalhos acadêmicos em redes sociais. Para

Moscovici (2011 p. 48), o senso comum é “a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode operar”.

Tomando por base essa colocação, conseguimos entender a diferença de visão que os dois grupos estudados, professores e alunos, possuem do mesmo processo. Ao nascer, a pessoa já está inserida em um contexto cultural próprio, como defendido por Vygotsky em toda sua teoria. As redes sociais estão inseridas no cotidiano de grande parte dos alunos participantes desta pesquisa. Os mais jovens nasceram em uma geração posterior à criação da internet, na qual tudo acontece muito rapidamente, as relações se estabelecem em um *click*. As redes sociais fazem parte do ambiente cultural, social e do cotidiano deles e, por isso, muitos as utilizam e conseguem perceber, inclusive, as possibilidades pedagógicas dessa ferramenta.

Nesse ínterim, observamos os professores e os alunos mais velhos, que fazem parte de uma geração que assistiu à chegada da internet. Eles tiveram que ancorar essas novidades em conhecimentos prévios, associando-as ao telefone e aos conhecidos meios de comunicação. Ancoragem é um dos processos que geram representações sociais. Moscovici esclarece que ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2011, p. 71). Esse é um processo natural que utilizamos para conhecer o novo. Spadoni (2016, p. 83) aponta que “Moscovici explica que quando algo novo ingressa no campo intelectual de um indivíduo ou grupo, um conflito é suscitado entre o medo do desconhecido e a necessidade de se conhecer”.

Neste momento, cada indivíduo vai procurar maneiras de compreender uma novidade, construir sua opinião a partir das informações que obtém sobre esse novo objeto. Por isso, os professores assimilam essa novidade à sua maneira. Destacamos que, nesse processo, houve professores como a professora G e o professor C que vão levantar a necessidade de se buscar novas formas pedagógicas como parte de uma melhoria, sendo esse o caminho a se tentar. O professor C encerrou sua participação no grupo focal declarando que: “Fui e continuo sendo a favor da semana de moda virtual. Como professor/parceiro/pessoa temo situar-me afastado do cotidiano do mundo dos jovens com os quais eu trabalho, portanto, virtualizar trabalhos e tentar aproximar outras formas de aprendizagem dentro e fora de sala de aula é importante para mim”.

O professor C tem razão em tentar se aproximar do mundo dos alunos, pois grande parte destes já nasceu inserido em uma cultura virtual, brincando com celulares, *tablets*, videogames, tendo acesso aos recursos da internet e, portanto, possuindo mais desenvoltura para manipulá-los. Eles não passaram pelo processo sócio-cognitivo de objetivação e ancoragem do novo, do estranho ou, como dizia Moscovici, do não familiar. Nem pensam se são adeptos ou não das redes sociais pois, para eles, esta não é uma opção viável em suas vivências no mundo.

A opção metodológica pelo estudo de caso nos levou a não realizar um questionário que buscasse investigar diretamente as representações sociais das redes sociais, comparando professores e alunos. Ao invés disso, preferimos buscar conhecer como eles relacionam as redes a uma função pedagógica. No entanto, estudos que investiguem essas representações sociais nesses dois grupos podem enriquecer a compreensão deste conflito de gerações.

Retomando Vygotsky (2004), o contexto cultural do conhecimento e da mediação foi construído com outro percurso, ou seja, cada um construiu, a seu tempo, uma imagem diferente do mesmo fato. Vale destacar que, para Vygotsky (1998, 2001, 2004), o desenvolvimento do indivíduo é um processo construído nas e pelas interações que o indivíduo estabelece com o contexto histórico e cultural em que está inserido. A construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação social, responsável pela aquisição do conhecimento construído ao longo da história. E, cada geração aqui pesquisada vivenciou um momento histórico diferente com a internet e com as redes sociais.

Verificar a relação entre a avaliação dessa experiência de publicação de trabalhos e como são usadas as redes sociais por alunos e professores no seu dia a dia

Analisando todas as variáveis deste estudo, chegou-se à conclusão de que quanto mais jovem é a pessoa, mais tempo ela passa nas redes sociais, mais trabalhos acadêmicos posta na internet, mais se sente preparada para isso e mais valor dá a essa mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Por outro lado, a pessoa mais velha apresenta mais dificuldades, porque vai se sentir menos preparada, passa menos tempo na internet e vai dar menos valor para o uso dessas ferramentas no aprendizado do conteúdo. Esse mesmo ponto de vista também é

apresentado pelos professores mais velhos.

Por isso, é importante ressaltar, aqui, a necessidade da formação continuada de professores como um meio de promover uma compreensão mais ampla sobre as redes sociais e as possibilidades de usá-las com fins pedagógicos autênticos. Diante desta nova forma de comunicação virtual, cabe ao professor adaptar-se a esta realidade na educação, devendo ampliar o espaço da sala de aula de formas variadas, orientando projetos e pesquisas com os alunos, usando as ferramentas disponíveis na atualidade. Precisamos afirmar, mais uma vez, que não defendemos o ensino a distância, mas valorizamos o papel do professor na orientação do aluno quanto a utilização das TIC's, de forma colaborativa e contextualizada.

Com base na necessidade do professor de realizar um trabalho dinâmico, inovador, instigador, utilizando toda a moderna tecnologia que dispõe aos seus alunos, Moran destaca que

[o] que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável... O professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade (MORAN, 2004, p. 15).

Além de expor conteúdos e conhecimento já produzidos, o professor possui um novo desafio diante dessas ferramentas de informação e comunicação: orientar e motivar o aluno a descobrir outros caminhos na construção de um conhecimento mediado pelas modernas tecnologias.

Avaliar o quanto os discentes e docentes consideram que o uso dessas redes tenha contribuído para o processo de ensino e de aprendizagem

Esse desencontro entre as representações de professores e alunos certamente interfere no processo de ensino e aprendizagem. Como já afirmamos, apesar de viver uma experiência em comum, esses dois grupos a compreendem de formas bem distintas. Para a maior parte dos alunos, foi uma experiência pedagógica e, para os professores, só uma nova forma de comunicação. Um aluno chegou a destacar que: “A apresentação dos trabalhos na semana de moda em

redes sociais contribuiu de maneira significativa para minha formação, pois adquiri experiência na elaboração de projetos na área de Design de Moda na internet”.

Por isso, concluímos que, embora o TGI seja uma tentativa de algo inovador para os professores, ele não configura nada de novo. Ao contrário, os professores veem a publicação como uma concessão ao mundo moderno e à força do capital ou como uma forma de divulgar resultados. Os alunos parecem perceber mais o caráter pedagógico dessa ferramenta, mas precisam da mediação dos professores para desenvolver mais habilidades e compreendê-las enquanto tal, inclusive dentro de uma visão crítica.

A publicação virtual dos trabalhos apresentados na Semana de Moda seria algo inovador se fosse tratado como um instrumento não só de divulgação, mas um instrumento avaliativo para professores e para outros alunos contribuírem com o processo de criação. O TGI compartilhado com toda a comunidade acadêmica via redes sociais poderia se tornar realmente um instrumento de mediação de um conhecimento compartilhado e construído na relação com outros alunos e com os próprios professores, que orientam toda a concepção do projeto até o produto final.

Seria muito rico tentar mediar uma visão crítica sobre o uso das redes sociais, como ele é feito pelos jovens nos dias atuais e como poderiam ser exploradas em contextos mais abrangentes, como na educação. Sugerimos também pesquisas experimentais que demonstrem meios pelos quais seria possível promover a mediação através das redes sociais.

A pesquisa experimental consiste em um processo de intervenção para estudar as mudanças no desenvolvimento cognitivo dos alunos, por meio da participação ativa do pesquisador na experimentação. Na visão de Freitas (2010), o experimento didático-formativo é uma investigação pedagógica de base histórico-cultural que tem, entre outros aspectos, o professor e os alunos em atividade de ensino e aprendizagem como foco da pesquisa.

Mesmo tendo partido do pressuposto que as redes sociais seriam usadas como instrumento e que esta mediação entre professor/aluno e aluno/aluno aconteceria naturalmente, o que se buscou analisar, neste trabalho, é de que modo os atores deste estudo vivenciam e compreendem esta possível mediação no processo de construção de uma relação, o que corrobora o pensamento de Vygotsky (1998, 2001, 2004), base teórica deste trabalho.

A base metodológica é a forma como esses dois grupos distintos, professores

e alunos, vivenciam essa didática nas representações sociais de forma diferente e constroem distintas teorias do senso comum, que vão ao encontro do pensamento cotidiano de Vygotsky, mostrando essa dialética das pessoas de duas gerações, que é visualizada e percebida ao longo da apresentação dos dados.

A mediação dessas pessoas não é uma mediação dialética, mas poderia ser. Assim, seria possível construir um trabalho mais rico, com uma mediação em uma perspectiva crítica, abrindo espaço para outros estudos neste campo. Os alunos parecem prontos para essas novas experiências, enquanto os professores se fecham em velhas concepções de ensino, em metodologias tradicionais e, por vezes, descontextualizadas. O que diferencia os professores dos alunos não é a visão marxista ou liberal que eles têm sobre o uso das redes sociais, mas as dificuldades de uma geração que se esforça para se adaptar a um novo mundo interligado.

Essa e outras afirmações que observamos em nossa pesquisa nos mostram que as redes sociais já estão inseridas no cotidiano das escolas e que professores e/ou alunos, reconhecendo ou não o valor delas na prática da sala de aula, apresentam-nos as redes sociais com um grande potencial a ser explorado na área de ensino-aprendizagem, como mediação e/ou processo pedagógico, sinalizando para um vasto campo para futuras pesquisas na área.

Concluindo estas considerações finais, devo ressaltar que a realização desta pesquisa foi bastante relevante para minha formação enquanto pesquisadora. Acredito, apoiando-me nesta mesma condição, que os resultados obtidos por meio dela também poderão ser importantes para a comunidade científica, pois apresentam análises que podem ser fundamentais para os profissionais que atuam com o uso das redes sociais em vários espaços educativos.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Henrique. **El Nuevo Leviatán**. Espanha. Editora Díaz & Paz, 2015.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BORBA, SIOMARA; VALDEMARIN, VERA TERESA. A construção teórica do real: uma questão para a produção do conhecimento em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 2, p. 23-37, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. Interações Cotidianas. In: GUIMARÃES, Cesar; FRANÇA, Vera (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 29-42.

BUENO, Denise Cristina e ECHALAR, Jhonny David. Políticas Públicas brasileiras para uso de tecnologias na educação em Goiás: Um resgate de memórias. In ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueredo; PEIXOTO, Joana; CARVALHO; Rose Mary (Org.). **Ecossistemas e repercussões dos processos formativos nas práticas docentes mediadas pelas tecnologias** - A visão de professores da rede pública da educação básica do estado de Goiás sobre os usos das tecnologias na educação. Goiânia: Kelps, 2015.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 39-66.

CAVALCANTI, M. C., & MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de língua estrangeira. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, 17, 133-144. 1991.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representação Social da pesquisa pelos doutorandos em ciências exatas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 2, jul. 2006.

CLELDER, LUIZ PEDRO. **Sites de redes sociais como ambiente informal de aprendizagem científica**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual de

Londrina, Londrina, 2013. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls00019050>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

COMM, Joel. **O poder do Twitter**: Estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez. São Paulo: Editora Gente, 2009.

COMENIUS, Amós. **Didática Magna**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DANCEY, Christine P. **Estatística sem matemática para psicologia**. Tradução técnica: Lori Viali. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DUARTE, Rosália. Entrevista em pesquisa qualitativa. In: **Educar**, n. 24, Curitiba, PR: Editora UFPR, 2004. p. 213-225.

ECHALAR, ADDA; PEIXOTO, JOANA; CARVALHO, ROSE (Org.). **Ecos e repercussões dos processos formativos nas práticas docentes mediadas pelas tecnologias**: a visão de professores da rede pública da educação básica do estado de Goiás sobre os usos das tecnologias na educação. Goiânia: Kelps, 2015.

ELLIOTT, J. **Action Research for Educational Change**, Open University Press: Milton Keynes (published in Spain by Morata: Madrid), 1991.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação**: contributo do Facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2011. Disponível em: <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

FERREIRA, GISELLE ; CAMPOS MOREIRA, ALICE T. ; BÁRTHOLO, HELENA ; MARKENSON, SIMONE. Facebook e recursos educacionais abertos na formação de pesquisadores em educação: percepções e reflexões. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 7, n. 1, p. 47-60, 2014. Disponível em:
<<http://www.eft.educom.pt/index.php/ef/article/download/380/198>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

FREITAS, R. A. M. M.. Pesquisa em didática: o experimento didático formativo. In: Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro-Oeste, 2010, Uberlândia. **X**

Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro-Oeste: Desafios da Produção e Divulgação do Conhecimento. Uberlândia, 2010. v. I. p. 1-11

GABRIEL, Martha. **Marketing na Era Digital.** São Paulo: Novatec Editora, 2010.

GABRIEL, Martha. **Educ@r – A (r)evolução digital na educação.** São Paulo: Ed. Saraiva, 2013.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, Antônio Carlos. Questionário. In: GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas 2006, p. 128-138.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, Mai./Jun. 1995, p, 20-29.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade.** 17.^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

JOHNSON, D. **Approaches to research in second language learning.** New York: Longman, 1992.

JOOSTEN, Tanya. **Social Media for Educators, strategies and best practices. 2012.** John Wiley & Sons, Inc. San Francisco, CA.

LIBÂNEO, José C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José C. Didática e Trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, S. V. (Orgs.). **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática.** Goiânia: CEPED/Editora da PUC GOIAS, 2011. p. 85-100.

LIBÂNEO, José C. **Didática.** 2^a Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA JUNIOR, A. S.; PRETTO, N. De L. Desafios para o currículo a partir das tecnologias contemporâneas. In: PRETTO, N. De L. (org.). **Tecnologia & novas educações**. Salvador: EDUFBRA, 2005.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LUNA, S. V. **O Falso conflito entre tendências metodológicas**. In: Cad.Pesq., São Paulo, agosto 1988, p. 70-74.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In MORAN, José Manuel (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª Ed. rev. e atual. - Campinas-SP; Papirus, 2013.

MELLO, Suely A. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, KESTER (ORG.). **Introdução à psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

MINHOTO, PAULA, MEIRINHOS, MANUEL. As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário. **Educação, Formação & Tecnologias**, v.4 (2), p. 25-34, 2011. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6973/1/143.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004. Quadrimestral.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In MORAN, José Maniel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MORENO, M. ET.AL. **Temas transversais em educação, bases para uma formação integral**. Tradução Cláudia Schilling. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Sociedade contra natureza**. Tradução E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1975

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. 8ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PATRÍCIO, M. R.; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa?. In: **I Encontro Internacional TIC e Educação**. Lisboa, 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3584>>. Acesso em: 28 Jul 2015.

PEIXOTO, J. Tecnologia da educação: uma questão de transformação ou de formação? In: GARCIA, D. M. F.; CECÍLIO, S. **Formação e profissão docente em tempos digitais**. Campinas: Alínea, 2009.

PEIXOTO, J.; ARAÚJO, C. H. S. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 253-268, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a16.pdf>>. Acesso em: 30 Jul. 2015

PEIXOTO, J. CARVALHO, R. M. A. Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias? **Revista Teoria e Prática da Educação**. v. 14, n. 1, p. 31-38, 2011. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v14n1/03.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

PEIXOTO, J.; CARVALHO, R. M. A. Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v.25, n. 59, p. 367-379, maio/ago. 2016.

POCHO, Cláudia Lopes. **Tecnologia Educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. Colaboração de Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narciso Sampaio; Lígia Silva Leite. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Uma Sociedade sin Fronteiras**. Colección Límites de La Ciencia. Barcelona: Gedisa Editorial, 1996. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SANCHO. J.M. E HERNANDEZ, F. E colaboradores. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOARES, C.; SANTOS, E. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: LIBÂNEO, J.C; ALVES, N.(Org.). **Temas de**

Pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012. P. 308-332.

SPADONI, Lila. **Psicologia realmente aplicada ao direito**. 2ª ed. – São Paulo: Ltr, 2016.

SUNKEL, Guillermo (2006), **Las tecnologías de la información y comunicación (TIC) en la educación en América Latina**. Una exploración de indicadores. Santiago de Chile: CEPAL, División de Desarrollo Social, Serie Políticas Sociales 126

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: VYGOTSKI, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 69-76 (Cap. 3).

VYGOTSKY, L. S. O método instrumental em psicologia. In: VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.93-101.

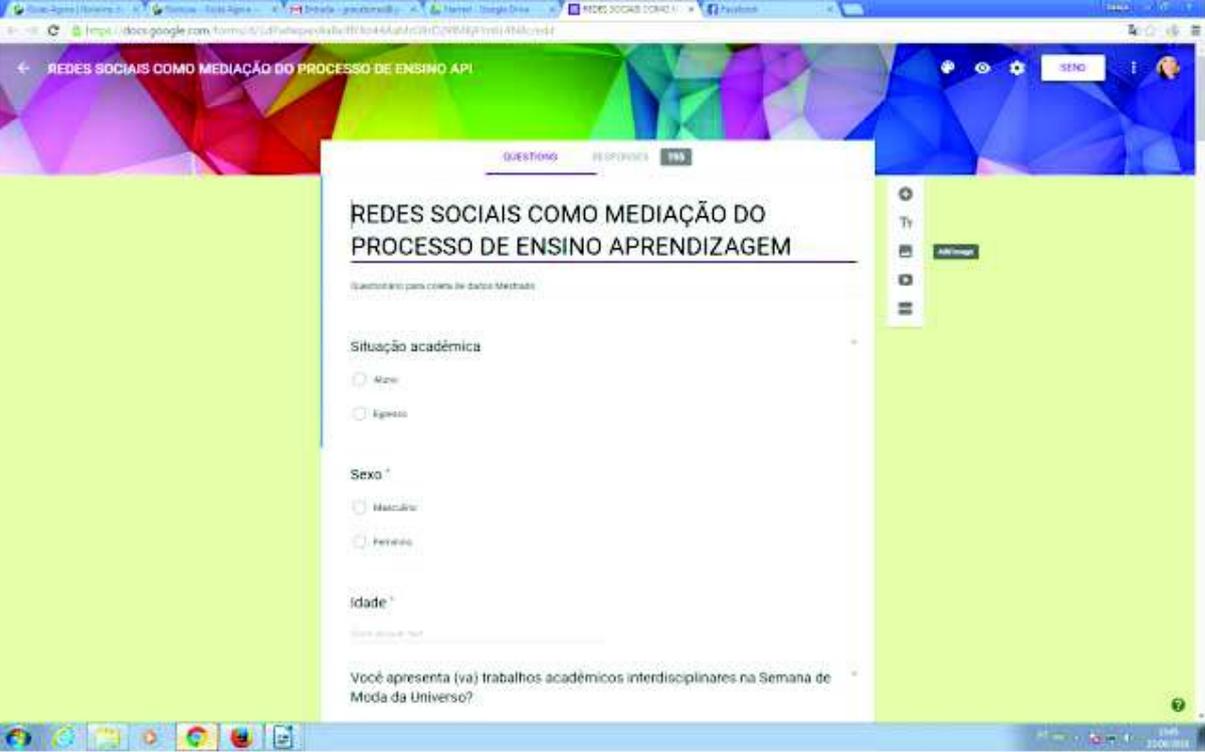
WANG, Q.; WOO, H. L.; QUEK, C. L.; YANG, Y.; LIU, M. Using the Facebook group as a learning management system: an exploratory study. **British Journal of Educational Technology**, Reino Unido, v. 43, n. 3, p. 428-438, 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8535.2011.01195.x/full>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 4ª ed. Tradução: Ana Thorell. São Paulo: Bookman, 2010.

**APÊNDICE A: RESULTADOS DAS PUBLICAÇÕES NO FACEBOOK DOS
ALUNOS DO 6º PERÍODO DO CURSO DE DESIGN DE MODA 2015/1**

| NOME | Turma | Likes | Comentários | Compartilhamentos |
|-----------------------|--------------|--------------|--------------------|--------------------------|
| Vitória Simões Morais | M1 | 1.410 | 83 | 52 |
| Quézia Ferrazoli | M1 | 125 | 34 | 0 |
| Andressa Moura | M2 | 30 | 2 | 0 |
| Karla Meira Lima | M1 | 88 | 7 | 0 |
| Anna Maria Campos | M1 | 39 | 1 | 0 |
| Marianna Arcangeletti | M1 | 53 | 16 | 0 |
| Maria Claudia Moreira | M2 | 8 | 0 | 0 |
| Gabriella Moreira | M1 | 12 | 2 | 0 |
| Luísa Rios | M4 | 146 | 0 | 0 |
| Julie Hill | N1 | 27 | 12 | 0 |
| Malu Camargo Danin | M2 | 103 | 9 | 1 |
| Marine Moreira | N1 | 44 | 9 | 2 |
| Thalita Allana | N1 | 23 | 12 | 0 |
| Reyla Ferreira Mendes | M2 | 52 | 7 | 0 |
| Sérgio Augusto | N1 | 87 | 32 | 2 |
| Carolina Aguiar | N1 | 106 | 12 | 0 |
| Vívia Grace | N1 | 220 | 2 | 1 |
| Jhenifer Pinheiro | N1 | 291 | 36 | 3 |
| Rayssa Morais | N1 | 623 | 55 | 29 |
| Tarsila Colichio | N1 | 311 | 37 | 21 |

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS NO GOOGLE FORMS



The image shows a screenshot of a Google Forms survey. The browser address bar at the top displays the URL: <https://docs.google.com/forms/d/1F8b2p6vks1aW1k044AabR2R1C2WMAjPm814Nk0e4>. The form title is "REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM". Below the title, it says "Questionário para coleta de dados Métricas". The form contains the following questions:

Situação acadêmica

- Aluno
- Egresso

Sexo *

- Masculino
- Feminino

Idade *

Selecione sua idade

Você apresenta (va) trabalhos acadêmicos interdisciplinares na Semana de Moda da Universo?

8. Como você descreveria a sua experiência ao apresentar seu trabalho?

() muito ruim () ruim () boa () muito boa

9. Qual o nível de importância que este trabalho teve na sua formação profissional?

() Pouquíssima importância () pouca importância () muita importância () muitíssima importância

10 - Cite três habilidades que você acha que aprendeu com a apresentação do seu trabalho?

1- _____

2- _____

3- _____

11 - No processo de preparar o trabalho qual foi o nível de importância do professor?

() Pouquíssima importância () pouca importância () muita importância () muitíssima importância

12- Na apresentação do trabalho, qual foi o nível de importância do professor?

() Pouquíssima importância () pouca importância () muita importância () muitíssima importância

13- Cite três aspectos do trabalho (preparação ou apresentação) em que o professor contribuiu para sua aprendizagem?

1- _____

2- _____

3- _____

14 - Você usa redes sociais?

() nunca () quase nunca () quase sempre () sempre

15 - Se sim, enumere de 01 a 03 por ordem, quais redes sociais você usa com maior frequência?

() *Facebook*

() *Whatsapp*

() *Instagran*

() *Linkedin*

() *Workout*

() Outros. Especifique: _____

16. Quantos minutos por dia você acha que usa com as redes sociais?
_____ minutos.

17. Onde você costuma acessar mais a internet?

() Casa

() trabalho

() Escola

() outros. Especifique: _____

18. Quando você acessa a internet, você usa:

- dados móveis
 conexão sem fio

19. Com que frequência você faz postagens nas redes sociais?

- nunca quase nunca quase sempre sempre

20- Se você fosse fazer uma média semanal, quantas postagens você avalia que faz por semana? _____ postagens por semana.

21. De 1 a 4 como você avalia positivamente o professor que pede para você postar trabalhos em redes sociais?

Pouco 1 2 3 4 Muito

22. De 1 a 4, o quanto você sente-se ou sentia-se preparado(a) para postar trabalhos acadêmicos em redes sociais?

Pouco 1 2 3 4 Muito

23 . De 1 a 4 , o quanto você acha importante a divulgação de seus trabalhos acadêmicos em redes sociais?

Pouco 1 2 3 4 Muito

24. De 1 a 4 como a publicação de trabalhos acadêmicos de forma interdisciplinar pode contribuir para sua aprendizagem?

Pouco 1 2 3 4 Muito

25. Na sua opinião os alunos se beneficiam da interação oferecida pelas visualizações dos trabalhos postados pelos alunos do curso?

- nunca quase nunca quase sempre sempre

26. Na sua opinião a divulgação de trabalhos acadêmicos na área de moda tem colaborado para o processo de ensino e de aprendizagem?

- nunca quase nunca quase sempre sempre

Agradecemos muito sua colaboração!

APÊNDICE D: DADOS COLETADOS PELO GOOGLE FORMS



APÊNDICE E: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O GRUPO FOCAL DOS PROFESSORES

Grupo Focal do Projeto de Pesquisa / Professor

Prezado (a) professor (a):

Este grupo focal enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Educação, realizada com Professores, alunos e egressos do curso de Design de Moda da Universo/Campus Goiânia, e visa avaliar quais as expectativas ou experiências do professor e do aluno em relação ao uso do *facebook*, como uma rede social auxiliando a mediação do processo de ensino e aprendizagem na universidade. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (dissertação de Mestrado), sendo importante realçar que as respostas dos entrevistados representam apenas a sua opinião e não do curso. Por isso, solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões da entrevista.

Entrevista gravada no grupo focal com professores por meio de um grupo de Facebook:

01. Há quantos anos você trabalha com o curso de Design de Moda na Universo?

02. Quantos trabalhos interdisciplinares já avaliou no curso?

03. Você foi a favor da mudança que transferiu os trabalhos disciplinares presenciais para trabalhos *on line*? Por que?

04. Você ainda mantém essa posição?

05. Em sua opinião, quais são as dificuldades enfrentadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem dos alunos nos trabalhos interdisciplinares no curso de Design de moda da UNIVERSO?

06. Qual a sua opinião sobre o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos com a mudança dos trabalhos interdisciplinares avaliados pelas publicações no *Facebook*?

Exemplo: Houve maior participação dos alunos? Facilitou a interação dos grupos? Facilitou a avaliação dos professores? Foi um avanço? Não mudou nada, foi apenas mais uma ferramenta? Etc.

07. Você se considera um adepto das redes sociais? Quais mais usa no seu dia a dia?

APÊNDICE F: PRINT DO GRUPO FOCAL PELO GRUPO DO FACEBOOK

The screenshot shows a Facebook group chat interface. The group name is "Grupo Focal Heide Socioa" and it has 8 members present. The chat history includes the following messages:

- Goça Terrie** (10:20 am): "Obrigado colegas. Todos responderam e contribuíram muito para a temática em questão. A segunda questão é sobre a Semana da Vida virtual. Você foi a favor da resolução que defende os trabalhos disciplinares presenciais para trabalhar on line? Por quê? Você ainda mantém essa posição?"
- Elisvânia Martins** (10:20 am): "Tenho duas opiniões sobre esta questão. Acho que ainda há limitações pelo qual preferimos, de formação de carga horária presencial das disciplinas. Há uma oportunidade de marcarmos as atividades dos alunos. Há uma saída inteligente."
- Elisvânia Martins** (10:20 am): "No entanto, no processo de aprendizagem a distância por AVA, tem como aspecto negativo a falta de interação direta com outros colegas. A socialização presencial favorece uma maior motivação, interação que resultam do contato entre alunos. O mesmo acontece com a interação aluno-professor."
- Elisvânia Martins** (10:20 am): "Além do mais, mesmo que seja possível criar um maior de população online através de novos recursos, ainda há muitos alunos que possuem dificuldades e não conseguem acompanhar a atividade com a frequência desejada."
- Elisvânia Martins** (10:20 am): "Acho que se não for a mesma para o EAD, talvez, vamos usar os ambientes virtuais e educação à distância para resolver um problema, tendo os AVA como resultado para a resolução de situações acadêmicas. Tipo assim: "Temososos seus castos", a sua"

At the bottom of the chat, there is a text input field with the placeholder "Digite uma resposta..." and a "Responder e falar" button. The right side of the screen shows a list of group members and a sidebar with various Facebook navigation options.

ANEXO A: FOLDER DA SEMANA DE MODA VIRTUAL DE 2015/1



20ª SEMANA DE MODA – BE VIRTUAL
EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ONLINE

Orientação para os alunos do 1º, 2º, 3º e 4º períodos: matutino e noturno.

- 1º Período (trabalho de oficina de produção ou montagem)
2º Período (trabalho de comunicação de moda)
3º Período (trabalho de pesquisa e criação de moda ou estamparia)
4º Período (trabalho de estilos de época, look infantil)

1. TODOS os alunos deverão fotografar os looks (trabalhos) produzidos no semestre. Escolha o seu melhor trabalho para a exposição online.
2. TODOS os alunos deverão providenciar seus próprios modelos fotográficos, seja para foto de look, bolsa ou infantil. (não é necessário modelo profissional)
3. TODOS os alunos devem usar seu próprio celular (câmera) para a foto.
4. TODOS os alunos devem postar a foto do trabalho na rede social **FACEBOOK** com o texto: Trabalho apresentado na semana de moda Universo goiânia. Segundo de hashtag: – #semanademoda20
5. TODOS os alunos **individualmente** devem postar a foto do trabalho, mesmo os trabalhos em grupo devem ser postados separadamente para cada integrante do grupo.
6. Todos os alunos devem postar junto com a foto a seguinte ficha técnica.
Nome:
Período:
Disciplina:
Disciplinas envolvidas:
7. TODO aluno que postar o trabalho e seguir as regras acima receberá 15 horas complementares.
8. Os três alunos que receberem mais likes nos seus fotos, receberão 25 horas complementares.
9. A conferência das cartelas nas fotos serão feitas no dia 25/06.

Prof. Ms. Rogério Flório
Gestor da Área de Design de Moda
UNIVERSO – Campus Goiânia

ANEXO B: TGI

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – CAMPUS GOIÂNIA CURSO DE DESIGN DE MODA

Universo Fashion 23 – Cerrado Fauna e Flora.

2/2016 – 6^o. Período

Profa. Eliecília

I. APRESENTAÇÃO

O *Universo Fashion* é um trabalho interdisciplinar que é realizado no 6º período do curso de Design de Moda para conclusão do mesmo. Deu-se início em 2/2005, objetivando o desenvolvimento teórico-prático da atividade profissional do designer. Constitui-se na construção de um projeto de coleção experimental (book) de forma metodológica e objetiva, exposição do mesmo por artigo e exposição de moda organizado pelos próprios alunos. O resultado é apresentado e avaliado por todas as disciplinas do período envolvidas no processo.

II. OBJETIVOS

- Ampliar o universo cultural, o trabalho integrado e interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, a produção coletiva e a construção de projetos de estudos.
- Possibilitar o redimensionamento da relação teoria-prática.
- Abrir novas perspectivas de formação para os alunos de Design de Moda.
- Oportunizar o trabalho em grupo, os intercâmbios e as trocas de experiências.
- Estimular a crítica e a reflexão visando autonomia dos alunos em relação às práticas.

III. HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

- Capacidade criativa para propor soluções inovadoras, utilizando o domínio de técnicas e de processo de criação;
- Domínio de linguagem própria expressando conceitos e soluções, em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual;
- Capacidade de interagir interdisciplinarmente, de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em grupo na elaboração e execução de pesquisas e projetos;
- Visão sistêmica de projeto, manifestando capacidade de conceituá-lo a partir da combinação adequada de diversos componentes materiais e imateriais, processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto;
- Domínio das diferentes etapas do desenvolvimento de um projeto, a saber: Definição de objetivos, técnicas de coleta e de tratamento de dados, geração e avaliação de alternativas, configuração de solução e comunicação de resultados;
- Conhecimento do setor produtivo de sua especialização, revelando visão do mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias;
- Capacidade de criar vestimentas, retratando traços culturais da sociedade.
- Visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos sócio-econômicos e culturais, revelando consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade.
- Capacidade de usar métodos e técnicas de desenvolvimento de projetos, meios de representação, comunicação e informação, estudos das relações, estudo de materiais, processos, gestão e outras relações com a produção e o mercado;

IV. PARTICIPANTES

- Todos os alunos que estiverem cursando o 6º período do Curso Design de Moda da UNIVERSO. Bem como os alunos com inclusão de pelo menos **uma** das disciplinas – **Projeto Experimental I, Criação e Desenvolvimento de Coleção e Produção de Moda.**
- O trabalho deverá ser realizado individualmente.

V. ESTAÇÃO: OUTONO/INVERNO 2017

VI. TEMA

- Tema do Evento: **Cerrado Fauna e Flora.**
- Tema de Coleção: O tema é o mesmo escolhido, pelo aluno, no 5º período, não podendo ser substituído no 6º período.

VII. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- Roupas
- Exposição (evento);
- Vídeo
- Livro
- Defesa oral na Semana de Moda

VIII. AVALIAÇÃO DO TRABALHO

A - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO (BANCA DE ROUPA PARA A EXPOSIÇÃO)

A avaliação dos *looks* será *qualitativa (aprovados ou reprovados) e quantitativa*. Os *looks* serão avaliados nas bancas de aprovação dos mesmos e acompanhamento do professor orientador, em cada disciplina.

O aluno deverá produzir 01 (Um) *look* que será apresentado em evento de moda – Universo *Fashion*.

- Criatividade e originalidade
- Adequação ao tema
- Utilização de materiais adequados (fidelidade aos materiais escolhidos previamente)
- Modelagem
- Acabamento
- Coerência com o croqui apresentado previamente
- Identidade (relação entre os dois *looks* e o restante da coleção)
- Composição visual (modelo adequada, acessórios, combinação de cores, cabelo e maquiagem)

B - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DOS LOOKS EM ESPAÇO COMERCIAL

- A avaliação da exposição será conforme funções definidas em sala de aula e postura pró-ativa do aluno, antes, durante e pós-evento na Disciplina Organização e Produção de Eventos.
- Qualidade técnica (iluminação, trilha sonora, som, vídeo) estética geral (manequins, ordem, recepção, brindes, área reservada para convidados).

C - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO ORAL (interdisciplinar): Avaliação da defesa oral se dará por banca na semana de moda e sua nota interdisciplinar (2,0 pontos) será inserida na avaliação da prova de V2. (NOTA INTERDISCIPLINAR)

- Demonstração de confiança e segurança nas explicitações e quando questionado. Domínio do tema, com fundamentação teórica, embasando com autores saindo do senso comum. – *De 0,0 a 0,4 pontos;*
- Produto – Transmissão do tema, composição visual. Qualidade de construção dos produtos; Ergonomia, criatividade e originalidade. *De 0,0 a 0,4 pontos;*
- Pontualidade. Utilização do tempo de forma adequada e permanência ao assunto proposto (10 minutos). Apresentação do trabalho de forma clara, precisa e direta, com clareza de objetivos e importância do trabalho como um todo, demonstrando real envolvimento com a pesquisa. – *De 0,0 a 0,4 pontos;*
- Capacidade de análise teórica-prática, crítica e reflexão sobre o assunto. Utilização da Linguagem correta, ausência de erros gramaticais e ortográficos, técnica e científica; domínio do assunto no que se refere à produção global do trabalho, capacidade de argumentação, de exemplificação e de ligação entre as partes. – *De 0,0 a 0,4 pontos;*
- Sequência lógica dos slides, permitindo uma visão e compreensão do trabalho. Estética do pôster. Autenticidade e criatividade na organização. – *De 0,0 a 0,4 ponto.*

Nota interdisciplinar para V2 de todas as disciplinas do período será formulada na apresentação oral na semana de moda. 2,0 pontos

IX. CRONOGRAMA/ PROFESSOR RESPONSÁVEL

| <input type="checkbox"/> BANCAS DE APROVAÇÃO DOS LOOKS | |
|---|--|
| 06/10 | Obs.: O aluno que não comparecer na 1ª banca, no respectivo horário, conforme cronograma apresentado pelo professor, não poderá participar da exposição. * A 2ª banca (data a ser marcada) destina-se somente à avaliação de casos de correções (se necessário) nos looks já avaliados na 1ª banca. |

| <input type="checkbox"/> TEXTO FINAL PARA O LIVRO | |
|--|---|
| 21/10 | Trabalhos não serão objetos de avaliação. |

| |
|--|
| <input type="checkbox"/> Semana de Modal: <u>07 a 11 de novembro de 2016</u> |
| <input type="checkbox"/> Evento de Moda: Universo Fashion 23 :18 a 20 de novembro de 2016 |

| <input type="checkbox"/> Profª. Ana Paula Vilela Soares / Produção de Moda | |
|---|--|
| Cartela Cores/Combinação de Cores | |
| Casting | |
| Acessórios | |
| Beleza: make e cabelo | |
| Ordem definida da sequência dos looks | |

| <input type="checkbox"/> Profª. Ildeth Dias / Criação e Des. Coleção | |
|---|-----------------|
| Seleção do look | O8 a 19/ago |
| Seleção de materiais | 22/ago a 02/set |
| Apresentação de protótipo | 05 A 09/set |
| Banca dos looks (mesmo dia da 2ª chamada de V1) | 06/out |

| <input type="checkbox"/> Profª. Graça Torres / Organização e Prod. Eventos | |
|---|----------------------|
| Projeto de Patrocínio | 05 a 09/set |
| Organização do desfile | TUDO SEMESTRE LETIVO |

| <input type="checkbox"/> Prof. Rogério Flori - Desenho e Ilust. de Moda | |
|--|------------------|
| Conclusão da representação gráfica da coleção (croquis) | Na prova de V1 – |
| Fotografia e vídeo dos looks | 13/out |

| <input type="checkbox"/> Profª. Elieciília Martins - projeto Experimental | |
|--|---------------|
| Texto para o Livro | 04 a 09/04 |
| Último Prazo para texto revisado | 18 a 24/04 |
| Apresentação Oral do trabalho em banca semana de moda (V2) | 02/05 a 06/05 |

| <input type="checkbox"/> Profª. Daniela Moreira / Ergonomia Aplicada | |
|---|----------------------|
| Parecer ergonômico do look para exposição. | após banca de roupa. |
| Fichas Técnica do look para exposição. | após banca de roupa. |

ANEXO C: FICHA DE AVALIAÇÃO DO TGI PARA DO 3º PERÍODO DE DESIGN DE MODA

**Avaliadores: prof. xxxxxxxx
Sala XXX**

professora xxxxxxxxxxxx

| ▪ Critérios a serem observados e avaliados na apresentação do trabalho | | | | | | | | | | |
|---|--------------|---------------------------|-----------------------------|--|-------------------------------------|--|------------------------------|----------------------|------------|-------------|
| <p>1. Pontualidade – comprometimento com o uso do tempo, iniciando e terminando no horário estipulado.</p> <p>2. Tempo de apresentação – uso adequado do tempo: 10 minutos</p> <p>3. Segurança na apresentação – postura, apresentação pessoal e linguagem utilizada na defesa do trabalho.</p> <p>4. Domínio conceitual do tema - demonstração de conhecimento por parte do (a) aluno (a) sobre o tema, conceitos abordados e sua transposição.</p> <p>5. Apresentação em Power Point – estrutura, roteiro, diagramação, coerência e qualidade das imagens.</p> <p>6. Referências Bibliográficas e citação na fala.</p> <p>7. Unidade visual da coleção (croquis) - coleção de 06 <i>looks</i> por aluno, independente da quantidade de alunos por grupo. Individual: 12 <i>looks</i> por aluno. PRODUTO: construção de 01 look por aluno.</p> <p>8. Capacidade de transposição de acordo com o estilo de vida, marca de referência e tema de coleção.</p> <p>9. Criatividade e originalidade – as propostas dos experimentos apresentados evidenciam aspectos que denotam o uso da criatividade (conceitos, composições, inovações).</p> <p>10. Modelagem e acabamento – produto com pontos de costura firmes, regulares e boa limpeza./ Bom caimento e vestibilidade da peça/ Adequação e aplicação correta dos aviamentos.</p> | | | | | | | | | | |
| Nome do aluno | Conceitos | | | | | | | | | Observações |
| | Apresentação | | | | | Produto | | | | |
| | Pontualidade | Segurança na apresentação | Apresentação em Power point | Referências bibliográficas e citação na fala | Unidade visual da coleção (croquis) | Capacidade de transposição de acordo com o estilo de vida, marca de referência e tema de coleção | Criatividade e originalidade | Modelagem acabamento | Nota Final | |
| Valor do item (pontos) | 0,2 | 0,3 | 0,2 | 0,2 | 0,2 | 0,3 | 0,3 | 0,3 | | |
| 1. Laís Barbosa | | | | | | | | | | |
| 2. Laís Regina | | | | | | | | | | |
| 3. Gabriella Moreira | | | | | | | | | | |
| 4. Maria Cláudia | | | | | | | | | | |
| 5. Thalita Allana | | | | | | | | | | |
| 6. Cleide Antunes | | | | | | | | | | |
| 7. Marcia Mayumi | | | | | | | | | | |
| 8. Luisa Rios | | | | | | | | | | |
| 9. Flávia | | | | | | | | | | |
| 10. Jordana Tavares | | | | | | | | | | |
| Avaliadores | | | | | | | | | | |
| Nome | Nome | | | | | Data | | | | |
| Assinatura | Assinatura | | | | | | | | | |

ANEXO D: ANUÊNCIA DA UNIVERSIDADE



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 1283 de 08/08/93, publicada no D.O.U. de 08/08/93
Mantida pela Associação Salgado de Oliveira de Educação e Cultura (ASOEC)

www.universo.edu.br

DECLARAÇÃO

Declaro ter lido e concordado com o projeto de pesquisa **REDES SOCIAIS COMO MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM** de responsabilidade da pesquisadora **Maria das Graças Fernandes Torres** e declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Estou ciente que a execução deste projeto dependerá da aprovação do mesmo pelo CEP da instituição proponente, mediante parecer ético consubstanciado e declaração de aprovação.

Goiânia, 07 de abril de 2016.

Tatiana Regal Dutra Diesel
TATIANA REGAL DUTRA DIESEL
Diretoria Geral – Universo Goiânia